

EVANGELHO ETERNO (Apocalipse, 14, 6)

PRINCÍPIO OU DEUS – Essência Divina Onipresente, Onisciente e Onipotente, que tudo origina, sustenta e destina, e cujo destino é a Reintegração Total. O Espírito e a Matéria, os Mundos e as Humanidades, e as Leis Relativas, retornarão à Unidade Essencial, ou Espírito e Verdade. Se deixasse de Emanar, Manifestar ou Criar, nada haveria sem ser Ele, Princípio Onipresente. Como o Princípio é Integral, não crescendo nem diminuindo, tudo gira em torno de ser Manifestador e Manifestação, tudo Manifestando e tudo Reintegrando. Eis o Divino Monismo.

ESPÍRITO FILHO – As centelhas emanadas, não criadas, contêm TODAS AS VIRTUDES DIVINAS EM POTENCIAL, devendo desabrochá-las no seio dos Mundos, das encarnações e desencarnações, até retornarem ao Seio Divino, como Unas ou Espírito e Verdade. Ninguém será eternamente filho de Deus, tudo voltará a ser Deus em Deus. Esta sabedoria foi ensinada por Hermes, Crisna e Pitágoras. Jesus viveu o Personagem Inconfundível de VERBO EXEMPLAR, de tudo que deriva do UM ESSENCIAL e a Ele retorna como UNO TOTAL. O Túmulo Vazio é mais do que a Manjedoura. (Entendam bem).

CARRO DA ALMA OU PERISPÍRITO – Ele se forma para o espírito filho ter meios de agir no Cosmos, ou Matéria. Com a autodivinização do espírito, ao atingir a União Divina, ou Reintegração, finda a tarefa do perispírito. Lentíssima é a autodivinização, isto é, o desabrochamento das Latentes Virtudes Divinas. Tudo vai aumentando em Luz e Glória, até vir a ser Divindade Total, União Total, isto é, perdendo em RELATIVIDADE, para ganhar em DIVINDADE.

MATÉRIA OU COSMO – A Matéria é Essência Divina, Luz Divina, Energia, Éter, Substância, Gás, Vapor, Líquido, Sólido. Em qualquer nível de apresentação é ferramenta do espírito filho de Deus. (É muito infeliz quem não procura entender isso).

UNIÃO DIVINISTA
www.uniaodivinista.org

OSVALDO POLIDORO

Um Médiu de Transportes

OSVALDO POLIDORO

***Um Médium
de
Transportes***

DEUS

Eu Sou a Essência Absoluta, Sou Arquinatural,
Onisciente e Onipresente, Sou a Mente Universal,
Sou a Causa Originária, Sou o Pai Onipotente,
Sou Distinto e Sou o Todo, Eu Sou Ambivalente.

Estou Fora e Dentro, Estou em Cima e em Baixo,
Eu Sou o Todo e a Parte, Eu é que a tudo enfaixo,
Sendo a Divina Essência, Me Revelo também Criação,
E Respiro na Minha Obra, sendo o Todo e a Fração.

Estou em vossas profundezas, sempre a vos Manter,
Pois Sou a vossa Existência, a vossa Razão de Ser,
E Falo no vosso íntimo, e também no vosso exterior,
Estou no cérebro e no coração, porque Sou o Senhor.

Vinde pois a Meu Templo, retornai portanto a Mim,
Estou em vós e no Infinito, Sou Princípio e Sou Fim,
De Minha Mente sois filhos, vós sereis sempre deuses,
E, marchando para a Verdade, ruireis as vossas cruces.

Não vos entregueis a mistérios, enigmas e rituais,
Eu quero Verdade e Virtude, nada de “ismos” que tais,
Que de Mim partem as Leis, e, quando nelas crescerdes,
Em Meus Fatos crescereis, para Minhas Glórias terdes.

Eu não Venho e não Vou, Eu sou o Eterno e o Presente,
Sempre Fui e Serei, em vós, a Essência Divina Patente,
A vossa presença é em Mim, e Quero-a plena e crescida,
Acima de simulacros, glorificando em Mim a Eterna Vida.

Abandonando os atrasados e mórbidos encaminhamentos,
Que lembram tempos idólatras e paganismos poeirentos,
Buscai a Mim no Templo Interior, em Virtude e Verdade,
E unidos a Mim tereis, em Mim, a Glória e a Liberdade.

Sempre Fui, Sou e Serei em vós a Fonte de Clemência,
Aguardando a vossa Santidade, na Integral Consciência,
Pois não quero formas e babugens, mas filhos conscientes,
Filhos colaboradores Meus, pela União de Nossas Mentes.

ÍNDICE

ASSIM ACONTECERA.....	10
DE TUDO CHEGA A HORA.....	16
COISAS DE SINHÁ MARTA.....	20
AO RÉS DA VIDA.....	38
CORRIAM OS DIAS.....	44
SIMPLESMENTE UM NOVO CASAMENTO	52
TUDO É DA VIDA.....	66
A VIAGEM DE NÚPCIAS	76
GLÓRIAS MEDIÚNICAS.....	80
SOBERANA É A LEI.....	88
PAISAGEM TUMULAR.....	92
O CARMA DETERMINA.....	96
VEREDAS DA VIDA	100
O RESGATE DE ANA.....	104
CONSEQUÊNCIAS SANTIFICANTES	118
AOS DESEJOSOS DE SABER.....	124
LIVROS INDISPENSÁVEIS	126

ASSIM ACONTECERA

Assim de fato acontecera — Ana, a querida esposa, depois de meses de tormentosa doença mental, encaminhando-se ao penhasco que montava divisa lá nos confins da fazenda, bem lá nos fundões onde também desaguava certo riacho, por ele se lançara, indo perder-se por entre as águas em revoloteio, nunca mais se tendo dela notícia.

Não mais se lhe podia sondar os passos, porque noite e dia era aquele andarilhar sem fim, falar sozinha, discursar, afrontar, contender, para logo mais cair em dolorosa quebrantura moral, angustiada prostração de corpo e alma. Vivia livre, à vontade, pois de si nunca demonstração dera de que pudesse um dia fazer o que fez ou tornar-se perigosa. Aos quinze meses de tormenta, cauterizados todos na dor, não mais se lhe davam atenção, sem ser a respeito daquilo que lhe dissesse comer, vestir, higienizar-se.

Quanta amargura, meus Deus! De lembrar se me enfronha a alma no negror das brumas que a memória teima em reviver fazendo que meus olhos de espírito se marejem. Mas se assim foi, contemo-lo então, ainda que sob o pélagos de torturas cruciantes. Afinal, não sei de quem tenha vivido alheio ao manto de grilhões os mais felícos. E não seria eu, é claro, o primeiro em favor de quem abrisse a vida direito ímpar de precedência.

Os anos lá se vão, ou nós por eles, e com isso o feliz desembargo; Ana, hoje, meiga e amiga, refeita em face das leis superiores, ou em face de si mesma, o que é mais exato, marca tempo nos serviços de socorro, ora espargindo aquelas dádivas que o Pai Comum nos lança em mãos, ora extraíndo de si, de suas experiências, o com que ofertar lições a irmãos ainda viajores de primordiais caminhadas pelos sendeiros da consciência individual. Bem faz quem aproveita as dores bem curtidas! Convertê-las em jóias da alma pelas lições que encerram, eis o único mérito de sofrer. Fora isso, favas à dor! E se por inteligência, puder alguém esquecer-se de que tal monstro existe, tanto melhor.

Enquanto isso, enxugo meu pranto... Bem se vê que percorro caminhos por legiões e legiões de irmãos já percorridos. Enxugo meu pranto e prossigo narrando, porque para isso fui chamado, por aqueles que do Senhor Planetário mais vizinhos são, por evolvi-mento, e que, por isso mesmo, dando guarida a Seus Desígnios, em favor do Consolador prometido, buscam ofertar todos os testemu-nhos, para que um dia, o mais cedo possível, a face obumbrada da Terra se apresente com rasgos de claridade que jamais tenham fim.

Meus dias então, depois que Ana desaparecera no turbilhão das águas, transformaram-se em programa de horror a sorver. Chego a pensar, ainda, como os terei suportado! E diz-me qualquer coisa à consciência, que se não fora a benção das amizades astrais, em, serviço de tutela, também teria sucumbido. É certo que, ao cabo de ano e meio a contar da triste jornada, as luzes do céu se me foram tornando próximas e pródigas em contatos sublimes e suavi-zantes; mas, até então, como terei suportado o azedo de tamanho cálice?!...

Sabe Deus o que é de justiça.

E por assim ser, por ser de justiça, sangrei os pés nos calhaus abismais, tirei de mim o que parecia não ter, venci um tempo e consegui enfrentar-me, mais tarde, sem ter de que me envergo-nhar. Eu devia e tinha de pagar... Havia semeado a dor em seara alheia, havia conspurcado o lar alheio, dera-me em outros tempos a causar horrores e loucura.

Eu e Ana, em vida anterior, sendo responsáveis por dois lares, tendo sobre o que pesar com as atitudes menos elegantes, nem por isso nos demos a respeitar o que manda o espírito da Lei; abandonando os respectivos lares, deixamos de um lado uma mãe e dois filhinhos e de outro um pai e seis rebentos, todos entre-gues ao mar das incertezas e aos aguilhões do desespero. Afronta e opróbrio foi a farta semeadura de nossos dias! E como não ter de pagar? Já disse alguém que é fácil, cômodo e aparentemente respeitável, praticar um ato material e ofertá-lo a Deus, à guisa de religião. Com isso chegar a sentir desobrigada a própria função de obrigação espiritual. Mas, quem disse que o Céu pediu isso? Quem foi que serviu a Deus, colocando ofertas materiais em lugar de ações decentes?

Fosse espiritualidade o ato de oferta material, e eis que os abismos não teriam a que instância judiciária prestar serviço! Contivesse regular soma de respeito o fato de estarmos de acordo com o próprio modo de pensar, quando cremos em doações exteriores, e todos os paganismos de todos os tempos teriam feito a emancipação do espírito que transita há centenas de milhares de anos pelas brenhas da terra sólida e pelos vales das regiões astrais. No entanto, felizes, bem felizes, somente aqueles que se valeram da senha única — o amor no trato para com os seus irmãos de jornada.

Sou disso testemunha cem por cento. Esqueci o dever para com o meu lar, abandonando mulher e filhos, sem contudo deixar ao léu das cogitações a dobragem de joelhos diante de altares e outras contrições do menu litúrgico. Dizia para comigo, que todo homem tem direito a um tanto de cauda, conquanto não implique isso em abandono das coisas da fé. Mas assim não determina a Ordem Suprema. E não tendo força de Lei o que é feito pelo homem à revelia da Lei, só tinha de fato de esbarrar nas próprias ações. E esbarrei de maneira violenta! Foi um tranco cruel, sofrido em face de meu equilíbrio o mais íntimo, um choque que me atirou por inteiro aos braços das trevas! Foram anos de romagem dolorosa pelos rincões inferiores, onde trevas e gemidos, uivos lancinantes e anátemas se oferecem em catadupas apocalípticas.

Um milhão de vezes é preferível qualquer dor das de que pode ser ofertante a vida na carne! Todas as lepras, todos os cânceres, nunca somariam em igual ao que se herda por valados tais! De par com a turbulência física, porque há um físico, levantam-se, de dentro do ser avalanches de monstruosas coações de ordem espiritual, moral e mental, a ponto de enlouquecer, se fosse, se para tanto tivesse mérito o infeliz viajor de tais plagas! A loucura seria uma benção.

Não obstante tamanha investidura infernal, ainda vim de ter de perder, em futura vida, ao objeto de todos os caminhos de minha alma. Não atribuo senão a Deus, tanto que a amava, a graça de ter vencido a tão cruel transe. Todos os apoios de familiares e conhe-cidos, principalmente de dois filhinhos que ficaram sem mãe, de nada valiam, parece que de fato não valeram em coisa alguma. O que valeu é que eu tinha de sofrer, tinha de resgatar-me.

Passei noites à beira do rio, subi um milhão de vezes ao alto da penha, fiz mil pensamentos escabrosos por dia; mas nunca tive coragem para atirar-me grotas abaixo, esfrangalhar-me nas quinas rochosas, depois sumir no estrondar das águas.

No entanto, que maravilhosa era a paisagem! Naquele confirm da fazenda, o estuário em que se convertia aquela infusão de belezas, sobre o que fosse faria a alma estrugir, menos porém rumo a coisas tétricas. As águas em revolta, desfaziam-se em estrondos e espumas, repiques e coroas alvíssimas por cima de dorsos e lajeados milenares, indo recuperar-se ao longe, naquele espriado remansoso e poético, atingindo a franja sinuosa da mata virgem, por entre o que, nas épocas de enchente, rumorejantemente se lançava.

Para berço de vida, isso sim estava bem. Nunca, porém, para túmulo do quer fosse, que isso saberia a sacrilégio. O belo não devia ser para as coisas vãs, e menos, muito menos ainda para o crime! A terra se testemunha como mundo embrionário em evolução, quando seus expoentes lançam mão do bom e do belo para aquele fim que é aviltamento. Nos cimos espirituais entre ética e estética não tem cabimento cogite-se em possíveis lacunas. Fatores entre si paralelos por força de virtudes, deles não lança mão o homem com o fito de profanação. A ética humana em tais paragens, é cultivar pelo amor, desenvolver pela devoção e utilizar pelo mesmo sentido santificante de vida.

No entanto, Ana fizera daquilo escárnio o seu sarcófago e a minha cela de penas e lágrimas. Minha mente conturbada, até mesmo abalada em seus dispositivos ordinários, dera por mostrá-la a emergir das águas, a clamar, a exigir salvamento, por meio de gemidos que se perdiam na escuridão da noite e no cântico alegre do dia. Assim a vi e ouvi, de fato ou por suposição apenas. Levantava-me, espetava o poder de visão, aguçava os ouvidos... E tudo se perdia, de novo, nas brumas da noite ou nos clamores do dia.

As aves, festejando a alvorada ou lastimando o pôr do sol, e os peixes a espadanar à cata de insetos ou uns a outros, nada do que me ia pela alma sabiam. Eu curtia a minha dor, o meu tugúrio, bem ao pé daquela natureza soberba em fragrância. Do firmamento azul não sumiram as luzinhas piscantes; nem deixou de pender o sol; jamais faltou o passeio dos flocos gasosos pela tela azul do céu. O céu e a terra não tomavam conta de minhas angústias!

Enquanto o caudaloso rio de minhas penas transbordava por sobre as dunas de minhas impressões recalçadas, o mundo inteiro vivia a sua vida, o seu destino. Os programas não se confundiam, cada um valia por si.

Certo dia, penetrando cabisbaixo casa a dentro, sob o olhar triste de dois orfãozinhos que de mim deviam desejar mais, tive pela frente a figura veneranda de Sinhá Marta, mestiça de índio e português, cuja idade bordejava os oitenta.

— Sinhô, vê bem o que faz... Essas crianças não podem ser vítimas assim de sua fraqueza...

Permaneceu quieta por alguns instantes, temendo qualquer reação de minha parte, mas prosseguindo, a seguir, num assomo de coragem:

— Desculpe-me, mas já é tempo de levantar a cabeça... Esse menino e essa pequerrucha, como vê, não podem continuar assim...

Sinhá Marta tinha razão, farto estava eu de sabê-lo. Mas a vida, aquela vida foi transcorrendo, por dias e mais dias. Aquela velhinha boa era o esteio da casa, a segurança de tudo e todos. Vinha de servir a meus falecidos pais e ali estava, firme na sua envergadura de nobreza, sobranceira por sobre os anos e a alvura de seus cabelos. Cedia, pouco, muito pouco, ao guante do tempo; mas não tinha ao que apelar, como nenhum mortal tem, encarquilhando-se cada vez mais, curvando sobre si mesma o peso do corpo, a quem tanto de obrigações atribuía.

DE TUDO CHEGA A HORA

Naquela manhã invernososa, e precisamente por assim ser, dei-me ao leito por pouco mais do costume. E sonhei um sonho terno, um deleitoso deslizar por cima de nuvens, sendo que minha mãe me conduzia pela mão. Coisa estranha! Antes de acordar trouxe-me à beira do leito, havendo dito:

— Hoje à tarde, com o sol quente, vá às rochas e deite-se a ponto de dormir, ouviu?... E repetiu isso por vezes, tendo-lhe eu respondido favoravelmente, por sentir em mim mesmo que assim devia ser.

Ao acordar, naquele mesmo repente, tinha de tudo a mesma noção, a mesma certeza, a consciência exata de que assim seria o melhor e mais justo. Em minha alma reinava também um ânimo novo; um prurido de fé e novas esperanças. A vertente interna aflorava em jorros de vida e anseio de novas épocas. Eu me estudava, focalizava-me e com ou sem explicações consentâneas, ou aparentes, assim me surpreendia. O sol brilhava, de novo, nos horizontes de meus dias e de minhas obrigações!

Posto em pé, fui à cozinha, onde Sinhá Marta reinava, contando-lhe o maravilhoso sonho, todinho, detalhe por detalhe.

E ela disse suas coisas:

— Valha-me Deus!... Rezei tanto por Sinhá Áurea... Só mesmo Deus querendo e Sinhá Áurea aparecendo!...

Olhando-me bem no rosto, com aqueles olhinhos que se perdiam no fundo das covas obituárias, inquiriu:

— Sinhô, vai às rochas?... Não vá faltar!...

— Claro que irei, Sinhá Marta.

— Mas tenha cuidado!... Fique em lugar seguro...

O dia transcorreu com sabor e interesse por tudo. Vi a meus filhos com outros olhos, mimei-os, senti vergonha do já feito. Mas, que fazer, que dizer, como inculcar-me tanta culpa, se, afinal, contra mim mesmo, se levantava aquela tempestade dentro de mim?

Assim como ao homem não é dado poder contra os tufões e cataclismos telúricos, assim também nada podia contra um mal de alma que das profundezas de mim mesmo se levantava, pondo-me a vida em tresmalho.

Aquele dia, porém, foi um dia de reconquista feliz!

— Agora vou ao penhasco! disse a mim mesmo, pelas três e meia da tarde, sobraçando uns sacos de estopa, para deles fazer pelo menos travesseiro.

Desci margeando o rio, venci aqueles dois quilômetros e pouco, subi o último morro e encaminhei-me às rochas, tendo arrumado lugar seguro numa cavidade. Via apenas uma nesga do horizonte; nada do rio, só ouvindo o ronco das águas em revolta. Arranjei os sacos de modo tal, ficando com as costas apoiadas em maciez e a cabeça regularmente instalada. Procurei topar Morfeu, frente a frente.

Não sei precisamente quando tenha adormecido; mas sei que ouvi dizer, com voz firme e imperiosa:

— Tire os sacos debaixo do corpo e da cabeça!

Devolvido à consciência por advertência tão inesperada, mas feliz pelo ocorrido, atirei os sacos ao rio, calcando a cabeça na face granitosa da pedra.

E fiz, de novo, por adormecer.

Pruridos suaves, então, passaram a me acariciar todo. Era como vagar sobre nuvens, cavalgar a própria brisa, do ir ao embalo de cânticos angélicos. E saí, naturalmente que saí do corpo, vendo-o ficar para ali, deitado na frincha da rocha, como se me fora coisa de imensa importância.

Condenados aos grilhões carnis, muita vez, lastimamos o fato; em vendo a máquina para ali, como utensílio primoroso, senti o quanto lhe apreçava. Tangido por alguém, revi na minha memória a tudo quanto podia ter já feito e vivido. E senti que devia àquele instrumento um mundo todo de dívidas!

— Venha, filho! — convidou-me minha mãe, estendendo-me a mão carinhosamente. Fui com ela e permaneci no ar, sobre o rio, sentindo a alma em deleite e o corpo, porque tinha um corpo, em ponto de pluma. Era leve, feliz, superior.

— Isto, — tornou a dizer minha mãe, é o início de uns trabalhos. Temos que cooperar nos serviços de Jesus e Suas legiões amoráveis; devemos obrigações, à Terra e à sua humanidade. Você vai contribuir para espriar o Consolador no mundo, que,

como promessa do Céu à humanidade, fornecer-lhe-á informes preciosos sobre a vida e seus confins, a Terra, e o infinito que a cerca.

— Farei o que Deus queira, mamãe...

— Procure dar de si o possível, assim como tem com que fazê-lo, sem julgar jamais que Deus lhe venha a faltar com apoios. É hábito do homem atribuir a Deus a responsabilidade de suas negligências. Não quero, portanto, que pense sobre Deus com imposições quaisquer; quero que faça o possível com o que tem e pode. Deixemos as ferramentas que não temos em paz, lembrando que o bom trabalhador usa do que tem para produzir com satisfação o que lhe esteja ao alcance.

— A senhora sabe que nada entendo destas coisas...

— No fundo da mala velha, estão jogados uns livros... Tire-os para ler.

— Está bem, mamãe. E dou graças ao bom Deus.

— Naturalmente, e volte ao seu corpo.

E com isso, arrastado como que por um vendaval, dei acordo de mim; tinha a parte da cabeça dolorida, mas também tinha a alma transbordante de alegria.

Não andei até a casa; corri, ansioso por relatar a Sinhá Marta o ocorrido. E ela, marejantes os olhinhos fundos, nada disse, nada pôde dizer. Olhou para cima, como que a buscar um Deus de fora prosternando-se ante Ele, no santuário de sua alma bem formada.

Deixei-a entregue a suas meditações, indo para o meu quarto. E orei com fervor, assim como nunca tinha feito em toda a vida. Depois, revolvi a mala velha e retirei dela uns poucos de livros, dentre eles quatro espíritas e dois ocultistas, todos editados em Portugal e trazidos para o Brasil por um tio de muito falecido.

Nunca os havia manuseado; mas sempre seria tempo de o fazer. E ali começou a minha busca teórica sobre as coisas do homem, que são as coisas do espírito. Das coisas de Deus, porque são as coisas do homem. E nesse amálgama teórico-prático, de tal modo me enfronhei, de tal jeito me fiz apóstolo, que hoje, dou por graça de Deus o assim ter conseguido realizar. Porque, enquanto os sublimes ensinamentos passavam das páginas pródigas aos recessos do meu entendimento, aos arcanos de minha consciência, em evidência de ações decentes fazia por transcorrer os dias. E posso afirmar que era isso, justamente isso, o que Deus esperava de mim. Aliás, é isso o que espera de todos, pois que de palavrórios forro está o mundo, não sendo menos certo, também, estar besuntado de formalidades presumidamente repletos de virtudes absolutistas.

Todo caso, os que compram ou os que vendem tais formalidades, sejam elas de teor material ou intelectual, não provam, e nem jamais poderão fazê-lo, a eficiência de seus argumentos. Os meneios são feitos com esmero clássico, e com grande pompa a distribuição, bem assim como principesco é o preço; mas, para todos os efeitos, a comprovância do valor intrínseco é zero! Tereis sempre disso a prova, somando o número daqueles que se apresentam nos vossos trabalhos práticos, apesar das muitas regalias adquiridas, como simples viajores da inconsciência e, não raro, do desespero. E que lei salvadora é o amor! É que em Deus não prevalece o princípio de dissensão! E por ser assim, irmãos mourejam pelas regiões menos recomendáveis, e algumas até indescritíveis, apaniguados de todos os credos e matizes de credos.

A lei é simples — quem não souber, busque saber; quem souber, faça por praticar. Não se pode ser eternamente ignorante e nem negligente sem responsabilidade. A lei de progresso é um fato e a maior soma de conhecimentos implica em maior grau de obrigações. Ninguém poderia fugir a essa regra natural.

Fiz-me, portanto, bom leitor e regular praticante.

COISAS DE SINHÁ MARTA

Dias depois do sublime encontro, estando à mesa a tomar café, notei Sinhá Marta em algum alvoroço; ia, vinha, fazia trejeitos, encarava-me e lá se ía de novo, triturando pensares que sei lá. Quando uma criança lhe pediu qualquer coisa, estava alheia a si, ao meio, pairando em zonas de meditação que era difícil descobrir.

Por sondá-la inquiri:

— Então, Sinhá Marta, sonhou com algum lobisomem esta noite?

Ela, volvendo-se depressa, pondo-se estática por longos minutos, nada disse. E quando quis dizer coisa, fez um gesto de reconsideração e não falou. Foi para os seus que fazeres e, por isso, deu-se fim a um plano qualquer que lhe vagava pelo espírito.

Saindo eu para ver a porcada de raça que havia adquirido, encontrei-me com o senhor Viçosa, nordestino de muito radicado em terras do sul, casado com senhora portuguesa, pai de uma única filha, e que fazia as vezes de melhor entendido em certos empreendimentos, como por exemplo no caso dos porcos.

— Belos animais! — exclamou ele, em seguida ao cumprimento trocado.

— Valem o preço.

O homem pôs-se-me à frente, feição expansiva e amiga, convidando:

— Quer fazer o favor de me dizer, senhor Cabral, se está passando melhor ou pior? Confesso que tenho curtido preocupações por via do seu estado de alma. O senhor precisa reagir... C o n t u d o nestes últimos dias parece que tem estado diferente...

Fiz-lhe o gosto:

— Passei, é certo, por um longo tempo de amargor quase insuportável, senhor Viçosa; mas, a coisa vai passando, passando... Se Deus quiser...

— O senhor podia... — aventurou ele, vagamente.

— Sim, mas Deus é que sabe — retorqui, sem saber ao que aludir.

— É isso mesmo... — continuou, reticencioso.

Então, volvi aos porcos:

— Quando teremos a primeira cria, senhor Viçosa?

Ele contou nos dedos e sentenciou dois meses. Mas sua mente pairava em outros campos, de cometimentos, o que me fez dizer de vez:

— Quer fazer o favor de dizer-me em o que estão pensando? Lá em casa, Sinhá Marta estava embaraçada por pensamentos que não ousou declinar; aqui, encontro o amigo em situação idêntica, a planejar o que não revela. Que significa isso?

O bom homem empalideceu, mas foi dando conta do que lhes ia pela alma.

— Gosto de que me considere amigo, senhor Cabral. Comprazo-me em sê-lo, bem assim, como todos os meus. E por isso, por isso mesmo, quem sabe?... Bem podia o senhor tentar uma sessão de Espiritismo... Por que não lhe faria bem?...

E estacou, firme, francamente procurando nalguma reação do meu semblante a antevisão da resposta. E fiz-lhe ver, então, que tudo era procedente:

— E para isso era preciso tanta dúvida por parte de gente da casa?

— É que Sinhá Marta me disse umas coisas...

— De ter eu conversado com a minha falecida mãe?

— Sim, senhor... E como nós fazemos nossas sessõezinhas, às vezes, pode ser que o senhor queira tomar parte, o que para nós, seria de muito gosto.

— Que acanhamento tolo, meu amigo!

Que simplicidade! Pois temos facilidade para tudo, em meio ambiente, pessoas e conhecimentos.

— E eu a imaginar que premeditavam um terremoto!...

O senhor Viçosa sorriu, muito satisfeito, mas ponderou:

— Nem sempre é assim, senhor Cabral; a gente encontra cada coisa por este mundo de Cristo. Pois não mataram o Cristo por causa dessas coisas? Foi por andar Ele a ter tratos com os espíritos,

expelindo aos malfeitores e mantendo contatos com os benfeitores, e não por outra razão, que O pregaram numa cruz! E o senhor pensa que não fariam isso de novo, se pudessem? Ora se fariam! A ignorância é o único diabo que existe!

Eu quis passar adiante:

— E quem é médiun na sua casa, senhor Viçosa?

— Minha Augusta. Também a filha está tendo umas atuações, mas muito de longe.

Fez um lapso e acrescentou, convidativo:

— Hoje, e todas às quintas-feiras, fazemos sessões... E estaremos sempre às ordens, senhor Cabral.

Nesse íterim aproximou-se dona Augusta, sua esposa, tendo-lhe dito ele, em tom alegre:

— O senhor Cabral entende de Espiritismo. Bem nos poderia auxiliar...

Tive que lhes dizer do pouco ou nada de conhecimentos de que era possuidor, mas de estar sempre pronto, para aquilo em que pudesse ser útil. Eles deram-se a uma alegria espiritual muito intensa, com o que também me rejubilei.

E rumei para outro local da fazenda, não muito distante da casa, onde tinham plantado, havia mais de um século, talvez, algumas dezenas de jaqueiras. Eram árvores frondosas, e estavam pendentes dos galhos e ramos, belos frutos. Ali havia mandado colocar pedras muito grandes, regularmente aparelhadas, para servirem de bancos. E foi sobre uma delas, que me sentei, reclinando a cabeça num tronco, para meditar nas coisas da vida, nas do mundo e na simplicidade às vezes sem mesura, da gente do sertão.

Passava, portanto, um olho retrospectivo, no que me houvera sido forçado passar nos últimos tempos, não deixando de estimar em muito ao que me viera de ocorrer nos derradeiros dias, coisas do Céu e da Terra que vinham em demanda a meus anseios de vida, paz e ventura. E tudo começara com a visão de minha mãe. Qual a razão disso tudo? Ela havia dito que era preciso contribuir para o desenvolvimento do Consolador no seio da humanidade. Então, aquilo vinha em abono de meus interesses pessoais ou era a bem de um programa visando o bem geral? Sem dúvida que, de um modo ou de outro, estava em face de acontecimentos deleitantes o quão surpreendentes, quer para o intelecto, quer para o moral.

De onde vem isso? Para onde marchará! A que fronteiras do saber e dos anseios de alma nos lançará? E convinha com as sentenças bíblicas, com as profecias do Senhor, lembrando que tais serviços deviam ser feitos por homens, pois a quem atribuiria Deus a função de trabalho sem ser a seus filhos? Nesse caso, como em qualquer sentido de aplicação, e acima de tudo pelo montante da obrigação, tinha de haver maior necessidade de devotamento à causa. Saber e agir disciplinadamente, tal era a medida a adotar. E Deus poria as coisas no rumo certo. O que pensava era bom e o destino das coisas e dos seres, como de sempre, repousava na Sabedoria Suprema.

Causava gosto poder pensar assim. E me entregava ao devaneio, assim como a folha do arbusto margeante cai na água e é conduzida. Ia entregar-me por inteiro aos aprazíveis meditates, quando ouvi que me chamavam, de longe, de muito longe.

— Cabral! Cabral!...

Quis por-me de pé, mas não pude, não o consegui de maneira alguma. Estava preso, impossibilitado de qualquer outra ação que não fosse a da mente. Todo caso, sentia o que poderia ser, não vindo, por isso, a assustar-me.

Querendo falar e não o conseguindo, dei-me a pensar em Deus, em minha mãe, nas coisas do Céu.

E foi quando de novo ouvi:

— Cabral! Cabral!...

Mas que poderia eu fazer? Nem sequer podia responder!

E a voz prosseguiu.

— Cabral! Cabral!... Venha e veja!...

Contudo para mim mesmo pensava — mas ver de que jeito se nem posso abrir os olhos?

Depois, sem ouvir nada, sofri um arranco, um choque violento, mas sem poder atinar em que consistiria ele. Todo caso, tinha acontecido alguma coisa diferente, interessante. E fiquei à espreita, todo alerta, a ver se alguma coisa aconteceria, que me trouxesse qualquer informação.

Aconteceu mesmo:

— Venha e veja — disse-me minha mãe, aparecendo-me toda vestida de branco, e azul, sorridente e feliz, portadora de uma felicidade que parecia atingir os extremos do possível.

E querendo segui-la, pude fazê-lo. Mas ela, olhando para trás, mostrou-me o que ficara:

— Veja o seu corpo denso. E dê graças ao Senhor dos mundos e de tudo, porque isto é maravilhoso!

Olhei, vi, mas não me fez sentir nada estranho. Tudo era comum, simples, ao talante do Céu. Que fosse tudo para onde quisesse Deus.

Num repente, eis-nos em plena estrada que conduzia à fazenda próxima, de que eram donos Eliseu e Gisa, gente muito amiga. Vinham os dois a cavalo, conversando sobre nós, falando em vender-nos a fazenda.

— Interessante! — disse eu a minha mãe, reparando que os acompanhava, sem estarmos nós montados.

— Eles querem ir para outro lugar, onde possuem maior número de familiares, de sorte que, vem para lhe oferecer a fazenda. Eu quis fazer-lhe isto, para que daqui surjam outros agradáveis acontecimentos e outras ocasiões de testemunhos, a bem da Verdade. Nós, posso dizer-lhe, não perdemos tempo, quando temos em mãos encargos que nos foram entregues. Pensamos hoje para o amanhã, para depois de amanhã e por muito além, até.

— Compreendo, mamãe. E sou-lhe muito grato por isso.

— Agradeça ao Supremo Senhor e ao Seu Ungido na Terra, porque é Deles que tudo está vindo. E vamos ao seu corpo, que precisa recebê-los. Veja, estão quase a chegar.

Pensado e feito. Despediu-se ao pé de meu corpo, havendo recomendado:

— Diga-lhes do ocorrido, para servir de testemunho, ouviu?

Voltando à consciência, levantei-me e corri, mandando encilhar um animal. Este pronto, cavaleguei-o até encontrá-los, pouco além da segunda colina, junto de frondosa figueira, por baixo de que passava a estrada. Estavam sentados, marido e mulher, num tronco avantajado de perobeira, ali posto propositalmente, para o descanso dos viandantes que quisessem fazê-lo.

— Ora! Ora! — fez Eliseu, esfuziante de alegria. — Agora que o estamos a visitar vai de viagem ou passeio?

— Não, meus amigos, venho ao seu encontro... Minha mãe mandou-me fazer assim, e assim o estou executando. Ela me trouxe a vê-los quando passavam pelo areal, ao pé daquela renque

de palmeiras, justamente quando discorriam sobre a oferta da fazenda que me vão fazer. E disse-me mais minha mãe, que vão para longe, para lugar onde possuem muitos outros familiares.

Como cessasse a fala, vi-os boquiabertos entreolharem-se consultivamente, mas em extremo alegres. E Gisa, a esposa de Eliseu, balbuciou:

— Muito bem, senhor Cabral, é isso mesmo... Folgamos que se deem assim as coisas do espírito, pois somos principiantes nessas lides. Quer Eliseu ir daqui, e presto, em virtude de haver falecido seu pai. Tem o que fazer pela família.

Quando a esposa findara seus dizeres, coisa que muito me maravilhou, Eliseu, pondo-se altamente expansivo, abraçara-me e dissera-me palavras de muita consideração. E fazendo um gesto de assentimento, proferiu:

— Seja tudo como Deus e o Cristo quiserem! As Escrituras estão cheias de fenômenos assim, e os espíritos dizem que a lei é sempre a mesma, podendo-se querer a repetição dos mesmos. E eu acho, verdadeiramente, que a vantagem é nos valer das mesmas leis, elementos e oportunidades, para reproduzirmos os feitos. Falar, dizer, proclamar que os Patriarcas, os Profetas, o Cristo e os Apóstolos destas coisas foram cultores, isso não é religião. Ao que é útil e verdadeiro, deve-se honra prática!

Trocados mais uns pensamentos, eis-nos a cavalo e rumo ao meu domicílio.

Chegados, tristeza cruel invadiu-me a alma. Foi então que senti em mim vir à tona, num ímpeto irrefreável, a saudade daquele vulto adorável que era Ana. Quem faria, agora, as vezes de sua alma sociável? Onde estaria a penar a pobrezinha o triste desvario? Pelo menos, em casa não estava para ser a anfitriã modelo, a figura centralizadora de todas as atitudes distintas. Foi a custo, pois, que suportei os olhares tristes de sua amiga, a senhora Gisa, como que a procurá-la, sem achar apoio para seus sentimentos e saudades.

Ana, de qualquer forma, fazia muita falta ao meu redor! E de saber que não morre jamais o espírito, sofria em pensar sobre onde e como estaria. Foi o que em primeiro focalizei na troca de ideias:

— Como me faz falta a minha Ana! E onde estaria?...

Os dois amigos, entristecidos, nada disseram. A saudade os invadira. De outras feitas, a casa se convertia em ambiente de festa;

agora, seu vulto ausente comprimia todos os corações, tangia lugubrememente a todas as mentes.

Mas era preciso vencer. E foi com lágrimas nos olhos que pensei em minha mãe, nos espíritos do bem, por quem Deus serve aos encarnados. E a conversa girou sobre o negócio.

Eliseu sempre muito franco, e direto, disse que queria vender e o preço. Um preço deveras convidativo, dadas as condições da fazenda e seus múltiplos recursos em potencial.

Acrescentou ainda:

— Isso é para o senhor, que há de arranjar nova companheira e fazer vida de verdade... Para outro não venderia assim...

Estudou-me por um pouco e concluiu:

— E se não dispuser de tudo já, faço combinação. Afinal, quero que a fazenda fique em suas mãos. Anexada às suas terras, forma ótimo complemento.

— Sou-lhes imensamente grato. E creio que tenho com que satisfazer o compromisso de compra. Mas, por que tanta pressa em se irem daqui?

Alegaram as razões já mencionadas — necessidade de amparo à genitora, que ficara viúva.

— Nós, — disse Eliseu — de qualquer modo teremos de ir. Minha mãe ficou só e devemos-lhe muitas obrigações. Queremos, agora, ser-lhe gratos.

Quando Sinhá Marta nos chamou para o almoço, a conversa girava em torno da fazenda e suas coisas; assim, porém, que nos sentamos à mesa, Gisa recomendou:

— Agora é proibido falar em coisas subalternas... Vamos falar de Espiritismo.

Eliseu, intervindo, ventilou:

— Que o senhor Cabral diga mais alguma coisa sobre o fenômeno de hoje, porque, francamente, foi de surpreender. Nunca soube de coisa assim! O homem foi-nos ao encontro e ainda nos ouviu a conversação!...

Disse-lhes, então, como a coisa começara, lá no penhasco, a mando de minha mãe. Nada mais, porque nada tinha mais a dizer, de ordem pessoal. E enveredamos pelos relatos bíblicos, e pelas experiências de grandes vultos, para ao cabo de tudo Eliseu rematar:

— Realmente, a coisa é como é, valendo por si e não pelo seu histórico. Se nada contivesse a história em favor de tal tese, ainda assim seria como é, um fato merecedor de estudos. De minha parte, como julgo ser tudo manifestação de um PRINCÍPIO BÁSICO, ao qual chamamos Deus, a nenhum fenômeno reputo impossível, somente considerando que devemos observância a certas leis, para que possam se dar e repetir, no tempo e no espaço. E julgo, também que as características de milagre e mistério, com que os credos formais engalanam desde sempre a tais manifestações da parte dos poderes transcendentais, ou das forças ditas ocultas, muito têm prejudicado a humanidade. Afinal, uma coisa só pode ser feita daquilo que o TODO é; e sendo assim, onde o milagre? E haveria mais respeito em adular a um SER SUPREMO, por meio de rituais e besuntamentos, do que em LHE reconhecer o direito de ser a ORIGEM COMUM de tudo e todos? Ou andaria esse DIVINO PRINCÍPIO à cata de babugens formais antes que reclamando Sabedoria e Amor? O fato de os credos organizados terem sempre recorrido a programas materiais, a fim de meio de vida, pois sem dinheiro a falsa espiritualidade não sabe amar a Deus, ou fazer de conta, isso mesmo tem sido o entrave às melhores conquistas. Os Livros Sagrados fazem-nos, obrigam-nos a aceitar a fenomenologia mediúnica como o fator sine qua non da religião. Sem Revelação a Religião transforma-se em chicana. E o mundo religioso comprova-o exuberantemente, pois no íntimo, todos os credos plenos de organizações sacerdotais, vivem em função de uma arrecadação pecuniária e não espiritual. O lado espiritual, que não dá de si provas, vale apenas como figura de fachada. Moisés e o Cristo, bases da Bíblia, foram os cultores máximos do mediunismo.

Tomou um fôlego e prosseguiu, visto todos lhe ficarem à espera:

— Devemos, para tal compenetração atingir, tomar por base o feito daqueles dois grandes Chefes; porque fundamentaram suas obras em fenômenos reveladores, mediúnicos, feitos que constituíam, por si só, o testemunho de suas investidas. Moisés assombrou e convencia pelas obras fenomenais que provocava, vindo a ser o primeiro a Batizar em Espírito. Deixou um lastro de setenta homens, com mediunidade manifesta, como ponto de partida do primeiro batismo coletivo havido na história religiosa do Planeta. Não nos esqueçamos do capítulo onze do Livro de Números. E com Jesus Cristo, o renovador do Batismo de Espírito Santo, e o mais sublime enviado, tudo não se deu em bases mediúnicas?

E a renovação do Batismo, não foi toda ela profetizada? O capítulo dois do Livro dos Atos, não foi delineado por Jesus, antes da crucificação?

Tomou um trago de água e concluiu:

— E teria sido para nada, para tudo ser pelos cleros adulterado, que dois Batismos tenham sido lavrados no mundo? Onde foram buscar autoridade para fazê-lo, esses vendilhões dos templos, esses falsificadores da fé, que pelo mundo enxameiam? Porque, francamente, estudando os fundamentos deixados por Moisés e Jesus, temos que convir em uma divisa única — a estrutura espiritual por excelência, repousa exclusivamente na ação mediúnica ou revelacionista. E embora seja cansadiço repeti-lo, devemos dizer que Paulo, o grande Apóstolo, o único que prescreveu um modo de reunir aos seus missivistas, fê-lo à base dos dois Batismos. É o que aprendemos, em igualdade de condições, nos três capítulos: o onze do Livro de Números; o dois do Livro dos Atos; e, o quatorze da Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios. Gostaria de saber, em nome de que autoridade os cleros formais solaparam tais fundamentos indicados por Deus! Eu gostaria de saber, a bem do que o próprio Jesus Cristo teve o Seu Batismo de Espírito Santo, de comunhão com o mundo astral e testemunho nas ações humanas, convertido em obra de idolatria, por uma nação imperialista, cujo único intuito era pretender o domínio do mundo e afogar-se no paganismo! Sim, seria bem interessante saber, por que Roma, que viu o Caminho do Senhor ser cultivado em bases mediúnicas, até o quarto século, achou em seguida, por interesses não só subalternos mas francamente criminosos, que devia eliminá-lo! Bem houvera, pois, o Apocalipse, afiançado que uma besta se levantaria, para conspurcar o Lugar Santo, coisa que, mais tarde, reclamaria trabalhos restauradores.

Ao término de tais comentários, o almoço coincidia. Mandei, então, chamar Viçosa, que nos ofertara suas sessõezinhas espíritas, a fim de sondar no sentido de uma sessão, para a tarde, enquanto Eliseu e Gisa eram presentes. E o bom homem veio, acompanhado de dona Augusta e sua filha Catarina, com o propósito de realizar a sessão.

Foi de grande alegria para mim essa disposição do nordestino; eu nunca havia assistido a uma tal coisa. Para melhora de meu entendimento, Eliseu fez-me ler os três capítulos acima mencionados. Depois de tê-los lido, indagou-me ele:

— Diga-me agora uma coisa; que espécie de culto deixaram no mundo Moisés e o Divino Mestre?

— Sem dúvida não deixaram cultos pagãos, forjados por homens, ou doutrinas que tais, e sim o culto da Revelação, para as transações com os agentes do plano astral da vida. Isso, pelo menos, é o que se depreende da leitura dos textos bíblicos, principalmente daqueles que dizem respeito às ações de Moisés e Jesus Cristo, sendo também esse o proceder dos grandes de Israel.

E o bom amigo emendou:

— Pois o Espiritismo é a segunda e não a primeira restauração! Saiba-o quem quiser, porque é de fato assim, em face de Deus, da VERDADE e da História.

— Eu pensava que soubesse pouco em matéria de Espiritismo!...

Disse ele, então, da origem de seus conhecimentos:

— Tenho em casa, guardados, muitos cadernos que contêm grandes mensagens. Gisa é boa médiúm e eu copio as mensagens, quando os agentes comunicantes disso fazem questão.

— Gostaria de lê-las...

— Pois aprenda na própria Bíblia a fazer o seu melhor Espiritismo. Vindo imitar a Jesus Cristo, no uso dos dons mediúnicos, por certo que prosseguirá em ordem, para adquirir aquilo que Ele não pôde dizer então.

E chegou o momento de realizarmos a sessão. Foi Eliseu o seu presidente ou o seu intérprete carnal. Em minha alma, por imposição da tradição, armava confronto com a pompa vista nos templos católicos, pompa pagã; ali estava, porém, para mim, sendo revivido o Batismo de Espírito Santo. O cenário era simples, caseiro, devendo estar a repetir, também, a paisagem material vivida pelos Apóstolos, segundo o relato daqueles capítulos por mim de há pouco lidos. Configurei a cena do Pentecostes e aquela citada por Paulo de Tarso; como poderiam ser outros os cenários?

Aos poucos, fui sentindo uma invasão fluídica suavíssima, deleitosa, fazendo tudo por a ela entregar-me. Quando a não sentia mais, estava fora do corpo, a ver tudo de cima para baixo. O espetáculo era de encantar! Mas, ao longe, era de estarrecer. Muita gente desencarnada havia, que sofria horrores sem conta! E muitos ostentavam vestes e galardões que os identificavam como senhores de vanguarda nas escolas religiosas do mundo.

No momento estranhei, por saber que essa gente presume salvar aos outros com as suas mezinhas formais. A seguir, vindo minha mãe para junto de mim, convidou:

— Seu pai e outros serviços estão em certo lugar, controlando a alguém, que deve ser trazido hoje; vamos auxiliá-los?

— É Ana, mamãe?...

Ela fez um gesto lento de negação e informou-me:

— Não, meu filho; Ana perambula por região tenebrosa, porque carece de resgatar falta grave cometida. Deposite confiança em Deus, que Sua Justiça, não excede e nem negligência. Mais tarde, quando for hora, você mesmo a auxiliará. Por ora, confia em Deus e em nós, para que a sua função de crer não venha a fraquejar, diminuindo suas possibilidades. Nós precisamos, para vários serviços e feitos, de seus fluídos animais eletro-magnetizados. E o modo de pensar e sentir faz modificar a natureza das radiações. Basta um abalo impressionante, para que o tônus perca o seu equilíbrio e afete o resultado em aplicação.

— Muito interessante isso.

Atalhou ela, sorrindo:

— Mas agora não temos muito tempo para entrar em detalhes. Vamos ao encontro daqueles trabalhadores de que lhe falei.

Num arranco formidando, eis-nos em casebre, paupérrimo, junto de uma mulher de meia idade, doentíssima. Ali estava, ao seu lado, agarrado a ela, um agente espiritual de triste catadura. Não era mais um homem de feições rudes, odiento, cruel, etc.; era uma fera terrível e horrível, um monstro, um ser que, pelo mal em si nutrido e desencadeado, fora se degradando na estrutura anatômica, revolvendo em si os traços animais vividos no pretérito, a ponto de os apresentar em tom acabrunhadamente expressivos.

E como estava entranhado na pobre mulher!

— Eles, — disse minha mãe, — foram parceiros no crime. Mas foi ela que o induziu a tanto, razão pela qual, agora, procura ele vingar-se. Aí estão, mãe e filho! Ela, tendo enviuvado cedo, trilhou o mau caminho, e, depois, sobre tudo, ainda mandava ao filho que se apoderasse do alheio. Num roubo, à noite, foi morto, tendo perambulado por uns anos através de zonas horripilantes. Em seguida, em cumprimento à Lei, foi cientificado do que lhe havia ocorrido, vindo então a querer vingar-se. Como tivesse ela muito

em seu passivo, teve ele campo livre. Aí estão, faz para cima de doze anos, nesse entredevoramento geral. Ela às vezes o vê e sente, ora por ele, arrependida, mas a Justiça Suprema não se move por apelos comodistas e de última hora, regendo-se pelo reequilíbrio.

Meu pai chegou-se a mim e em transe mui feliz abraçamo-nos. Creio que Deus saberia dizer, o que se passou conosco naqueles minutos! Estava remoçado de muito, e muito mais alto do que era. Minha mãe, ela também havia crescido, se assim é justo conceber ao que se passa aqui. Porque todos crescemos, uns mais outros menos, acontecendo isso até com os que medram nas zonas não muito inferiores. Podemos aumentar ou diminuir de tamanho, bem assim como de forma, caso o desejemos; mas, em condições normais, sustentamos um tamanho que excede ao de quando éramos encarnados.

— Convoquemos os obreiros? — inquiriu meu pai.

— Nós três, somente, não o levaríamos de forma alguma. — retorquiu minha mãe.

Ato contínuo, puseram-se a pensar com firmeza. E o efeito foi a chegada, quase imediata, de cinco poderosos vultos, mas poderosos não psiquicamente. Deviam ser e eram, de fato, trabalhadores de ordem inferior, mas os indicados no momento e para o fim devido. Assim chegados, tendo atendido ao que lhes ordenara minha mãe, truculentamente arrebataram ao monstrengo, tendo-nos posto de volta, imediatamente.

Quando demos de novo entrada no ambiente de sessão, muito maior era o número de seres que presenciava ao ato. Creio que se havia multiplicado de muito. E um dos instrutores, este sim, poderosamente alto em espiritualidade, bradando aos milhares de sofridos seres, que formavam em círculo, fez-lhes tão grave, quão sublime exortação. Lembrou-lhes o caso todo, detalhadamente, firmando base nos princípios universais da Lei, perante quem ninguém é pai e nem mãe, filho e nem irmão, nem parente qualquer, sem ser em bases puras, que são as do amor e sabedoria. Resumiu tudo a uma questão de Justiça Superior, em face do que tudo e todos são iguais. Nem poderia aquele filho intervir por sua mãe, naquela conjuntura, e nem ela por ele, sem ser através das leis de fraternidade, que não obedecem ao crivo dos laços consanguíneos.

“Os por eles roubados, fraudados, vilipendiados, também são iguais perante as leis da vida!”

“Quem se julga com mais direitos, é apenas o mais insignificante!”

“A verdade não tem parentes prediletos; em seu seio não há lugar para privilégios e nem sinecuras de ordem qualquer!”

“No amai-vos uns aos outros, não cabem os conceitos de raça, credo, religião, política, etc.!”

“Ó vós que sofreis! A culpa não é de segundos ou terceiros, e sim de vós, e sim de vossas obras!”

“O reino do Céu é glória interna, só poderá ser alcançado por desenvolvimento de virtudes inatas!”

“Não encomendeis a segundos ou terceiros a vossa edificação própria! Jesus, o Exemplo Vivo, não prometeu favores a quem quer, nem disse jamais que os bens eternos seriam transferíveis!”

“Olhai, pois, para dentro de vós próprios, que aí está o tesouro celestial!”

“Do SAGRADO PRINCÍPIO partimos todos, em idênticas condições, para ganharmos o Reino da Verdade à custa de sacrifícios pessoais!”

“O dever coletivo do ser, para consigo, para com o seu próximo, para com Deus, nunca será mais e nem menos, do que em atos de Amor e Ciência. E aquele que se curvar ante as leis convencionais, as religiões de homens, os conceitos e preconceitos humanos, esse estará a chafurdar-se em trevas!”

“Quem vos livrou da tormenta, ó filhos do Senhor? Quem vos colocou em tormentas, ó filhos do Supremo Espírito? Por certo tudo se passou, e sempre se passará, em virtude de uma Suprema Lei, pois desconhece aos preconceitos do mundo, aos laços de sangue, aos crivos absolutórios forjados por homens!”

“O Deus de Justiça e Amor, que não é aquele pregado pelas religiões, mas que É o que É, esse coloca a uns nos braços de outros, a vítima no colo do algoz, o pai no regaço do filho, o milionário no seio da miséria, porque o reajustamento, a sua necessidade, paira acima dos conceitos teológicos do mundo!”

“O Amor é religião! O resto é Ciência!”

“E o Divino Modelo afirmou, em Suas obras, que pelo culto do Amor e da Ciência o homem se glorificará, não à custa de invocações teóricas estas ou aquelas. Na consciência, portanto, de que todos somos iguais perante as leis fundamentais da vida, compenetre-mo-nos de nossos deveres, para que os nossos direitos estejam, e permaneçam, garantidos. Quis o Pai, em Sua Justiça, que fôssemos os fatores de nossos próprios destinos. Não apelemos, pois, mais aos outros do que a nós mesmos, no cumprimento do dever; porque vós mesmos, que estais me ouvindo, vindes de variantes credos do mundo, e de variantes raças, e de variantes concepções sobre a Verdade!”

“Mas o ser receberá sempre segundo as suas obras!”

“E pelas vossas obras, aí tendes a recompensa; que tendes, irmãos, sem ser a dor por tugúrio, a miséria por aconchego e a desilusão por teto? Quem, pois, não fizer do bem ao próximo a sua profissão de sempre, risca-se do número dos felizes! Deus a todos, fez eleitos, e a ninguém, especial; mas fez eleitos à edificação própria. Não serão jamais achados os que entram de favor! Quem entra é todo aquele que luta por entrar — e a luta é contra a ignorância, por ser ela a origem de todos os erros!”

“Tendes, pois, como teve este infeliz irmão, parentes consanguíneos; mas não tendes mais, por vós mesmos, do que a vós mesmos e ao próximo em geral! A Lei Suprema não é divisora, sem ser entre os que obram o bem ou o mal.”

Quando o elevado mentor silenciou, minha mãe ordenou que pusessem o monstrengo junto ao meu corpo. Uma vez ali, foi preciso ser violentamente controlado. As palavras do mentor em nada o tinham convencido. Era rebelde ao extremo. Mas, em pouco sua fúria foi cedendo, porque de argumentos violentos usaram contra ele aqueles trabalhadores já citados. Deviam ser peritos na coisa. E como poderiam de outro modo proceder? Afinal, o bem tem os seus soldados e de algum modo precisam e devem agir, quando soa a hora. Se aos penitentes dizem de um modo sobre as coisas da Lei Suprema, aos impenitentes devem falar outra linguagem. Entre o bem e o mal, uma divisa há. Esta pode ser transposta pelo livre arbítrio humano mas, como uma Ordem Superior de Equilíbrio impera sobre tudo e todos, a hora chega em que Forças Organizadas necessitam intervir. De qualquer modo,

digam como quiserem créus ou incréus, um Pêndulo Supremo age acima de todas as cogitações, enveredando os homens e as coisas do Universo Infinito aos rumos devidos. Justiça é ao que devemos integral tributo. Sem Justiça, para que serviria o próprio Amor?

Bem sabemos o que se passa, no meio humano, em que, por inconsciência do que seja realmente Justiça, o amor dos pais, dos familiares, das raças e dos credos, transforma-se em vertente de separações, de ódios, de crimes de toda ordem. É de outra Justiça que tratamos, sem dúvida! Uma Justiça que, por ser Divina, não se filtra por convencionalismos humanos, por conchavismos sectários, por egoísmos consanguíneos!

Quem não participa da Sinfonia Universal, quem não ama universalmente, quem vê separação e a explora ao talante de seus desejos angustos, esse não tomará, de forma alguma, parte no banquete da espiritualidade superior. Seu próprio bem estar terreno, outra coisa não é senão podridão à qual se entrega, com prazer, em virtude de escravização tradicional, multimilenar.

E ali estava aquele infeliz irmão, brutalizado em extremo. Havia roubado ao próximo, subtraído aos outros. Fez obra de inteligência? Poderia crer que sim, quando assim agia no mundo das formas; mas o viver oferece oportunidade a um dialetismo infinito! Nem se pode considerar a vida como sendo mais e melhor na carne, ou fora dela, porque, enquanto a emancipação de fato não for organizada, para ser desfrutada em zonas superiores, sujeitos sempre seremos aos regressos, às lutas, havendo sempre razão, para apreensões.

Pai é Deus! Princípio é um só! Enquanto o ser encarnado julgar parentesco só o da carne, do sangue ou dos laços de família, bruto será! A vida nos mostra que as posições se cambiam, o quanto nos prova que existem belas amizades entre estranhos, entre criaturas de diferentes raças, credos e cores, enquanto se sustentam ódios mais que sanguinários entre irmãos! Mais que sanguinário, é claro, é o caso em face do qual nos achamos. É de um negror que nenhum derrame de sangue poderia remir, se ao crime tal condão fosse concedido.

— Venha ver! — disse ao odiento ser minha mãe, quando o pilhou intimidado.

E lá fomos parar entre fogueiras, num lugar de se fazer Justiça.

— Compenetre-se das coisas do bem, do perdão, deixando os caminhos tredos do rancor, se não quer ser posto a penar o inaudito. De nossa parte, como obreiros do Senhor, ninguém sofreria tais horrores; deixamos a escolha ao diretamente interessado.

O monstrengo olhou para aquilo tudo, mil vezes pior do que Dante descrevera, mas nada opinou.

Os serviçais, lançando mãos de instrumentos próprios, agulhões agudíssimos, foram-no compelindo aos medonhos caldeirões, que eram parte dos argumentos ao dispor dos serviçais da Justiça.

E foi quando pela primeira vez falou:

— Não! Não! Não!... Pelo amor de...

Minha mãe o inquiriu:

— Pelo amor de Deus?...

O brutalizado ser curvou a cabeça sobre o peito, como que traído em si mesmo pelo medo, ou como que envergonhado das faltas cometidas. Minha mãe de novo o abordou, com carinho:

— Amigo e irmão, não se envergonhe de uma Suprema Lei, nem se proponha a uma atitude de ora em avante mais comprometedor... Nós o queremos como a irmão, e como soldados que somos de um Poder Supremo, aqui estamos para dar-lhe, como é de Lei, segundo a sua conduta. Não lhe será mais lícito fustigar aquela infeliz, que desempenhou no mundo a função de mãe sem esclarecimento. Tem dois caminhos por trilhar, não três — do ressarcimento ou das trevas. Seja inteligente e escolha com acerto, nesta hora augusta da sua história.

— Ela foi a minha perdição! Quando não queria roubar, apanhava!...

— O mundo sempre foi bem grande; não era obrigado por Deus a fazer isso.

— A Lei manda honrar pai e mãe... — respondeu, titubeante.

— Crime não é honra. Honrar só pode ser no espírito da Lei, que é em amor e justiça. Quando a Lei fala em pai e mãe, fala em sentido genérico, humano.

— De qualquer modo, ela traiu meus afetos de filho!

— De qualquer modo, devia pensar com a própria cabeça. A Lei, de modo algum abre precedente ao crime. Nenhum pretexto a apanha em distração. Logo, ordem errada não se cumpre,

mesmo quando o convencionalismo do mundo outorgue em contrário.

Pela primeira vez encarou minha mãe de frente, concordando:

— A senhora deve ter sido uma santa mãe!...

Num repente, eis-nos de novo no ambiente de sessão, com o homem a falar pelo meu corpo, já desamarrado. Eliseu falou-lhe com bondade, convidando-o à oração, aos propósitos de redenção, por avisar-lhe que perdão não existe. O homem, ante as vistas pasmas de milhares de seres, aos poucos se foi tornando outro, assim como se filtro divinal o estivesse a contemplar com as novas luzes da vida. Ele deu-se a um pranto de reconhecimento, tendo sido retirado. Foi entregue a outros trabalhadores, que dele tomaram conta.

Aquele alto mentor, então, dirigindo-se à multidão de sofridos, clamou:

— Vistes o ocorrido! E não fosse hoje, sê-lo-ia amanhã ou depois, mas assim teria que ser! Ninguém poderia lutar contra Deus e vencer! Tirai lição do que acabastes de presenciar, porque as lições da vida são as mais persuasivas! O Divino Mestre falou e nós não lhe damos atenção; mas quando a dor fala, ela que não é meiga e nem sublime, mas sim repelente e cruel, então lhe tributamos obediência! Não sejamos imprevidentes em face da Lei; sejamos mais inteligentes!

E desapareceu o grande mentor, deixando empós de si fulgurante rasgo de luz.

Gisa e dona Augusta deram vazão a outros sofredores, mas criaturas bem mais ponderadas. Um deles era um preto velho, que fora nosso colono. Assim deixado o médiun, veio a mim, e com ele troquei palavras. Tive nisso grande alegria.

Minha mãe, falando por Gisa, disse palavras de maternal afeto a todos, detendo-se em Sinhá Marta, para com quem distribuiu o melhor de sua alma. Fez-lhe ver que beirava a libertação, e que estava preparada, por uma vida de trabalhos, de amor a Deus e ao próximo. E isso ninguém o contestaria.

Como minha mãe se mostrou grata à cabocla que fizera em casa de empregada, de mãe e de avó! Nossos olhos se marejaram, e com muitas razões. É bem difícil de se poder discernir ao cabo, aquilo que é em Deus simples e humilde! Hoje digo que, só conseguem ser bem simples os bem evoluídos.

Uma vez terminada a sessão, depois de algumas peripécias a mais, entramos a tratar do negócio a que viera o casal vizinho. E ficou decidido que o senhor Viçosa viria a ser o dirigente da nova propriedade. Foi uma tarde feliz, cheia de sol, quer para os sentidos físicos, quer para a mente, quer com referência às coisas do coração. Para mim, francamente, a coisa estava de exultar; o Céu e suas bênçãos, vinham sobre mim em jorros. Por que, então, não ter a alma em frenesi?

AO RÉ S DA VIDA

Considero agora, experiente de mais subidos valores da vida em si, aquilo que em outros tempos seria simplesmente impossível; considero o fato de sentir bem o que é viver em sintonia com a vida plena, a eterna presença. Infelizmente, orça por milhões o número dos que se acreditam separados de Deus, do Céu, de tudo o que é sublime! E haverá sentimento mais errôneo do que esse, de sentir-se o homem afastado de si mesmo? Seria possível, então, ser da ESSÊNCIA que Deus é e ser alheio a Ele?

Todo caso, ponderemos; porque, francamente, só mesmo ponderando é que se chega a proceder com justeza, relativamente àqueles que dessa partitura não conseguem arredar o pé. Ponderar, aqui, significa repousar o focal da razão em dois pontos básicos de argumentação — um é a falta de evolução e o outro a falsa educação recebida.

A um espírito superiorizado, que arraste consigo emolumentos evolutivos adquiridos em vidas intensamente vividas, vidas que significaram marcas no campo das conquistas fundamentais, e fundamentos que valem por vínculos de espiritualidade a toda prova, em face de um ser desse estofado, dessa envergadura, não existe troféu idólatra, igrejeiro, formalístico, de ordem qualquer, que consiga fazer dobrar a dignidade. A história tem muito o que dizer, embora de poucos seres, a respeito do que asseveramos. Criaturas que, embaladas por ambiente e tradição, e até mesmo coagidas, souberam proclamar alto e bom som, o custo certo da realidade superior. Que fale o Cristo, e em seguida Lhe façam procissão todos aqueles que, a bem da VERDADE, um dia souberam enfrentar com serenidade o pelourinho infamante e cruel. Para tais topetes, nunca existirão vendavais ou procelas invencíveis; parecendo por fora cordeiros frágeis, são por dentro rochas inamovíveis!

Fazem finca-pé na grandeza do mundo interior, e, que morte poderia contra tanta vida? Podem parecer ao mundo esquisitos e alheios viandantes; certamente, porém, são balisas do cardume humano!

No entanto, cumpre ponderar, o grande número faz a vez do desnorteamento. Para onde impelir o lufa-lufa tradicional, o meio ambiente, o comodismo social, para lá irá, empompado pelo mundo e suas cortesias, porque, verdadeiramente, nenhum cerne os indicaria a melhores expressões. Dá de si quem tem. E o grande número o que tem é miséria, muita miséria, principalmente de ordem moral.

Por isso mesmo, que ser apóstolo da VERDADE não é fácil, que nesse rumo firmem diretriz, aqueles que dela cheguem a auscultar a presença. Perder tempo é menosprezar oferta, cuja grandeza, só mais tarde, e às vezes bem tarde, se chega a precisar a extensão, consegue-se aquilatar o mérito.

O meu farol não acendeu por dentro, não me fez sair a campo de alma erguida e brunida, como o daqueles já citados; em compensação, quando de fora a réstia de luz me fez presente de sublime visão, concitando o mundo mental a restrugir em alvoroços de espiritualidade sadia, não mais deixei que as sombras do paganismo acobertado, dissimulado, fizessem em mim figura de estado. Fiz da fé esclarecida, da luz do realismo, o timão da nave em demandas magníficas. Não que tivessem calado de vez os empurros do bolor tradicional; não que ramerrões deixassem de vir à tona de minhas recordações, aspirando os zelos que antes lhes votava. O vício reclama, até mais não poder, por meio de um trauma psíquico, através do germe inoculado no recesso mais íntimo do ser, e estruge em forma de necessidade a mais obcecante. Adorar aos ídolos, seja em que plano for de mentalidade, de ordem mental, intelectual, ou material, é doença que se inocula! Dificilmente pode-se vencer a um ataque frontal dessa natureza, menos se tenha na alma colheitas antigas e bem guardadas em silos, valores conseguidos de ordem muito superior, valores espirituais à base de conscientização pronunciada. Dizer que Deus é Espírito e Verdade fica bem em qualquer boca; mas cultivar isso é bem diferente! Não fica por muito em pessoa atacada de morbidez idólatra. Só chega a vencer-se, uma criatura assim viciada do berço, depois de muita relutância íntima, depois de lutas e mais lutas, travadas até violentamente no campo interno. Esse Armagedon é vencível, mas com custo!

A caminho dos supremos ideais, porém, é a última investida de natureza introspectiva; para mais daí, tudo é questão de burilamento nas sendas que levam à brilhantura geral. Enquanto houver,

porém, resquício de idolatria, estilha de duplicidade conceptiva, culto de antropomorfismo, relativamente ao que é DIVINDADE, no homem e no plano geral ou universal, haverá divisão, cisão, entre o homem e suas melhores possibilidades de ser e estar. E seria impossível desejar uma libertação plena de imediato. O ser vem subindo das suas mesmas condições inferiores, inconscientes, carecendo de tempo, oportunidades, provas, ressarcimentos. Aos melhoramentos físicos presidem as conquistas do Ego, da Centelha que vem ganhando foros de consolidação individual emancipadora. Contam-se por miríades, as gamas hierárquicas, a começar de antes da matéria inorgânica; e pedir que homem dê de si o medíocre que seja, em espiritualidade sadia, quando ainda rondando pelos padrões mais toscos da civilização, seria, o mesmo que reclamar da pantera o que podem o cão, o cavalo ou o boi. Isso seria inverter termos, derrogar leis básicas do processo evolutivo. Não há disso em Deus! Não o faria o homem.

É por isso que, apesar de tudo o que de esforço há sido feito na história espiritualista do Planeta, por vultos de coturno indiscutível, ainda desenvolve o homem em si mesmo campanha nada elegante, em matéria de emancipação de fato; por aí e por aqui, nesse campo de realizações internas, bem pouco há de bem feito. Mudaram-se os nomes dos frontespícios, trocaram-se os quitutes exteriores, deram-se a catalogar outros vultos da plateia invisível, mas, no fundo, ainda se sustenta a taba índia e sua corte de supersticiosidades.

A Terra é, sem dúvida, um mundo inferior!

Atestam-no os atos religiosos dos seus cidadãos, em maior número tidos como expressões de superioridade em civilização. Porque os idolatrismos são feitos e chefiados por altos dignitários, sendo desse nefando comércio que extraem o com que sustentar a carcaça e os infelizes procederes. Que maior atestado de inferioridade em geral?

Inoculados há milhares de milhares de anos, cultivados intensivamente através de encarnações e mais encarnações, esses vírus peçonhentos não largam a presa à custa de pouco esforço; os lampejos do culto cristão, mas cristão de fato e não dissimulado, muito terão que, brandir para lhes estilhaçar o reduto. E não está a Terra povoada, ainda, de criaturas que assim queiram agir.

O grande número forma na caravana do ramerrão, da negligência que compromete tristemente! É por isso que, sondando ou vasculhando relatórios, descobrimos a pobreza de conquista, por parte de criaturas que fizeram incursões múltiplas pelos vales da vida carnal. Só pelos vales da carne? Não. Porque temos aqui a viver, nos rincões de relativa bondade até, miríades de miríades de humanidades, que mais não fazem do que rastejar pelos trilhos da vida, em vista à viciosidade à qual dão ainda o melhor de seus esforços. Vieram do mundo com cesuras em credo, e aqui prosseguem o culto da mórbida preposição.

Vós que viveis em contato com agentes do mundo astral, e forçosamente de diferentes condições hierárquicas, e que não tendes com que identificar cem por cento ao agente manifestante, deveis pensar um pouco no que digo. E concludo com esta bem definida afirmação de responsabilidade — aprendei a saber do melhor modo, e instruí a muitos que vos pretendem instruir!

Quanto aos que perambulam pelos arraiais da mais desenfreada idolatria, seja ela de que ordem for, nada recomendo; só a vida, com o seu carrilhão de consequências, de lutas, de necessidades, fará que modifiquem o pensar e a conduta. O homem presa de pletora fetichista, por muito que pense, considere e rumine em favor de soluções mais elevadas, pouco ou nada consegue, de imediato. Tudo o que lhe não diga ou condiga ao refrão vicioso, não presta! Foi assim que gente presumidamente fora em bom credo, ao Divino Mestre encravou, no lenho infamante. E assim fariam de novo, em nome dos ídolos, dos escapulários, da mixórdia toda que campeia livre, se de novo se desse Ele a vir, para semear de novo em favor do melhor. Em matéria de credo, cada um acredita na sua mesma maneira de crer. E se é certo que existem instrumentos de influência coletiva, que são as instituições humanas, então é certo que há, cobrindo grande parte da humanidade, umas infelizes sombras, doentias em si mesmas, capazes só por si de perversões as mais hediondas!

E quem destes postos de observação pode encarar a fila dos que ingressam nas paragens da morte, lamenta-se de ver ao que vê, também pode falar em nome da Lei que rege de fato, a respeito dessa coisa.

Quem testemunha em favor do que afirmamos é o fato que a própria fila de caravaneiros expõe — os mais credenciados, quase sempre ficam ao rés do chão ou descem qualquer coisa!

Títulos nobiliárquicos, engodos igrejeiros, notabilidades do mundo temporal; privilégios premeditados, coroas do mundo a custo conseguidas, veleidades e outorgas de todo jaez, ficam para trás. Surge apenas o ser, como melhor ou pior que tenha sido, fosse lá proficiente da função que fosse, em qualquer ramo de atividade humana.

A Justiça Divina só quer saber se o indivíduo foi, como irmão de seus irmãos, bom ou mau, amigo do progresso das almas ou inimigo de suas mais prementes necessidades. A cor das auréolas do mundo, o material de que as fizeram, isso de nada serve; o que determina valor é a aplicação, o produto extraído, a alma da questão. Demais, o soberano de hoje converter-se-á no escravo de amanhã, o pontífice será feito, em edição nova, o pedinte de esmolas ou o chaguento das esquinas, etc.

Há no fundo de todo o ser, por natureza, uma fonte que não dá má água — é a capacidade de bondade! Quem a explora não sofre confusão. De resto, os demais ofícios podem ser exercitados até por tarados... O mundo já estava juncado de bons saberes até a vinda de Jesus Cristo; depois de Sua passagem, mais se encheu de lídimos conhecimentos e conquistas científicas; mas, em serviços de amor, quem deu melhor testemunho? A Terra está cheia de carneiros que se galardoam de libertadores, ou que assim são galardoados pelos infelizes que, sendo cegos, por cegos se deixam conduzir. Mas os quadros do cristianismo estão quase vagos!... Embora corra no mundo muito dinheiro, muita pompa, falazes promessas, e trunfos e dignidades enxameem o retábulo das gentes, os arrancos do coração não são vistos, e menos ainda da parte daqueles que se presumem senhores da VERDADE!

Não é que a hipocrisia ande à solta; é que vive em excesso festejada!

E quem contribui para as sortidas máximas dessa megera? A falta de Revelação, a pobreza de intercâmbio com os planos dos que já puderam beber a linfa pura. Todos os que fogem ao contato do plano astral, pouco mais, pouco menos, enveredam pelas sendas da farandolagem comprometedora, vindo a ser presa de maus hábitos de culto. E, assim, os erros de credo se fazem doenças da maioria, endemias tristes, quase impossíveis de debelar. E a prova temo-la, naqueles que, regularmente esclarecidos, ainda carecem de dobrar em face dos reclamos inferiores.

Há, e bastante, nos meandros espíritas, criaturas que cedem aos proclamos de entidades medíocres, habitantes de zonas umbrosas, que pedem batismos, crismas, casamentos, etc. Tudo isso é sinal de inferioridade, é prova de involução, significa agrilhoamento e perda de tempo.

O sinal de superioridade espiritual está aqui — consciência do dever para com o próximo, para que o dever para com Deus seja espontâneo. E esta conduta não carece de besuntamentos pseudo-religiosos. Vale por si. Feliz daquele, portanto, que por saber e sentir Deus em si e em tudo, procura obrar decentemente. Esse é o mandamento que jamais passará! Consulte-se sempre ao que é mais sábio e amorável, e o resultado será cem por cento favorável, em face da morte.

CORRIAM OS DIAS

Sim, os dias corriam e tudo era um desabrochar contínuo de fases novas, de acontecimentos que se revezavam, mas trazendo tudo o cunho indelével de melhoras em geral. Saber que a vida é uma função de responsabilidade, ter em presença a convicção de que tudo o que é bom temos em nós mesmos, não é pouca razão para se teimar em roteiro seguro.

Principalmente, em se sabendo que bens há de imediata manifestação, enquanto que outros de floração tardia. Aquele que de imediato quiser colher o produto de todas as suas obras, com facilidade se atraiçoa. Há sementeiras para já e para mais tarde no rol da vida, sendo de prudente medida não agir com precipitação. Quem tudo faz pelo imediato resultado, por certo que faz tudo tosco e brutalmente material. Convém semear aquilo que demore em ser colhido, que só possa ser feito em dias do post-mortem. Egoísmos, vaidades, orgulhos, tais são os motivos da pressa. Exigir troco imediato das ações é obra de plumitivo, senão de caráter animalizado.

Já disse alguém destas moradas do universo, que bens há impossíveis de serem oferecidos pelo cadinho da vida carnal. O plano é por demais denso, não facilitando oportunidade de manifestação a tons gloriosos de ser e estar. E se a criatura os não tiver preparado? Como fará para vir a gozá-los?

Fará isto — volverá à carne e, em nova ou novas experiências, creditar-se-á à eleição! Porquanto, nunca se soube de quem estivesse em gozo de bens sublimados, à custa de méritos alheios, das virtudes de terceiros.

Há, pois, ações que devem ser praticadas e outras deixadas em mora. Nos tabernáculos do Senhor, nada fica em esquecimento; mas, certas conquistas não cabem numa vida ou em planos de alta densidade física ou ambiental.

Quando o ser imortal transpuser as barreiras do mundo corpóreo, invadir cheio de méritos os prados vibrantes e multicores da erraticidade, então compreenderá o valor de semear em campos férteis, deixando o resultado à mercê de outra Justiça.

Colhia eu, amiúde, os proventos de bem pensar. Tinha a facilidade de investir pelos mananciais transcendentais e aí deparar com as coisas belas do Senhor.

Aquela jaqueira ficou sendo muito visitada. Sempre que carecia de uma aproximação, por sentir a alma vazia, ela me ofertava duas espécies de sombra. Ela me conferia azo a deslocamentos que valiam por prodígios do Céu! Uma tardinha, sob ela acomodado, sentindo em torno à cabeça pruridos suavíssimos, dei-me a querer ver o que havia. Mas nada vi. Ouvi, todavia, uma voz a dizer:

— Faça que Sinhá Marta lhe diga o que anda a matutar. Será bom para si e para os seus.

Aquela voz não era de espírito conhecido. Mas era doce, acariante. E Sinhá Marta vivia mesmo a matutar coisas de mim não conhecidas. Fazia que falava, dava umas voltas, sorria ocultamente, tentava; mas, tudo ficava nos ensaios. Que teria em mente a santa velhinha?

Como nada mais ouvisse, fiquei à vontade. E já tinha mais em que pensar.

À hora do jantar, arrisquei:

— Sabe o que me disse hoje um irmão, quando descansava debaixo da jaqueira?

Ela, olhando-me com firmeza, pôs-se cismática.

— Sim, disse-me que tem uma coisa para me dizer.

— Uma coisa para lhe dizer?!... — repetiu, admirada.

— E boa para todos os meus... Assim me foi dito, assim lhe digo.

Ela sorriu, pondo à mostra uma alegria há bom tempo desaparecida.

— Diga-me o que é, Sinhá. Fale-me, que sinto uma cócega na alma curiosa.

— Hoje não... Amanhã... — monologou.

E não adiantou rogar. Era assim Sinhá Marta, a santa mulher que tanto por nós fizera. Ela fora uma semeadora do porvir. Semeara e deixara em mora. Mais tarde, não lhe disseram apenas, e em prosa, de ter feito o bem no mundo — deram-lhe galardões imortais! Como iria receber mais no mundo, uma criada de servir, quase escrava, sem letras, sem mais poder dar que serviços caseiros? Tinha o que nós tínhamos, comendo e bebendo, vestindo e calçando como bem

quisesse, segundo como sua modéstia determinasse. Que mais lhe poderia dar? Mas, pouco depois de safar-se à carne, nos celeiros do Céu encontrou o que na terra não poderia ter encontrado. Há bens que a terra não pode conferir, nem querendo.

Ao tomar café na manhã seguinte, voltei ao assunto:

— Sinhá hoje é o amanhã de ontem...

Ela fez um gesto de reprovação e estipulou:

— Até à meia noite é hoje... Mas lhe falarei depois do almoço. Tenho que falar de novo com certa pessoa, antes de lhe poder dizer coisa. Tenha paciência, que tudo sairá bem... Se Deus quiser.

E como se fechasse em copas de silêncio, debandei rumo à nova propriedade, onde o senhor Viçosa estava agindo como gerente.

Em chegando ao domicílio deste senhor, dona Augusta estava sentada a uma mesa e procurava contato com um guia, por via de alguém, doente, a quem pretendia servir. Deram-me entrada, havendo-me postado ao lado de Catarina, que era no momento a presidenta do trabalho.

— Fique o senhor o presidente, que tem mais prática — arguiu Catarina, em tom definitivo.

— Ora, você sabe melhor como estas coisas são comumente feitas — redargüi, convicto.

O espírito comunicante disse:

— Esta questão de ser presidente, em verdade, é um caso muito sério. Podemos dizer que o Espiritismo conta com elevadas instruções, miríades de bons médiuns, muita gente dedicada em extremo à causa; mas, no setor dos presidentes de trabalhos, conta ele com o que se pode chamar de pobreza! Convenho em que, de fato, os maus presidentes, ignorantes e pusilânimes, são os corruptores de muitos bons médiuns. Não acho, pois, um ato de etiqueta a atitude de qualquer de vocês. Creio mova-os a mais preciosa vontade de servir da melhor forma, embora inconscientes de uma realidade que muito nos faz pensar e até mesmo penar.

Em seguida, sem perda de tempo, tratou do caso que motivava a reunião, ordenando pressa no desempenho.

Volvendo a mim, indagou:

— Quer dar passagem a um irmão que o segue, e que necessita de si?

- Que Deus seja atendido! Ser útil é que é ser religioso.
- Então, deixe-o chegar-se.

Entreguei-me ao primeiro lance fluídico que senti, e notei que minha mãe me puxava pela mão, convidando a sair do corpo. Quando estava à vontade, fora da carne, vi ao tal que devia ser doutrinado, e que era um vaqueiro, segundo os trajes. Falava a esmo, estava como se fosse um avariado mental.

Quando olhei para Catarina, estava ela sob o influxo de uma senhora de cabelos alvíssimos, das mãos de quem fluíam tênues jatos luminosos, sendo que cada extremo de dedo emitia raio diferente em coloração. Catarina chegava a oscilar um pouco, premida por aquela tangência astral. E o vaqueiro foi orientado do melhor modo, sendo que, para certificar-se melhor da transição de estado, levaram-no a ver os lugares onde havia vivido, e onde desencarnara, em rápida sortida. Ao tornar ao médium, estava cem por cento convicto de sua desencarnação. E acho mesmo que essa é a melhor forma de doutrinar, além de evitar mistificações grosseiras. Depois de o presidente falar, cientificando-o de já ser desencarnado, de estar numa mesa espírita, de falar por um corpo de médium, e de tudo isso dar-se pela Vontade de Deus, para que venha a melhorar em geral, a melhor coisa é entregá-lo por um pouco aos guias e trabalhadores do espaço. Porque estes, sendo favorecidos por um ambiente psíquico de escol, podem fazer muito em pouco tempo e com pouco esforço. Temos visto o que tem acontecido a certos empreiteiros em mistificações, com esta medida doutrinária. Trava-se uma luta desproporcionada, onde o elemento guia destroça cabalmente ao infeliz que, vivendo para mentir, se acredita triunfador.

Depois de avisar ao doutrinando, pois, daquilo que deve de início ser intelectualmente informado, o melhor é mandá-lo sair com o guia do médium.

Todavia, o pior mistificador não é o que se finge de sofredor, pois acima de tudo estes formam um número quase inexistente; o pior elemento desta espécie é o que se apresenta com nome pomposo, dizendo-se santo, etc. Em geral, escolhem de preferência os ambientes presumidos, engalanados, onde criaturas encarnadas deixam de parte a suprema obrigação — simplicidade.

O mundo espiritual é muito mais complexo, em apresentação de caracteres, do que pensam os encarnados. Dado que a crosta

é circundada de zonas e mais zonas astrais, como já foi dito, em forma de faixas concêntricas superpostas, e sendo que para o exterior crescem em expressão psíquica, o quanto em sentido inverso decrescem, e levando-se em conta que o elemento inferior encontra mais facilidade de acesso, em virtude das insuficiências humanas, chega-se com precisão a esta conclusão — o próprio meio humano dá azo aos menos evolucionados, para mais se imiscuam em tudo.

Pensassem os espíritas em geral, em melhoras contínuas intelecto-morais, e a coisa mudaria, forçada pela imposição do próprio meio. De resto, temos visto muito disto — espíritos brilhantes se apresentarem com um nome vulgar, e elementos abaixo de vulgares, se apresentarem como se fossem mais do que brilhantes. Dizerem-se de muita luz, de muitos merecimentos. E o pior em tudo isso, é que vão sendo aceitos, simplesmente porque dirigentes de trabalhos práticos não são capazes de saber que, em um espírito decente, não faz morada resquício de cabotinismo.

A um espírito de escol, basta trabalho de escol.

Terminada pois a sessãozinha, fiquei aguardando a chegada do senhor Viçosa, que devia vir ao almoço. Enquanto isso, como já havia notado o quanto Catarina era dócil e inteligente, na sua condição de moça, pobre e simples dei-me a pensar de novo em pedi-la para esposa. Todo caso, dadas as circunstâncias, era preciso ter alguma certeza sobre sua espontânea vontade. Bem poderia vir a aceitar por força de injunções circunstanciais, o que seria extremamente desagradável. Eu a queria, minha alma rondava seus encantos. Mas tê-la de favor seria muito pouco, seria até penoso. E nada lhe disse, e nem à sua genitora, o que era então de proceder. Achei de bom alvitre esperar mais, e fiz por isso.

Quando o senhor Viçosa chegou, falamos de nossos negócios, que então era a introdução da cultura de arroz, no rol do que já se fazia. A nova fazenda compreendia grande parte de terras baixas, um belo vale, que fazia cabeceira àquela de que fizemos menção, parte inferior, onde havia um riacho que desaguava no grande e acidentado rio. Agora, pois, contava com imensas terras próprias para a cultura do arroz.

— Podemos contar, — informou-me ele, — com três famílias iniciais. Depois, como me prometeram, convidarão outras e outras mais.

Deu uma tragada no seu cigarro e emendou:

— E é gente do mister. Trabalham nisso desde que se conhecem no mundo.

A conversa girou depois sobre tudo o mais, atravessando o almoço, no qual fui chamado a intervir. No final, dona Augusta abordou assunto que dizia aos meus ideais, mas, naturalmente, de leve.

— Como vão os seus filhinhos?

— Bem, dona Augusta... Bem, mas sem mãe. A sorte é que temos Sinhá Marta em casa.

Em tom grave, aparteu ela:

— Mas Sinhá Marta está no fim da jornada... O espírito é forte, mas a carne cede...

— Dei-lhe duas moças, filhas de colonos, como ajudantes. Não quero que a velha se esgote. Já fez demais.

Olhou-me de soslaio e aventurou:

— O senhor mal saiu dos trinta... Devia tentar de novo... Seus filhos carecem de outros cuidados, sem ser comida, roupa limpa, educação escolar... Aquilo que cumpre ao sentimento materno contribuir, nada pode em substituição fazer.

Confesso que me perturbei, quando ao encarar a face pálida de Catarina, vi-a ruborizar-se e baixar cabeça. Deixei, pois, a articulação de dona Augusta sem resposta. Como o senhor Viçosa notasse o meu embaraço, interveio:

— Isso é coisa de quem quer se casar... Vamos sair um pouco, senhor Cabral?

Mais que depressa, aceitei:

— Vamos... Vamos, que tenho de ir...

E saímos para o terreiro, de onde montei o cavalo e parti, não sem antes buscar, de esguelha, pousar mais uma vez os olhos em Catarina. Disto tinha íntima certeza — de que, tendo de ser, Catarina seria minha futura esposa. E querendo ou não, tudo me dizia que a coisa vinha sendo cogitada por outros. Quem sabe lá o que haveria naquele segredo de Sinhá Marta? Não poderia ser essa mesma a questão em xeque? Afinal, meditava, Sinhá Marta nunca fora de meias medidas; como vinha agora de se fazer esquiva? Só mesmo em casos tais é que daria para ser assim. E concordava,

porque as razões circunstanciais o exigiam. Eu era senhor das terras e dos negócios... A conceituação do tempo me favorecia com elementos de argumentação irrefutável, pois poderia querer e não voltar atrás, coisa que, por princípios, nunca o faria. De qualquer modo, havia que atender a certos reclamos éticos.

E minha alma pedia, rogava, fosse isso o porquê daquele aviso astral.

SIMPLESMENTE UM NOVO CASAMENTO

Pelas duas da tarde dei entrada em casa, dando de encontro com Sinhá Marta, que me olhava com ares de ralho.

— Não vim almoçar porque almocei fora, Sinhá.

— Eu precisava sair, sem falta!... — queixou-se ela.

— Bem ... Almocei na casa de Viçosa... — emendei, propositalmente.

— Ora, bem!... Então, de que falaram?... — quis muito saber ela.

De indústria, abordei a questão em cheio:

— Até de um casório... Calcule, que até falamos em casórios...

Sinhá Marta avivou-se, encheu-se de vida, fez mais perguntas. E tive certeza da coisa em si. Por isso mesmo falei com mais liberdade:

— Se for da vontade de Deus, penso pedir Catarina para esposa... Que acha a senhora, que é a única pessoa a quem posso falar como quem fala à sua própria mãe?

Ela não pode falar, porque teve antes de enfrentar intensa emoção. Assim, porém, passado o tufão emocional, considerou:

— Sinhô, esta criada está beirando o túmulo... E me lembro de sua mãe, que antes de morrer queria, rezava, para que o filho ficasse entregue aos cuidados de uma mulher. Porque, como deve saber, mais tarde ou mais cedo, uma esposa que se preze, torna-se uma segunda mãe do seu marido. Pode ser que nós, as mulheres, estejamos enganadas; mas, pensamos que os homens nunca deixam de ser meninos e capazes de travessuras... Por isso, precisam de uma mãe...E quando a mãe de verdade morre, só mesmo arranjando uma boa esposa...

Enxugou um resto de lágrimas e completou o seu lindo pensamento:

— Eu, como Sinhô sabe, quero fazer tudo; mas o corpo não presta mais.... Já vi até Sinhá Áurea, sua mãe, que me disse assim mesmo:

— Marta, meu bem, diga a meu filho que se case outra vez... Você está quase a deixar o mundo e eu não quero ver a meus netos em abandono.

— E Sinhô, sabe que as avós são duas vezes mãe... Ela não quer vê-lo mal e menos ainda a seus filhinhos. Foi por isso que eu lhe disse aquilo, sabe? Catarina é moça de brio, é bonita e é inteligente!...Hum!... Se Sinhô casar com essa moça, vai ver como será feliz!...

Seria impossível evitar uma emoção, ao menos. Por isso mesmo, afaguei-a com carinho e fui-me para o quarto. Todo o meu ser, porém, vibrava em clarinadas de esperança. Um novo dia surgia nos horizontes de minha vida.

À tarde, quando os filhos vieram da aula, embora fossem demasiadamente tenros para cogitarem de tais assuntos, fí-los saber de meus intentos. Tomei-os ao colo e falei-lhes como a adultos:

— Isabela e André, quero que vocês saibam de uma coisa. Papai vai casar-se de novo. Vocês precisam de carinho materno e de outros cuidados... Sinhá Marta disse que Deus a está a chamar, e que irá embora, deixando-nos. Que dizem vocês? Eu quero que vocês digam o que pensam, porque são os que estão a sofrer mais.

Eles sorriram, mas nada disseram. Quis eu falassem, mas de nada valeu. Tornei a dizer-lhes, então, que isso era de necessidade, mas que desejava fazê-los cientes de tudo. E de nada valeu, porque um olhava para o outro e calava.

Procurei, ainda, que falassem:

— Catarina é...

Não avancei, porque prorromperam num delírio de alegria. Eles nada entenderiam de casamento, ou coisas que dele pudessem derivar; mas sabiam que Catarina lhes fora amiguinha de brincados, e que era triste ter ido para a outra fazenda, de onde só vinha de longe em longe.

Quando saí de casa, ao crepúsculo, para como de costume sentar-me debaixo da jaqueira, fui abordado por Sinhá Marta, que me quis dizer:

— Não perca tempo, Sinhô... Fale com Catarina, fale com seus pais...

Fui sentar-me à sombra da jaqueira, fazendo minha invocação de costume. E senti, imediatamente, a aproximação de alguém.

Mentalmente, repeti:

— Venha, espírito amigo; mãe, pai, ou quem seja, da parte de Deus!... Venha!

Senti-me adormecer, e, levemente, como uma pluma, fui deixando o corpo, para acompanhar minha mãe e muitas entidades mais.

Mas era minha mãe, que me levava pela mão, como de outras feitas.

— Temos para si ótima surpresa, Cabral.

— Por tudo que fazem, dou graças e sou agradecido, mamãe.

— Nós sabemos disso, e por isso mesmo o auxiliamos com desvelo. Esteja com os seus deveres em dia, e com os pensamentos ligados a nós, que tudo nos será possível, assim como Deus queira e determine.

Como falasse em deveres, ventilei, por isso mesmo e muitas outras razões, pensamentos que me vinham à tona das cogitações:

— Que mais importa fazer, mamãe? Ter as preces em dia ou ter os pensamentos e obras em dia?

Ela afirmou:

— Tudo em dia, deveres, pensamentos e preces. Mas o cumprimento do dever é primordial, é quem de fato qualifica o merecimento da prece.

— É como eu penso, mamãe.

Ela perorou:

— Há leis que são do mundo carnal só, como delas há que têm valimento por estas esferas, onde tudo é mais sublimado. Pode-se mesmo dizer, que nenhuma lei é inútil em meio qualquer, sendo de mais ou nenhum uso, num ou noutro meio. Esta questão, porém, que diz respeito aos deveres individuais, é infinita e eterna, porque jamais deixa de haver obrigação de deveres, para quem quer. E como as necessidades da vida são complexas, seja onde for, porque ao fator vida se aliam os de serviços, cumpre nunca esquecer a recurso algum. Fundamentalmente, porém, temos os deveres que são: amar, saber, querer, ponderar, obedecer, tomar iniciativas, prestar contas e assumir responsabilidades. Tudo isto, como vê, demanda necessidade de sintonia com o Sagrado Princípio, e para com as Potestades Individuais que Lhe executam os desígnios. Sem a prece, que é instrumento de contato, contaríamos com uma dificuldade a mais, não acha?

Lembrando-me de certa pessoa, argumentei:

— Conheço uma pessoa, e a senhora deve conhecê-la, que não ora, por afirmar ser o procedimento o melhor modo de orar. Essa pessoa está em falta ou é menos assistida?

Ela esclareceu:

— Nem uma coisa e nem outra; essa pessoa é muito assistida e não está em falta, por viver em perene contato mental com o Supremo Ser, que é Íntimo a tudo e todos, e conosco também, vivendo, além disso, para fazer o que pode de bem pelo próximo, na ciência plena que tem, de que Deus assim quer seja feito. Essa pessoa, que já alcançou elevado grau de espiritualidade, vive em estado de prece. E isso é muito mais interessante do que parece, pois os que oram de quando em quando, também erram de quando em quando, em virtude da pouca evolução. Assim é que lhe digo, haver modos infintos de errar e acertar. Tudo é questão de saber como anda o foro íntimo do indivíduo. Lá no recesso do ser é que pode andar a lâmpada em brilho ou às escuras, ou mesmo em intermitências de luz e sombra.

— Gostei muito do que disse, mamãe.

— Eu já tinha estudado o que você trazia em mente, há dias.

— É interessante. Agradeço muito.

— E saiba que faço isto, ou antes, fazemos, não por ser meu filho, ou por havê-lo sido, e sim pelos seus merecimentos pessoais. É de cima que vem a ordem, e eu me comprazo em servir a quem me foi tão caro. Isto, saiba-o, é uma graça para mim, pois sendo mãe e ainda inferior, não posso amar universalmente, como seria de desejar, isto é, como Jesus Cristo exemplificou.

— A senhora é modesta, mamãe.

Ela retorquiu:

— Desejo me interprete como falo, meu rapaz. Quem foi sua mãe na última encarnação, nem sempre lhe foi mãe e nem dócil. Sobretudo, somos ainda inferiores em hierarquia, razão porque nos usa Deus, segundo laços particulares. Nós ainda somos, como já foi dito, bons pais e boas mães, bons filhos e boas filhas. E, na Terra, os bons pais arrancam os olhos aos filhos dos outros, por causa de seus filhos. E assim por diante... Sabe o que é, agora, amar universalmente?

— Sei o que diz, mamãe.

— Pois é isso, meu rapaz. Dia chegará em que teremos a todos os pais como a um pai, a todos os filhos como a um filho, a todos os irmãos como a um irmão. No dia em que assim pensarem todos os habitantes da Terra, e assim se derem a viver, Jesus poderá dizer que cumprida está Sua função, no mundinho em o qual Lhe cumpriu ser Mestre. Mas, consideremos, isso ainda está muitíssimo longe.

Estacou a ponderar qualquer ideia que lhe ocorrera, sussurrando com gravidade:

— É isso mesmo... Nós ainda somos incapazes de respeitar, em qualquer caso, à pura justiça; vemo-la bem ou mal, segundo os interesses mais imediatistas, que soem ser os de sangue, cor, raça, religião, etc. E, em face da Suprema Justiça, ai daquele que a silenciar, em virtude de qualquer desses paliativos. Em verdade, a Divina Justiça não é particularista. Pensem como quiserem os que se prezam de seus exclusivismos, mas isso nunca deixará de ser assim. Responde pelas obras o espírito em si, não seus forros ou preconceitos, não suas presunções ou validades temporais. E é por isso que a morte, sem ser traiçoeira, a muitos apanha em flagrante, atirando-os aos planos de treva e dor.

— Onde estamos? — exclamei, em vendo Eliseu e Gisa diante de mim, num repente.

Minha mãe sorriu, o seu costumeiro e contagiante sorriso, explicando:

— Eu não falei em surpresa, logo de início?

— Muito bem... Muito grato... Estamos na casa deles, não é isso?

— Temos um sério trabalho por executar. E você nos irá auxiliar, contribuindo com o seu coeficiente de fluidos eletro-magnetizados.

Ponderou por alguns instantes e completou o pensamento:

— A seu modo, é certo, pois cada ser, assim como possa sentir, pensar e agir, assim expelirá à proporção; creio que você já sabe destas coisas.

Informei:

— Sim, mamãe, eu sei que segundo como se dê o ser a pensar, sentir e agir, assim radiará em cores tais ou quais, sendo que seus fluidos serão melhores ou piores, também. E sei que é impossível trair essa lei, pois o pensar atua forçadamente sobre o campo reflexivo ou astral do indivíduo, vindo assim a expô-lo, abertamente, em face do mundo espiritual.

— Pura e rasa verdade! — anuiu minha mãe com entusiasmo.

Os trabalhos já iam avançados no solar do ex-vizinho, do grande amigo e confrade que era Eliseu. E se minha primeira impressão fora de alegria, logo a seguir comecei a sentir profunda mágoa; é que lhe queria falar, saudar, dizer coisas, estando em situação de não poder fazê-lo à vontade.

Pensava assim, quando minha mãe me ciciou aos ouvidos:

— Isso é mais do que possível... Mas primeiro temos um trabalho a realizar.

Senti-me penhorado por tantas dádivas, mas nada disse. E ela convidou:

— Assim que chegar a vez de certa consulente, iremos tratar do caso. E é bem interessante que tenha podido vir conosco.

— De que se trata?

— De uma irmã, muito avançada em idade, e que está no finzinho da missão terrena. Precisamos auxiliá-la um pouco.

Estranhei, por ser idosa e estar no finzinho, havendo inquirido:

— Se é idosa e está no finzinho, para que tanto cuidado? Afinal, pela mesma razão porque é interessante viver, em certos casos também é interessante morrer ou mudar de estado.

— Não atina com a coisa, meu rapaz. — observou ela, complacente — Não se trata, verdadeiramente, de morrer ou nascer, ser daqui ou da carne; trata-se do estado moral, para efeito de responsabilidade. Ela terá que vir em melhores condições, e, para tanto, só tendo mais um pouquinho de tempo.

Não compreendendo, tornei à razão de origem:

— Mas, então, o que não fez em tantos anos terá que realizá-lo em poucos meses?

Abanando a cabeça, explicou:

— Poucos meses? Mas quem falou em meses? Ela viverá, quando muito, alguns dias. E o que há por realizar é em sentido profundamente íntimo. Trata-se de um reequilíbrio moral, que só a dor e a ponderabilidade mental poderão realizar. E nós, à custa de seus fluidos, vamos forçá-la a viver mais uns dias, para que, vivendo e sofrendo, possa conquistar melhor estado psíquico. É um espírito cheio de créditos, merecendo, portanto, purgação imediata. E você deve convir em que estamos fazendo obra de amigos. Porque

interessa que venha em melhores condições e não em piores.

— Então, até a dor chega a ser graça?

— Tudo pode vir a sê-lo, tanto bastando intervenha a tempo e propósito. De que valeria a ela, ou a nós, viesse já e sem sofrimentos, se bem futuro significa mais, muitíssimo mais, e é tão fácil de ser conseguido?

Quando Eliseu, o presidente de mesa, leu certo nome, minha mãe clamou:

— Vamos com Aidar!

Aidar era o guia receitante. E nós o acompanhamos até certa casa, onde, num leito, estirado, quase fora do corpo, um espírito lutava contra embaraçante estado. Quase saía de vez, depois voltava, permanecendo nessa intermitência, enquanto o corpo se ressentia, ora balbuciando coisas, ora contorcendo-se.

— Não há ordem de cortar o liame fluídico, e sim de auxiliá-lo a ficar mais uns dias, como já lhe falei. Vamos, pois, fazer o possível?

— Eu nada entendo disso...

— Encoste-se nela... Deite-se no leito ao lado da moribunda.

Naqueles dias, nada entendia do mister; mas agora sei o que é fornecer fluidos animais eletro-magnetizados a alguém, seja encarnado ou desencarnado. E saí de lá carregado, sim senhores, de tanta fraqueza! Fiquei tão esgotado, tão fraco, que me parecia ir morrer. Nem sequer conseguia falar!

Quando de novo me vi no recinto de Eliseu, não tinha mais vontade de lhe falar, tal o estado de debilidade em que me achava, que me ocasionava até desânimo.

— Quer comunicar-se? — alvitrou minha mãe, olhando-me com bondade.

Fiz sinal que não, pois difícil seria falar.

— Convém fazê-lo — articulou ela, apanhando-me pelo braço e, aproximando-me de Gisa.

Assim que me senti preso à organização mediúnica de Gisa, comecei a sentir um fortalecimento que vinha, ou parecia então vir, das profundezas do eu. E quando o bom Eliseu me falou, julgando-me um sofredor, pude falar-lhe regularmente. Notei a dúvida que se levantou no cérebro do bom amigo, o que me fez entristecer um pouco. Sabendo, porém, de coisas do mister, alvitrei:

— Fale com o seu amigo, o guia Aidar.

Ele alegou tantas coisas, não querendo fazê-lo. Achava que um encarnado dificilmente poderia conseguir isso. Mas, insistindo eu, aquiesceu. E Aidar contou-lhe como as coisas se estavam passando, com o que ele acedeu, mas, permanecendo em dúvida, pelo que sua mente radiava. Quando tornei à fala, por me ceder Aidar o lugar, ele me disse:

— Pretendo visitá-lo dentro em breve, se Deus quiser; seria capaz de lembrar-se deste fato e falar-me dele, então?

— Que fique tudo na Vontade de Deus... Eu quero, mas, não sou autoridade para prometer tanto. De outras vezes, tenho tido toda lembrança. Quem sabe?

Perguntou-me de tudo e todos, de casa, dos conhecidos, ao que respondi como melhor pude. Isto fez melhorar o seu estado mental, fez diminuir a prevenção contra mim. E me senti bem com isso.

Quando minha mãe me convidou a sair, afirmei que o esperaria como visita, retirando-me.

— Gisa há de vê-lo! — afirmou minha mãe.

E assim o fez. Logo mais, retirando-a do corpo, apresentou-a, com o que ficou muito alegre. Minha mãe lhe disse:

— Procure lembrar-se disto, porque Eliseu desconfia de mistificação.

Gisa estava, todavia, muito perturbada. Sua faculdade era outra, não lhe permitindo boa estada em tais condições.

E terminada a sessão, partimos.

Quando dei acordo de mim, o crepúsculo estava em meio. A tarde findava e tudo era poesia no sertão. Havia pios na mata e saudades na alma da gente.

Olhando para trás da jaqueira, vi a um colono, Terêncio, e lhe perguntei:

— Que faz aí, rapaz?

— Vigiava... — disse ele, aproximando-se.

— Eu entendo dessas coisas... O senhor esteve trabalhando no espaço?... Ouvi muitas coisas do que disse... Quando o espírito vaga, em certos casos, os atos e palavras repercutem no corpo que ficou na terra...

— Isso me alegra, Terêncio. E fico-lhe grato.

— Eu é que sou agradecido, senhor Cabral. Aqui, nestes sertões, não se tem onde assistir sessões... —olveu ele, em tom súplice.

— Minha casa lhe está ao dispor. Você é médiun de que faculdade?

— Era falante, mas, faz tanto tempo que não trabalho... A gente faz coisas e depois sofre...

— Você é novo na fazenda, e não tenho gosto por saber da vida alheia, nem em se tratando de quem vive ao meu lado. Mas, como você entende dessas coisas, se me quiser dizer alguma coisa, de sua vida, hei de ouvi-lo com atenção e respeito.

Depois de o rapaz dizer o que quis e pode, compreendi que era uma alma romântica, amiga de novos amores, novos horizontes e outros serviços. Ele mesmo disse, de males que daí lhe advieram, ficando ideia no provérbio que diz, não criar musgo a pedra que rola e nem cerne a árvore que não dura.

— Bem, — disse-lhe, — se você quiser durar aqui, posso fazer algo por si. Tudo está na sua vontade, sobre o cerne da árvore ou o musgo da pedra...

Ele prometeu ficar, com o que me alegrei, convidando-o à merenda.

Merendamos e proseamos por bom tempo.

Partido ele, fomos deitar, que tarda ia a noite.

No dia seguinte, cedinho, pus-me de pé. Só pensava em falar com Catarina. Todos os porquês da vida, agora, cifravam-se em Catarina. Ela era o denominador comum de todas as equações do momento. Que fazer se não procurá-la?

Pelas sete e meia, portanto, montei e parti. A alma ressumbrava esperanças e o dia parecia feito de ouro e esmeralda. Tudo estava mais vivo, os pássaros, as borboletas, a brisa; havia cânticos em tudo, ornato em todas as coisas. E por isso, não notei sequer a distância. Sonhava o bom sonho e, como de tradição, fugaz ia o tempo ao enalço da feliz colimação.

Quando apeei do animal, a três metros da casa de Viçosa, tinha a alma em sobressaltos. O coração pulsava a mais não poder, minha mente transitava por cumes emocionais indomáveis. Pensei bem, concentrei a mente no realismo da vida e suas atinentes questões;

mas, tudo prosseguiu saltitando dentro de mim, como se fora um mocinho inexperiente, de dezessete ou dezoito anos. Que fazer? A razão baqueava em face dos argumentos indecifráveis do coração, assim como sempre há de ter sido, em ocasiões tais e para tais fins.

— Bom dia! — exclamou dona Augusta, saindo à porta.

— Bom dia, dona Augusta. — respondi, forçando o estado de nervos.

Em seguida, quase sem ter como trelar conversa, indaguei:

— Onde está o senhor Viçosa?

Ao que dona Augusta, um tanto surpresa, respondeu:

— Viçosa?... Mas o senhor quer mesmo falar ao Viçosa?...

— Sim, dona Augusta... Quero falar-lhe. É preferível.

Ela meneou a cabeça, em tom de incompreensão balbuciando a seguir:

— Bem, ele está na várzea... Onde vão plantar arroz.

Mas voltou logo à fala, para emendar, suspicazmente:

— Espere pelo almoço aqui, pois Catarina o está aprontando. Viçosa disse que viria na hora exata.

Ao ouvir o nome de Catarina, devo ter mudado de cor e perdido o jeito de falar. E embora lutasse contra tal estado emocional, nada podia fazer. Creio haver ela notado isso, razão porque saiu e veio ao meu encontro, exclamando:

— Senhor Cabral, entre um pouquinho!... Nem papai e nem o almoço hão de tardar.

Não senti que devesse dizer outra coisa. E assenti:

— Catarina, terei prazer em fazer sua vontade.

E amarrei o animal no palanque. Estava decidido e, sobressaltos do coração não me atariam em nada o desiderato, premeditado. Fui de encontro ao que mais me titicava o ânimo, dizendo de chofre:

— Senhora Augusta, supõe pelo que aqui venho?

Pondo-se vivaz em um momento, e calculando antes de falar, respondeu:

— Nós presumimos saber qualquer coisa, e esteja certo de que gostamos muito de assim ser... O senhor é que está com os tentos nas mãos...

Para poupar-lhe mais falar, mais contornos empregarmos todos, venci um pouco mais do fervilhar íntimo e desembuchei:

— Pois desejo dar nova mãe a meus pequerruchos, e sei ter acertado; com as qualidades de caráter e bondade da esposa escolhida pelos meus sentimentos. E embora nada tenha dito à pureza a Catarina, creio não fará isso venha a ressentir-se seu pulcro espírito. Afinal, temos vivido e crescido no mesmo rincão, o que nos confere, sobejas razões de conhecimentos e apreciações mútuas. O que desejo é saber o pensar do senhor Viçosa, pois o seu, como o de todas as mulheres, guia-se mais pelo sentir do que mesmo pela razão.

Dona Augusta, comovida, expôs:

— O senhor tem sido, em sua vida, todo brio e dignidade. Ninguém diz, por estas terras e outras mais distantes, um ceutil contra si. E Viçosa sabe disso, motivo porque sentirá prazer em lhe entregar a única filha, que é só o que temos, afóra as amizades e a ajuda de Deus, que temos tido sempre oportunidade de encontrar no mundo.

Quando vi o rosto de Catarina, que veio à sala à busca do vaso de flores, estava ruborizado, mas alegre, sustentando nos olhos o fulgor da juventude em ares de simpatia e sonhadoras aspirações. Tive vontade de dizer-lhe qualquer coisa, o que fosse, mas o que dizer fugiu-me, deixando-me a nada. Dona Augusta, sim, fazendo-me sala e prolongando a conversa, passou a dedilhar a ampulheta dos fatos idos, caindo no gênero comum às senhoras de sua idade e responsabilidade. Reviveu os ditos de minha mãe, quando sentenciou que não havia de fechar olhos para o mundo, enquanto não me visse casado e amparado pelo instituto da família. Falou de acontecimentos não mais de mim lembrados, teceu considerações em torno às crianças, ponderou sobre estar Sinhá Marta ao término da rondagem carnal.

Quando o senhor Viçosa chegou, discorria ela em torno do que havia dito certo espírito familiar, afiançando que bons destinos estavam a todos consagrados, em virtude de virem as amizades de outras vidas, de outras eras, quando houveramos sido mais do que até aqui. Viríamos, afirmara o guia, a ser consanguíneos. E tudo, então, vinha em abono de instâncias superiores. As peças do organismo iriam juntar-se e ajustar de novo, sob a vigília de bons fados.

Viçosa, que ouvira ainda assim falar sua esposa entre emocionada e patética, olhou para mim com ares indagadores; mas, mantendo a linha, cumprimentou-me como de costume, só nisso detendo-se. Eu então lhe disse, francamente:

— Estou pedindo a mão de Catarina, senhor Viçosa. Fica a seu inteiro critério julgar do que lhe proponho e peço...

E o íntegro homem não me deixou concluir o pensamento:

— Senhor Cabral, nada mais honroso para esta pobre mas briosa gente, do que tê-lo e aos seus, como a filhos da casa. Espero que acima de nossas bênçãos, Deus, que a tudo preside, domina e destina, a todos nos abençoe, conferindo-nos oportunidades de felizes dias e proveitosos feitos.

— Seja feita a vontade de Deus, antes de mais nada. — concordei — Pois que somos apenas apêndices de um Supremo Todo, relativamente livres, como o é e pode ser, o pássaro, no espaço livre que há dentro da gaiola. No presente tempo, portanto, dispomos de querer circunstanciais; mas, nunca deixaria de haver ingerência cármica no rol dessas veleidades, razão porque, apesar de todas boas vontades, deve-se considerar o imprevisto como elemento de rol. É por isso que digo, seja feita antes de tudo a Vontade de Deus. Se forem guiados nossos passos, em sintonia com a Suprema Causa, tudo bem e feito. E se tivermos de enfrentar empecilhos, oxalá nunca nos falte a têmpera do bom servo, que é em abono de paciência, tolerância, resignação e até mesmo a augusta abnegação. Devemos, portanto, enfrentar a vida e seus cometimentos, os atos necessários e suas consequências, o que for contingente ou de liberal escolha, como a coisa sagrada. Nós, de um modo ou de outro, sabemos que Religião Pura constitui-se de um conúbio entre uma consciência plena de Deus e o fiel cumprimento dos deveres para com o próximo. O mais, serão artigos de ciência, de arte, etc.

Nessa hora, dona Augusta caiu em transe, forçada pelo ambiente psíquico e a natural emoção, vindo a nos falar o espírito de minha mãe. Disse palavras de conforto e fé, encarecendo a necessidade de ter vontade firme em sentido puro, em ideal alevantado.

— Nós somos, — comentou, — partículas divinas, com direitos de individualidade e organização da própria personalidade. Ninguém virá fazer por nós, aquilo de que somos responsáveis diretos. Quando muito, podemos contar com a cooperação uns

dos outros, aliás obrigação sagrada, para que em tempo se gaste menos e em condições tudo se torne mais fácil. E venha a ser o que seja, o homem ou o mundo, tudo se resumirá sempre em Deus, o Universo, o homem e suas questões, o livre arbítrio e o determinismo, a necessidade de relações, a cooperação, a confiança mútua e a capacidade de trabalho. Todo aquele que seja fraco no conhecimento e culto dessas poucas coisas, cedo ou tarde terá que se haver com as lacunas erigidas em si mesmo. O homem é vida eterna e organizável, sendo dever precípua conceber a vida de todos os momentos e feitos, como a um programa de indeclináveis diretrizes. Como são conscientes de suas obrigações, por elevado contingente de saberes espirituais confiem em Deus e tenham bom policiamento sobre suas mesmas ações. Antes de agir, ponderar muito; depois de ponderar, sendo conveniente e justo, encetar empreendimento com o fito de levá-los a termo. Convém muito saber, querer e dedicar-se a causa por colimar. Seres amigos, destes lados, com ou sem os seus desejos, independentemente de sua consciência ou inconsciência, cooperam em vossas realizações e empreendimentos; convém-lhes, pois, escolher bem o rumo e não tergiversar em caminho. Busquem não perder esforços e tempo! Procurem fazer que outros os não percam, também!

Quando à tarde, cavalgava rumo à minha casa, tudo estava determinado. O casamento seria realizado dentro de três meses.

O tempo passou por nós, ou nós passamos por ele, veloz como um meteorito. E a lua-de-mel foi passada em casa de Eliseu e Guisa.

TUDO É DA VIDA

Não faltam no mundo teologias capazes de pretender separar tudo entre Deus, o Universo e o homem. Isto, porque é natural no homem fanatizado, é próprio dele, convencido de suas falácias sectárias, embriagado de si mesmo pelos engodos religiosistas amolgados à sanha de grupos e grupelhos energúmenos, pretender ensinar a Deus antes que Dele aprender, a análise fria das leis e dos fenômenos.

O homem é natureza divina, assim como tudo o mais é. As leis que regem os planos e mundos são sempre as mesmas, nas zonas infernais ou celestiais, variando apenas a tonalidade em vigência. Quem pensa que houve troca de lei, por haver melhora ou piora ambiental, erra de muito. O que há, na lei em si, é capacidade de flexão, ao infinito, vindo a ser o homem, até muitos pontos, senhor de domínios. É da lei ser flexível, restringir-se ou expandir-se, bem assim como é do homem, relativamente, forçá-la para ambos os pólos.

Não existem leis que regem planos superiores e nem leis que regem planos inferiores; existem, isso sim, matizes, tons cambiantes de lei, para todas as necessidades ambientais ou locais. Deus é onipresente e, a partir da presença cem por cento da PRIMEIRA ESSÊNCIA, tudo o mais vem num crescente revelar de tonalidades ou matizes de apresentação. E que apareça quem possa, na terra, contar toda a capacidade de flexão de qualquer lei!

As leis são como a terra, o homem, a água, etc. A terra pode ser limpa, ajardinada, ou fértil em tiririca. Do mesmo homem sairá o santo ou o devasso, assim como fizer por sê-lo, assim como autoempregar-se. A água poderá ser destilada ou poluída, assim como se a queira fazer. As leis podem vigorar, portanto, em diferentes estados de ser, e intensidades, de tempos para tempos, de mundos para mundos. Uma coisa é tê-la em grau infra, outra em grau ultra.

E na vida do ser vivente, tudo pode vir a acontecer, morrer ou nascer, divinizar-se ou desgraçar-se, porque a vida encerra possibilidades extremas em fenômenos. O complexo e o multifário são da natureza íntima dos seres e das coisas. E os dogmatismos sectários, as estreitezas religiositas, os caprichos supersticiosos, tudo isso passará, forçado pelo conhecimento, pelas conquistas evolutivas. O pobre em amplidão não é Deus, não é a Verdade, não é o homem, não é a Religião; o pobre é o único diabo que existe, que se chama ignorância! Por isso mesmo, quanto mais ignorante o homem, tanto mais apologista do diabo é seu cultor. E aquele que faz do imaginário diabo o motivo de sua crença em Deus, esse é duas vezes ignorante. O mundo humano está inçado de tais criaturas, de criaturas que não se dão a saber, a progredir, a melhorar, simplesmente porque conseguir essas coisas é direito comum. Mórbidos, temendo um possível adversário de Deus, de medo fazem-se duas vezes mórbidos, apegando-se a Deus como refúgio, não como FUNDAMENTO NATURAL. Não amam a Deus; temem a Deus! Não buscam o saber; fogem dele! Não arrancam de si mesmos a glória; pedem-na de favor, querem-na à força de milagres e à custa de mistérios! O tempo que deviam gastar em aprendizados úteis e culto da bondade entre irmãos, gastam com engodos teologais, com medidas nauseantes, com babujas, que nenhum homem decente admitiria, quanto mais Deus.

Quem colocou Deus fora, e fê-lo individual, só atingível por farandulismos de pseudos ministros? A ignorância! Quem o conserva assim, na mente de milhões de seres? Por certo que não é a ilustração! É para a frente que se deve ir; mas é para trás que miríades de seres se dão à espreita, para daí tirar conclusão sobre os rumos a tomar. A tradição é madrasta por demais, noventa por cento das vezes, em que é convidada a servir. Que o diga o Cristo, o seu maior mártir.

Pois bem. Vamos ao caso.

Naqueles dias, uns dois meses antes do casamento, vieram ter à fazenda três casais, muito jovens os seus componentes, um dos quais tinha um filhinho de uns dois anos. Vinham propositalmente para a cultura do arroz, como ficara combinado entre mim e Viçosa.

O meu então futuro sogro, trazendo-os a mim, em minha casa, disse-me:

— Querem morar à beira do córrego, bem no centro da várzea, onde há alguma elevação de terreno, coisa pouca. Falei-lhes do perigo possível, mas são irredutíveis.

Os homens deram-se a sorrir, com superioridade, indicando assim decidida compenetração do preferido, antes que eu dissesse qualquer coisa. Notando isso, para não querer passar porpositor, deixei falar minha equidade:

— Os senhores é que vão morar e trabalhar por lá. Eu quero que sejam felizes em todos os empreendimentos. Se há perigo, peço considerem-se como a possíveis vítimas, pois dar-lhes-ei morada onde quiserem, no alto ou no baixo, perto ou longe.

— Está escolhido e será lá, senhor Cabral. Muito obrigado pela oferta, mas a escolha já é feita. O senhor nos dê aquele lugar por moradia, que dentro em pouco terá para ver uns barracões e, mais adiante um pouco, Deus querendo, há de ver os barracões cercados de uma onda verde. A terra é de arroz mesmo.

Contou algumas vantagens mais, todos disseram as suas, enquanto foi-lhes servido um bom café. Depois, com ordens gerais, Viçosa conduziu-os à nova propriedade, para dar começo ao que fosse necessário.

Quando porém a tarde chegou, fui sentar-me e mais os filhos, debaixo da jaqueira. Enquanto as crianças corriam, saltavam, perseguiram as borboletas, procurei contato com o plano astral. Num desdobramento rápido, visão real foi-me manifesta, como infelizmente me certifiquei mais tarde. Vi a planície em sua estuante, beleza, plácida, num repente ser coberta por tremendo temporal, atingida em cheio por enxurrada que a nada respeitou. Depois, num repente, sem saber como o haveria feito, estava de pé e em mim, assustado em extremo. Pensei em Deus e fiz cálculos, sobre ser aquilo produto de recalque mental ou oferta das luzes espirituais às escuridades do homem.

Mas, nada concebendo de positivo, calei em mim mesmo, por saber que o certo se repete. Sete, ou oito dias depois, cavaleguei até perto da várzea, apreciando-a do alto de um monte próximo. E estando em cima do animal, num repente vi tudo, aquilo transmutar-se, e tomando o céu aquele mesmo aspecto tenebroso, derreter-se em vagas de água e vento sobre a planície, invadindo-a de maneira indescritível.

Volvi a mim, naturalmente, sem abalo outro que não fosse de nervos.

Estava convencido que haveria coisa por dar-se; que o céu, de fato, mandava luz à cegueira do homem. Restava, agora, o que fazer. O justo, para com Deus e os homens, era relatar o visto, ou previsto, custasse o que custasse, dissessem o que dissessem, gostassem ou não.

Galopei, portanto, até onde estavam sendo erguidos mais alguns barracões, que seriam as habitações de colonos futuros, gente prometida por eles mesmo, os primeiros três casais. Achei jeito, por entre assunto escolhido propositalmente, relatando enfim o duas vezes visto, do modo porque o fora. Gardino, que chefiava entre eles os serviços e tudo o mais, declinou sua fé numa seita protestante, razão porque disse estar a salvo de tudo, sendo o meu visto produto de espíritos menos tementes a Deus.

Quanto aos fatores locais e materiais, colocou uma régua sobre dois pedaços de madeira, nivelou-a, tirou nível horizontal e disse:

— Veja o senhor, que a altura atinge, em nível, as barrancas do outro lado, vindo a ser impossível uma tal quantidade de água, sem dar tempo de mudar, de alcançar um recurso qualquer. Esta várzea teria que se tornar um mar, e subir muito, para nos atingir.

Tomou uns ares de superioridade e, entre riso oculto, rematou:

— Como vê, senhor Cabral, é impossível que isso se dê... E Deus não saberia isso antes do que nós?...

Só me restava dizer o que disse:

— Deus sabe mesmo, meu amigo... E seja como Deus quiser...

Deixei-os em labuta febril; parti rumo ao domicílio de Viçosa, mesmo porque desejava estar por um pouco perto de Catarina.

Nada mais seria possível fazer, portanto, no sentido de salvá-los, caso tal infaustoso acontecimento viesse a desencadear-se um dia. E o pior é que, embora a vida me corresse em mar de rosas, no que concernia à vida individual e particular, aquela sombra agourenta jamais me saía da mente. Era a expectativa do triste acontecimento, uma nuvem a vaguear pelos cimos de minhas cogitações, descendo pressurosa, assim se fizesse presente alguém ou se cogitasse das questões da várzea.

Muitas ocasiões cogitei disso com os futuros sogros. E disse-me Viçosa, certo dia, depois de haver feito referência a isso, junto a um guia:

— Quer esse guia falar consigo, senhor Cabral.

Pensando em Terêncio, ventilei, por aproveitar a oportunidade:

— Amanhã, sendo quinta-feira, podemos fazer um bom trabalho. E convém fazê-lo em minha casa, para tentar experiência com Terêncio, pois disse ser médiun e já ter conseguido boas coisas.

— Combinado. — concordou o senhor Viçosa, mostrando-se muito satisfeito.

No dia seguinte, às duas e meia da tarde, falava-me o espírito de minha mãe, do seguinte modo:

— Há muito modo de se pagar dívida, não há? Pode-se fazer troca, pode ser a prazo, pode ser com trabalhos, etc. Nesse caso, pois, houve ingerência do plano astral, em virtude de essa gente, e mais a que aí vem, ter conseguido méritos em face da Soberana Justiça... Mas, que fale o amigo que o convidou ao trabalho.

Minha mãe falou, então, do amigo espiritual em vista. Disse de ser um elemento de regular visão; acompanhante das pegadas daquela gente através de séculos e reencarnações, sabendo o porquê de tudo quanto poderia vir a dar-se.

Em saindo minha mãe, ele deu entrada. E disse de ter aquela gente, em tempos idos, praticado um ato de guerra, ato que causara a morte de milhares de pessoas, explodindo um dique e causando uma inundação.

— Por todas as vidas responderão, mais tarde ou mais cedo, aqueles que tirarem a vida! Assim mesmo, segundo o montante em conhecimento de causa, por tudo o que se fizer se responderá! Cada um lavra em si mesmo a marca do feito, independentemente do relatório que cada um vai preenchendo, no plano de onde saiu para encarnar. Isto é, há funcionários espirituais que têm por função ir acrescentando nos relatórios, tudo aquilo que de marcante se for passando na vida dos seres. Cumpre dizer, também, que tudo é feito organizadamente, estando as zonas terráqueas distribuídas convenientemente. Tudo o que é feito é sabido e escrito, além da marca pessoal e inderrogável que o ser em sua estrutura lavra. E enquanto não houver resgate, fica de pé. É por isso que, dificilmente poderia conhecer um encarnado os porquês de suas dores e dificuldades. As vidas se vão sucedendo, os motivos se vão acrescentando, para as falhas e os triunfos.

E muitas vezes, coisas vão ficando para trás, vindo mais tarde a calhar de oportuno resolvê-las. O que não passa é o fato de ter que resolvê-las um dia, ficando a oportunidade, de conformidade com os merecimentos do ser, para a ocasião mais própria. Há casos em que não há possibilidade de transferência de tempo. Coisas são feitas, às vezes, que demandam imediata entrada no resgate, seja ele qual for, tenha que ir à carne o faltoso, tenha que descer aos abismos, tenha que penar nas zonas organizadas, mas inferiores, onde as condições de vida são muito mais custosas do que na encarnação!

Teceu considerações em torno dos colonos e resumiu tudo em dizer:

— Na hora, se tiver que ser, cumpra com o seu dever. Irmãos, somos todos, e sempre nos podemos auxiliar, por mais que a Justiça Suprema se imponha. Ninguém erra sozinho de sorte que tudo vem a calhar e em tempo. Desça sobre os que se fizeram vítimas ao se tornarem criminosos, com o seu poder em bens e proteção. O Céu dar-lhe-á o pago, em multiplicação de felizes oportunidades.

Demorou-se um pouco para prosseguir; ouviu alguém que lhe falara, voltando:

— Diz seu pai, para não pensar nisso. Acha que o que é está escrito, visto como não quiseram ouvir ao aviso. Manda bênçãos a todos, da casa e de todas as casas, por ser Deus universal e a família humana uma só.

Para se retirar, havendo conclamado, todos ao bem, dirigiu-se a Sinhá Marta com palavras de muito carinho. Prometeu-lhe vir buscá-la no pórtico da morte, por estar tudo para ela arrumado, inclusive casa na região de merecimento. Tudo estava pronto, a recepção preparada e o dia marcado. Isso foi bom e triste de se ouvir, porque, afinal, Sinhá Marta era um pedaço de cada um de nós, do corpo e da alma.

O último guia a falar foi o de Terêncio, que se prontificou a receitar, como lhe fora afeto, sempre que o médiun pudesse e quisesse auxiliá-lo. Disse de ter morto a muitos, em tempos idos, e em guerras feitas, razão porque agora se via em necessidade de preservar a encarnação do próximo, ela que é a válvula redentora e evolutiva dos seres. Sua palavra foi mais uma elucidação trazida a nós; e o seu trabalho começou por Sinhá Marta. Sem que alguém lhe pedisse, fez extenso exame do seu estado geral, apontando os órgãos carentes de auxílio medicinal. Depois fez pouso em cada um dos presentes, dizendo coisas de surpreender.

Terminando o trabalho, nada tinha feito eu, sem ser ver a um espírito que chorava copiosamente, e que se achava atrás de Viçosa. Como guia algum fizera, em sentido qualquer, coisa por ele, também nada falei.

À noite, porém, saindo do corpo e acompanhando minha mãe, fomos ter com ele, que ali se achava e ainda a chorar do mesmo modo.

— Apanhe-o pelo braço. — aconselhou minha mãe.

Assim que lhe pus a mão direita sobre o ombro esquerdo, uma infinita vontade de auxiliá-lo invadiu-me, mas uma vontade que era sentimento puro, profundo e indiscernível. Meus olhos começaram a lagrimar, assim como os dele, copiosamente.

— Comece a orar. — tornou minha mãe.

Iniciando a oração, repetindo-a, fui sentindo a coisa melhorar, porque sentia a mesma coisa e não chorava mais. O infeliz também cessou o choro, vindo a olhar para nós com carinhoso devotamento.

Minha mãe dissera:

— Você, amigo, já deixou o corpo mais denso no mundo dos encarnados. E embora a vida de sociedade prossiga sempre, cumpre saber querer para poder realizar com esmero. Quer certificar-se disso por si? Ou quer que duras provas o acutem por muito tempo? Os seus merecimentos são poucos, de sorte que conviria enfrentar a situação com alevantado ânimo. Que quer fazer?

O homem baixou a cabeça, pensou algum tempo, depois disse:

— Que devo fazer?...

Secamente, minha mãe lhe disse:

— Antes pergunte, se Jesus estivesse no seu lugar, o que faria Ele. E se um espírito, de tal coturno evolutivo, se desse ao trabalho de edificação, arrostando a todos os quejandinhos por isso, que seria de esperar de si, que é muito devedor e pouco amigo de solver dívidas? Não acha que aquele que mais deve, para se livrar da dívida, tanto mais deve trabalhar? E se o destino humano é emancipar-se, custe mais ou menos, seja hoje ou amanhã, por que não começar já o trabalho de soerguimento? Afinal, irmão, quando precisava de comer ou beber, costumava adiar o ato indefinidamente? Se, portanto, às coisas temporais, passageiras, dava atenção imediata, como tergiversar para com as coisas eternas, imorredouras?

O homem pretendeu advogar, responsabilizando segundos e terceiros:

— Não tenho inteira culpa de meus desprezíveis merecimentos espirituais. Li, de gente sabida, que o programa do espírito devia ser tratado depois da morte, em caso de haver vida para depois da morte, o que aquela gente punha em dúvida. Se eu sou culpado prático de minhas insuficiências, quais são e como responderão os que o são intelectualmente?

Minha genitora lhe indagara, fixando-o com severidade bondosa:

— E não se achariam no mundo, também, outras espécies de afirmações, meu irmão? Se buscou, portanto, beber da fonte para si predileta, e com tal específico deu-se bem durante a estadia no círculo carnal, que culpa têm disso os mestres de espiritualidade que Deus lhe pôs pela frente? Demais, o espírito não é menos por estar na carne ou fora dela; onde estiver, ou como vier a se achar, será sempre como um departamento do todo, cumprindo-lhe ser, antes de mais nada, bom funcionário. Se o funcionário, porém, der-se a aprender lições inversas àquelas compatíveis com a Ordem Divina, de quem a culpa? Não nego a responsabilidade dos que semeiam a inverdade sobre a espiritualidade; mas afirmo que, em se tratando de campos de joio, tanta culpa tem quem semeia como quem colhe e faz uso! Por isso é, que veio a penar por mais de vinte anos nos umbrais, lugares onde arrumou essa angústia torturante, que o fazia chorar assim. Cultivou a cultura do nada... Entretanto, em face do nada, sentiu-se tetricamente desacoroçoado. Pregou a morte total a muitos, enviando-os à dor... Enfrentando o estiolamento íntimo em perene vida, fez-se fraco e procurou refúgio no pranto, sem dar de si que o pranto, em certos casos, vale como unguento divino oferecido às chagas da presunção. Fartou-se, como criança gulosa, no banquete lauto que a Sabedoria Divina pôs à frente de seus enviados à Terra, em serviços que deviam ser de testemunho à imortalidade, de tudo e todos... Mas, negou até uma Suprema Origem para o infinito mecanismo universal, nem respeitando o Necessário, nem amando o Contingente. Os irracionais fariam melhor, porque, afinal, sabem honrar ao homem, aprendendo-lhe muitos ensinamentos, chegando a amar ao amo com tal ardor, como o cão, que por devotamento oferece a própria vida!... Que julga, amigo, haver de passável em tudo que tenha feito de bom no mundo?

Compungido em extremo, com outra espécie de lágrimas nos olhos, o homem confidenciou:

— Se considerar, de fato, a fidelidade do cão para com o homem, comparando com o que fiz para com Deus, e para com o próximo, levando em conta ser o cão irracional, confesso que fui apenas monstruoso!... Monstruoso!...

Recuperando-se um tanto, endireitou a cabeça e, ponderou:

— E quanta gente, minha irmã, ainda vive a valer menos que um cão!... Se ao menos em face do infinito, em espaço e tempo, o homem se desse a tecer respeitoso sigilo, ao invés de lhe negar aprioristicamente uma Suprema Causa, não seria já uma grande coisa?... Afinal, não vê o homem, seja o sábio ou o ignorante, que as gerações passam e o universo infinito continua?... E tendo de aquiescer em benefício de umas ou de outras ideias, de uns ou de outros homens, por que deixar de lado os vultos de escol, como os Vedas, os Budas, Rama, Krisna, Moisés, os Profetas, o Cristo, Kardec, e perflhar teorias de homens animalizados, grosseiros e até mesmo mórbidos e bestiais?...

Fez, num repente, um gesto de autorepugnância, indagando-se:

— Como, meu Deus, meu Senhor, cheguei a descer tanto?!... Como?!...

E rolou por terra, preso de convulsões horríveis.

Nós, com custo, fizemo-lo erguer-se. Quando estava talhado para mais sublimados sentires, pedimos-lhe uma prece, para ser conduzido até a região determinada.

Gostei imensamente de ter ido àquela região, porque, mesmo em vida, fiquei sabendo um pouco mais das cidades do Céu e suas condições ambientais. Ao lhe dizer minha mãe que eu era um encarnado, o homem cismou-se de novo, e pôs-se a verter lágrimas. Quando nos despedimos, apertando-me a mão com ardor, disse-me:

— Não lhe desejo felicidade que não seja essa mesma. Poder viver isso que está vivendo, que é estar com um pé na terra e o outro no Céu, vale por todas as bênçãos de Deus aos santos propósitos perflhados na vida.

Pôs o dedo em riste e, sorrindo mui levemente, observou:

— Lembre-se da fidelidade dos cães, sem se ofender, porque, de fato, corremos muitos riscos... Devíamos ser mais sinceros para com a Origem Comum...

— Naturalmente — disse-lhe — que, é de lembrar bem do paralelo. Um ser já inteligente tem outras obrigações de intelecto e moral a observar, menos queira valer por um cão, bem fora de regra, infiel e estúpido.

Quis beijar a mão de minha mãe, que não o permitiu fazer, dizendo-lhe:

— Deus quer Amor e Sabedoria aplicados, não babujas ou farandulagens. Jesus jamais aceitou as curvações físicas de quem quer, desejando ser amado em obras, apenas. Por que, então, quer oscular-me a mão? Não vê que somos iguais em origem, direitos e deveres? Não vê que sou serva de Jesus?

— Ditoso o Pai que tais humildes filhos tem!... Ditoso o Mestre que assim pode contar com amoráveis discípulos!... — ouvimo-lo murmurar.

O chefe da mansão levou-o, tendo nós partido para casa. Tomei conta do corpo, tão conscientemente como conscientemente dele saíra. E invadiu-me um sentimento tal de gratidão a Deus, que chorei o pranto mais feliz de minha vida.

A VIAGEM DE NÚPCIAS

Tínhamos combinado, eu, Catarina e os mais familiares, passar a lua-de-mel na fazenda de Eliseu. Embora a distância a nos separar, tudo poderia ser ajustado a contento. E procurou-se fazer, assim como o combinado. Três viaturas foram adaptadas, à tração animal, para que houvesse comodidade para todos. E nós fomos, em cinco pessoas, inclusive uma jovem, que, assim viajando, aproveitaria rever familiares por lá radicados.

Sinhá Marta nos viu partir, de olhos rasos d'água, embora com a satisfação de ficar à testa de tudo na fazenda. Era de ver o gosto que tinha em assumir responsabilidades! E os sogros, em notando o distanciar da única filha, que acenava o seu lenço branco, não puderam fazer de menos; penderam com os pensamentos para reminiscências e imagens do passado, banhando as faces com filetes cristalinos.

Eram cinco e meia da manhã, de uma linda manhã de verão, quando nos pusemos em marcha. Poucas manhãs terão sido tão belas, tão fragrantas, tão cheias de vida e à vida assim convidativas! Lá dos últimos montes, dos cimos das elevações distantes, via-se ainda que alguém acenava com lenços e outros objetos.

E os dois primeiros dias se passaram, com intervalos e lanços de jornada. Tudo era colorido na paisagem agreste, porque nossas almas viviam a plena vida, sem zelos, sem preocupações, alheias ao mundo que ficava cá por baixo, onde a alma em pouco se detém, por tudo igual, repetido, monótono, falível! Uma união motivada por sentimentos enobrecidos, por certo que fará surgir outros matizes de apreciação sobre a vida, os seres e as coisas.

Só mais tarde, ao presenciar o quanto Catarina era um espírito superiorizado, é que pude compreender a razão de ser das sublimes influências que espargia ao redor de si, atingindo em cheio as almas, fazendo-as preludiar motivos de vida e estar, que não são os comumente reconhecíveis no mundo. Quando do seu desencarne, imediatamente entrou na posse de seus pretéritos valores,

revelando-se o espírito capaz de bastar-se em requisitos de escol, em quem havia, ainda, sobejas dádivas que em virtude de função, fazia fluir por sobre aqueles que de mais alto fossem indicados, como de merecimento.

Ao terceiro dia, entramos para a zona serrana da estrada, podendo admirar na natureza exuberante, o quanto de fidalgo é o mundo, quando em sua pureza original, sem a mescla da ingerência humana, que, por sua bisonhice a quase tudo polui, quando de vera é realçar. A marca que o homem devia deixar não a deixa, porque no que faz injunge utilitarismo, extravagância, egoísmo e vaidade. A poesia se esvai quando o contato humano se apresenta, ressaltados casos raros. E para que nossos espíritos sedentos de simplicidade possam deter-se, aqui ou acolá, há necessidade de que o agreste, de que o natural, se nos apresente de quando em quando.

E aquelas serras, aqueles vales imensos, nisso eram pródigos. No alto de uma crista onde rareava a mata virgem, fizemos por pernoitar. A noite estava enluzada, a aragem era fresca, o aroma da vegetação deliciava a alma. Os troleiros cantaram ao som do violão, e as estrelas pareciam querer ouvi-los. Os curiangos esvoaçavam chãos, e as arapongas, estranhando o acontecimento, martelavam a noite e os vales.

Pelas duas da manhã, ainda se assava churrasco nas últimas brasas, ainda se tomava ponche. Uma neblinazinha tênue, transparente, deu-se a valer por sudário entre a lua e nós, e, por baixar a temperatura, recolhemos-nos aos troles, que fizeram de moradia, enquanto a viagem durara. Quando nos levantamos, ouvimos tiros a ecoarem pela serra em fora, ecos que vinham lá debaixo do vale. Eram os troleiros que haviam ido à caça. Quando chegaram, vinham com alguns coelhos do mato pendurados à cintura. E foi isso o que almoçamos, assim quiseram eles. Apenas Catarina não quis comer carne, pois nunca a vi fazer tal. Achava que para viver, o homem não precisa tirar a vida. E por mais que lhe fizesse compreender que ainda não pode abdicar a humanidade da contribuição dos animais, por tudo quanto concorrem, de nada adiantava. Não comeria carne, menos fosse um dia forçada e nunca o fora. Seu eu primava já por melhores sendeiros da vida.

Quando a findar a zona de serras, deparamos com paisagem deslumbrante. Uma cascata, árvores frondosas, pássaros que vinham beber, animais que vinham beber e banhar-se. O ronco

atingia boa distância, e foi por ele que a encontramos, descendo dos troles e procurando pela mata. Ali ficamos horas a admirá-la, até que a tarde ia bem avançada. Combinamos, então, aproveitar o luar, razão porque deixamos o tempo passar, sem lhe fazer caso. Foram horas deliciosas na vida!

Quando a lua despontou na curva ao longe, em início de minguante, estávamos a postos para partir. E partimos, viajando quase a noite toda. Sob límpido céu e por entre campos verdejantes, a estrada estreita e sinuosa parecia uma enorme serpente, sobre a qual íamos vencendo distância. Quando a certa altura o cansaço nos venceu, perfilhamos todos a ideia de dormir, o que fizemos até quase às nove e meia da manhã.

Ao acordar, o céu se apresentava encoberto prenunciando chuva. Por isso, encarando o estirão que ainda faltava vencer, atrelamos os animais e prosseguimos estrada em fora. O campo, por ali, estava verdadeiramente florido!

Dava-se o espírito a querer roçar por sobre aquele alcatifado de cores e matizes. Todo caso, ao longe se avistou um cavalheiro, que veio vindo, até nos encontrarmos. Parados todos, falamos de nossos destinos, ao que ele informou:

— A fazenda do senhor Eliseu fica pouco além do segundo colmo de morro que o senhor vai encontrar. Mas, para chegar até a casa dele, ainda terão que vencer uns vinte e tantos quilômetros de chão.

Despedindo-nos, tocamos à frente.

Pelas cinco e meia da tarde, atingimos a casa de Eliseu e Gisa, onde nossa presença se converteu em magnífica eclosão de alegria. A um canto, sem que menos o imaginasse eu, Eliseu me interpelou:

— Antes de tudo, Cabral, faça o favor de me dizer uma coisa... Porque isto vive a martelar-me a moleira... Diga-me, algum dia você soube de alguma coisa espiritual, uma visita que me fez?...

Ri-me a valer, antes de lhe dizer coisa. E contei-lhe aquele feito interessante, aquela viagem astral em companhia de minha mãe. Disse-lhe do seu pedido, para que um dia, em nos encontrando, afirmar-lhe isso, como comprovante do fenômeno. Falei-lhe, também, daquele espírito tumultuoso, que afinal fora doutrinado.

— Maravilhoso!... Maravilhoso!... — começou ele a exclamar, esfuziante de alegria.

— Quando qualquer coisa dá-se pela Vontade de Deus, maravilha é. Nossa brutalidade é que nos faz mal interpretar as maravilhas da natureza em geral, onde as glórias estão perenemente expostas. De resto, tudo isso é, em Deus, comum. Para a concepção essa é que devemos marchar. Tenho certeza que a Deus importa o nosso amor e não a nossa exaltação. A exaltação é filha do estrabismo a que nos votaram os falsos conceitos espiritualistas de todos os cleros, fazendo-nos crer, não que somos partículas conscientes da individualidade, e emanadas do próprio Deus, da PRIMEIRA ESSÊNCIA, mas sim como a filhos expúrios, a estranhos inventos que um dia quisera aventurar-se Deus. Nós somos imagem e semelhança de Deus, em ESSÊNCIA, razão porque somos glória espiritual. E se nos concedeu Ele o direito de autoedificação, tanto mais gloriosos devemos nos sentir. Não somos como o elemento amorfo, cujas leis gerais o controlam cem por cento, em forma de automatismos; nós podemos forçar as leis, para precipitar ou retardar, para o bem ou o mal, à custa da consciência individual e do sagrado direito de livre arbítrio. É lógico, portanto, que vamos nos integrando no conceito novo, o monístico, o unitário, e assim nos concebendo como glórias de Deus. Chega de adular e pedir! Chega de bajular e reclamar! Basta de sugerir a Deus que seja ou se faça BOM, JUSTO, MISERICORDIOSO, etc.! Vamos tratar de compreender, que nós é que nos devemos lançar a essas VIRTUDES, descobrindo-nos em nós mesmos! Deus é em tudo e em todos a BASE ESSENCIAL, não deixando jamais de ser IMUTÁVEL, diga ou pense o homem como quiser, peça ou não a Deus se faça JUSTO, AMORÁVEL, etc. O homem precisa dar-se ao culto das virtudes inatas, que tem por dever fazer aflorar, e não viver a pedir, a clamar, enfim, a proceder como blasfemo, pois quem pensa precisar Deus dos seus avisos, por certo, que blasfema! Ignorar seus gloriosos dons inatos e viver a acusar a Deus, isso caracteriza o religioso em geral! Contra isso devemos brandir nossas armas intelectuais revolucionárias...

Eliseu não me deixou prosseguir, porque aparteou:

— Não me doutrine agora, que desejo pensar no acontecido, coisa para mim de exultar. Amanhã teremos tempo de sobra para essas coisas, que merecem cuidadoso trato. Hoje, vamos falar de vocês... De como vão as lavouras... De nós...E entramos para a casa.

GLÓRIAS MEDIÚNICAS

Diz um nosso livro, através do qual passagens da vida de Jesus são expostas, à luz de melhores informes, sobre diálogo então havido, entre o Mestre e Seus discípulos:

Estando à puridade - depois de muito tempo já transcorrido de Suas lições imortais e curas mediúnicas - em local onde estruturavam as graças que o Pai fazia a Seus mais celestializados servos - ao derramar o Espírito nas pegadas do mais categorizado servidor enviado ao plano da carne - pelo tanto que deu ao mundo - e depois de lhes sondar a dureza de coração, faz Jesus a seguinte pergunta:

— Quem dizem os homens que eu sou?

E alguns apóstolos comentam, passando à frente justamente aquilo que do meio do povo ouviam:

— O povo diz, Mestre, ora que João Batista ressuscitou, ora que ressuscitou um dos antigos Profetas, dizendo ainda outros que és o Elias que está prometido vir.

Inteirado o Messias do que lhes ia pela mente, segundo o dito do mundo, faz-lhes direta indagação:

— E vós outros, meus amigos, quem dizeis que eu sou?

Pedro, então, sobre quem derramava eflúvios benditos, um velho companheiro de lutas, amizade consolidada nos tempos em que o velho pescador vivera a personalidade de grande vulto Profético de Israel, abre sua boca em favor de sublimada influência:

— Tu és, Mestre, o Cristo de Deus, o que devia vir ao mundo, segundo o relato das Escrituras.

E Jesus responde-lhe, aproveitando a oportunidade de lhes inculcar na memória, o porquê de Sua vinda à carne:

— Não sou nenhum dos Profetas que tenha ressurgido, nem Elias e nem João Batista. Elias já veio, porém, e por o não haverem reconhecido, fizeram dele como quiseram. Eu vim ao mundo para cumprir a promessa do derrame de Espírito Santo sobre a carne, conforme está nas Escrituras. Antes, porém, é necessário que o filho do homem morra e o espírito retorne ao terceiro dia.

Vós sereis testemunhas destas coisas. “E bem aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi a carne nem o sangue quem isso te revelou, mas sim o Espírito Santo; e sobre esta pedra edificarei a Doutrina do Pai, e as portas do inferno jamais prevalecerão contra ela”.

Passados todos os acontecimentos que Jesus predissera, segundo como as Escrituras testificavam, os apóstolos meditavam na imensa realidade que haviam auxiliado a manifestar, rejubilando-se muito. Foi tremenda a influência causada pelo reaparecimento de Jesus, bem assim como a promessa para dias depois, do tão lembrado Batismo de Espírito Santo. E qual não fora a alegria celestial a invadi-los, quando pelas festividades do Pentecostes, deu-se a grande manifestação mediúnica, vindo com isso a manifestar-se francamente o mundo espiritual, sob as ordens do próprio Jesus.

O mais interessante, não é que tenham falado a todos os que se achavam em Jerusalém, nacionais e estrangeiros, a cada um no seu idioma; o mais interessante é que os mensageiros do Divino Mestre repetiam o porquê da grande manifestação, que era a solvência da promessa feita pelo Senhor, no curso dos séculos, à carne toda. Estava consumada a missão de Jesus, anunciada nas profecias e precursada por João Batista. Etc.”

O livro recapitula tudo quanto foi feito antes da vinda de Jesus, desde os Vedas, transitando por quantos vultos de escol tenha Ele mesmo enviado ao mundo, no curso dos séculos, no sentido de instruir as gerações, de acordo com as suas possibilidades assimilativas. Tece considerações em torno da corrupção, que se levantou em Roma, onde tudo foi banido em matéria de Revelação, ou onde o Batismo de Espírito Santo fora cem por cento solapado, para que o culto pagão fosse exposto em nome de Jesus e como se fosse da Vontade Dele. Prossegue revelando o que foi feito pelos primeiros emissários a bem da restauração, culminando na obra de Kardec, que é exposta como o vértice da nova era, por comportar a moral, a relação profética e o mecanismo mediúnico desejáveis.

Naqueles dias, portanto, que estivemos junto de Eliseu, muita coisa aconteceu, muitos eventos nos atingiram, dóceis uns e constritores, outros, mas tudo em abono da gloriosa obra de Jesus e dos trabalhos restauradores de Seus emissários, tudo convergindo para testemunho, em obra e graça, da pedra sobre a qual o Cristo estabelecera os fundamentos de Sua Igreja, acima dos

conceitos de tempo e de espaço, de fronteiras e de bandeiras, de raças e de credos, porque Igreja de Ordem Suprema, sem cleros e sem comanditas, sem donos e sem privilegiados, sem engodos ritualísticos, Igreja fundada na Revelação interplanos, na consciência universal, na Ciência e no Amor!

Na noite seguinte à da nossa chegada, realizando uma sessão-zinha a cinco pessoas, avisou-nos minha mãe sobre o estado de saúde de Sinhá Marta:

— As crianças vão indo muito bem, e o mais tudo em ordem, mas Sinhá Marta está enferma, está de cama. Orem por ela, e trataremos de fazer o que Deus nô-lo permitir. Todo caso, cumpre dizer que está no finzinho de sua romagem pela carne, não sendo de bom alvitre esperar grande coisa de qualquer recurso adicional, pois ao cabo dos vencimentos cíclicos, em qualquer ordem de fenômeno, todos os recursos valem apenas como paliativos. Pode-se conseguir certa prorrogação, mas o desfecho está às portas do seu término.

— Nesse caso, — ponderei, — não convém partamos já?

Custou um pouco minha mãe a responder, havendo dito, por fim, num tom dúbio o quão contrito:

— Quem sabe tudo e certo é Deus, sendo que às vezes nos tornamos, por Sua Soberana Vontade, conhecedores das coisas por ocorrer. Vamos ver, apesar de tudo se é possível impetrar um recurso qualquer, ainda que apenas aleatório... Eu gostaria que vocês pudessem ficar aqui um pouco mais; e prometo que, sem dispor em nada contra os santos desígnios do Senhor, tudo farei para que assim seja.

Pareceu ouvir a alguém, tendo rematado:

— Mas, qualquer coisa que venha a dar-se, avisá-los-ei...

— Devemos estar sempre prontos para realizar sessões?

— Não; não é preciso se prendam tanto... Um jeito daremos, pois sabemos que ante Deus toda e qualquer porta é passível de franquia.

E como pensávamos ter dito tudo, perguntamos sobre o encerramento dos trabalhos.

— Não, que há um irmão por doutrinar. Foi indicado de mais alto, como sendo obrigação nossa encaminhá-lo, de sorte que, quanto antes feito, tanto melhor.

— Traga-o, irmã, — interveio Eliseu, — e todo gosto teremos em servir do melhor modo.

Minha mãe observou:

— Que venha para este lado o meu filho, porque assim também está ordenado. É suma graça que isto se possa dar, e não queremos perder oportunidades assim oferecidas pela Justiça Suprema.

Embuído de certas ideias, indaguei, desejando esclarecimento:

— Mas é por Justiça ou por graça, mamãe?

Ela sorriu e respondeu, com acento reticencioso:

— Há simbiose de justiça e graça, embora não me seja permitido explicar... Nós temos que obedecer ordens e as ordens são no sentido de não se dizer tudo, jamais. Devem raciocinar sobre todos os fenômenos, para que deles possais tirar o máximo em proveito. Não nos cumpre fazer tudo, mas apenas nossa parte...

— Obrigado pelo informe — disse Eliseu.

Ela, então, avançou um tanto:

— Bem, vá lá! É que sendo obreiros encarnados, têm ingenuamente três elementos de valor por utilizar — a natural aptidão, o ambiente de trabalho e a instrumentalidade. Não farão o melhor desprezando qualquer desses fatores, pois a falta para com um comprometeria os demais, vindo tudo a ser medíocre, então.

Eliseu concordou:

— É claro, irmã, pois o homem que desprezar suas vantagens, o ambiente comum de ação ou as ferramentas, que poderá produzir de bom?

Mas ela reclamou:

— Sim, sim... O nosso sofrimento está nos esperando...

Imediatamente procurei ficar-lhe à vontade, entregando-me ao primeiro choque fluídico a me atingir. Saí do corpo com inteireza de consciência, vindo a me entregar, tangido por superior força, a um tom vibratório tão sublime, tão superior em psiquismo, que me pus a chorar de alegria. E vi, também, que embora eu e Eliseu estivéssemos falando a minha mãe, a capacidade demográfica astral ascendia a alguns milhares de seres, sendo, porém, em maioria, os necessitados de ensinamentos e preces, isto é, carecidos de estímulos santificantes.

Uma vez rodeado de uma dezena de servos do bem, e havendo passado aquela feliz crise de balsâmico choro, ouvi de minha mãe:

— Está pronto?

— Mande Deus por mim!...

— Então, vamos.

Demos de chofre numa região escura do plano astral, toda ela feita de um material que parecia a uma mistura de enxofre e terra avermelhada, onde a impressão que nos vinha de tudo era a de purgação dolorosa. No local onde fomos, umas fileiras de prédios baixíssimos havia, sendo que serviam de xadrezes ou celas, onde se achavam presos milhares de milhares de seres, tristes uns, combalidos, outros, monstruosos outros, rebeldíssimos outros, etc. No frontispício do imenso corredor de pavilhões estava escrito — “POSTO DE RECUPERAÇÃO MENTAL NÚMERO OITO, DA ZONA DOIS”.

— Aqui estão os que vão merecendo avisos superiores. Embora alguns pareçam, rebeldíssimos, há que atender para certas circunstâncias, aquelas que, sendo motivadas pela imensa dor, comprometem mais ainda, assim como se fossem os juros do próprio mal. Há relevação de certa monta, é claro, para com estes. E se isso não fosse, como viriam aos propósitos ressarcitivos? Tereis compreendido já o porquê das doutrinações de seres terrivelmente votados ao mal? Aparentemente, em que seriam merecedores de atenção? Por isso desejo meditem bem no que disse há pouco, sobre a Justiça e a Graça, como sendo uma operação onde nem uma e nem outra perdem nada. Verdadeiramente, Justiça e Graça palmilham sempre os mesmos caminhos, mas, cumpre dizer, sempre a Justiça é que motiva a ingerência da Graça. A Graça, sem Justiça, não poderia ser, porque nenhum ceítal jamais será esquecido. A Graça será uma oferta, uma oportunidade, uma visão, um lampejo, uma ideia, um encontro, uma cura, um lance de sorte, uma amizade, etc. E destas possíveis, e abençoadas coisas cumpre tirar bom proveito. É preciso pôr atenção em acontecimentos julgados de nenhuma significação.

Depois de minha mãe assim falar ao grupo, convidou:

— Vamos ao chefe Azevedo.

Em menos dum piscar de olhos, eis-nos ante corpulentíssimo homem, todo ele metido em autoridade. Saiu conosco, andando vagarosamente, até à frente de certa cela, onde uma mulher, de joelhos, implorava misericórdia ao Senhor. Naquela penumbra, não se a podia reconhecer bem; vimos, depois, que era de belos traços, e não idosa. Quando muito, uns trinta e cinco anos.

Ao nos ver, saltou para as grades, pedindo, clamando, exigindo.

O homenzarrão lhe disse, num tom severo, para que mantivesse a calma precisa. E embora fizesse ele força por parecer brando, ou querer ser de fato, tudo nele refletia rudeza ditatorial. Contudo, a mulher ficou como que amedrontada, silenciando.

— Pedir clemência aqui é muito fácil!... Por que foi inclemente?... Afinal quem é que paga pelo que não deve?...

A mísera clamou:

— Estou arrependida!... Tende piedade! Pelo amor de Deus!...

E o homenzarrão voltou:

— Já sei... Pimenta na nossa boca é coisa ardidada... Na dos outros é frescor... Todos os malvados sabem pedir para si mesmos o que sonham aos outros. E a Suprema Justiça não entende de particularidades e favoritismos!

Eu estava ansioso por saber pelo que respondia aquela mulher; mas ali não seria lícito indagar de coisa alguma. E foi bastante grato ouvir de minha mãe o pedido de entrega da mulher. Pelo menos, sair-se-ia dali, daquele trevoso lugar, onde tudo transpirava a grosseria e dor. Quando a mulher se viu solta, quis sair correndo, no que foi obstada pelos serviçais. Via-se perfeitamente que ela sofria das faculdades mentais.

Num repente, despedindo-nos do homenzarrão, e debaixo de tremenda gritaria da multidão de prisioneiros, gritaria que se compunha de blasfêmias, de insultos, de pedidos de clemência, etc., tornamos ao recinto de Eliseu. Ele atendia, no momento, a uma mulher que havia sido trazida, pelo que se via, por outros serviçais.

— Aguardemos a saída daquele espírito, pois é preciso ordem.

Lembrei-me da Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, capítulo quatorze, onde o Apóstolo ensina o sistema de culto mediúnico usado pelo Colégio Apostolar, exigindo o máximo possível de disciplina, para o bom aproveitamento do mesmo.

Quando aquela mulher saiu, eletrizante de alegria, dando graças aos céus e aos homens, minha mãe falou:

— Ponham-na no corpo de meu filho...

Aquela mulher de pouco precisava. Falou-lhe Eliseu sobre ser desencarnada, de estar numa sessão, etc. E ela a tudo disse já saber, razão porque pediu ele uma prece para com ela.

— Envolvamos este espírito, com as nossas ondas mentais, eletro-magnéticas, para que os irmãos trabalhadores do espaço possam com facilidade desempenharem-se da função que lhes está preposta, no sentido de conferir-lhe ensinamentos e elementos curadores.

Todos se fizeram fontes de jatos luminosos, uns apresentando umas colorações, outros outras, sendo que os do plano astral, enviavam-lhe mensagens de estímulo e cooperação fraterna. Há boa diferença entre as radiações dos de um e outro plano de vida. Cada um, todavia, dá do que tem e pode, de acordo com o meio ambiente e as condições pessoais. Há muito que atender para esta ordem de coisas, pois as características ambientais e pessoais variam ao infinito. Em matéria de radiações e cores, infinita é a manifestação em tons, inferiores, ótimas, superiores e ultras.

Para rematar, digo que ela foi acometida de um chuveiro de graças. Os operadores lhe fizeram uma operação de transubstanciação, apresentando-a como renovada e feliz. Assim operando, por processo próprio, do seu corpo muito foi extraído e nele mesmo muito foi posto.

Ao deixar ela o meu corpo, ouvi de minha mãe:

— Volte para o seu corpo, meu rapaz.

Fiquei triste, mas obedeci. Quando estava em mim, bem consciente disso, minha mãe tomou do corpo de Gisa e começou a falar.

Falou daquela irmã, como sendo uma infeliz mãe, que se sentindo um dia abandonada pelo marido, envenenou-se, e aos filhinhos. Foi um ato trágico, filho da falta de fé e confiança em Deus, que se desenvolveu em extremo no seu íntimo, até ao desfecho. Não soube vencer uma prova, prova essa que estava de pé, por haver um caso assim no seu passivo histórico ou cármico. Ficou entre as trevas e a prisão, naquela zona triste, até o dia em que devia desencarnar; as dores em geral foram-lhe a praga da imprudência. Fora encaminhada na hora certa, sem perda de tempo, por estar disposta a isso. Haverão de pensar em expiação, por ser dívida contraída; mas afaço que houve de sua parte certo resgate, permanecendo o fator prova por ser vencido por ela. Os gêneros de prova desfazem-se em espécies, e estas em tons, em virtude de atos a que se propõem os devedores. Uma falta, portanto, sem deixar de ser e ter de ser resgatada, transita de um lado a outro,

de uma fase a outra, sem perda de Justiça, sem ficar à margem da Soberana Lei de Equilíbrio Universal. Nisto reside, também e soberanamente, o princípio de Graça, intervindo ou servindo-lhe de base, em superior instância, aquele fator conhecido como CONHECIMENTO DE CAUSA. De errar, mais ou menos conscientemente, a diferença é grande! Pensemos nisso, com vigor, para não cairmos em nossas tentações.

E a sessão foi encerrada, ficando todos de sobreaviso em torno de Sinhá Marta, mas sem esquecer da pedra graciosa sobre a qual o Divino Mestre edificou Sua Igreja, Igreja de Revelação, de Ciência, de Amor e Justiça.

SOBERANA É A LEI

Embora em nossos íntimos se mantivesse acesa a dúvida, que em certos momentos borborejava atormentando-nos corpo e alma, íamos aproveitando as horas e divertimentos e passatempos felizes. Combinamos não caçar e nem pescar, pois não é de bom tom um espiritista venha a se tornar propositalmente assassino, nem mesmo em relação a irmãos tão inferiores em evolução. Por isso, passeios a cavalo se iam sucedendo; e cinco dias depois, à tardinha, estando também Eliseu e Gisa conosco, bifurcamos por aquela serrania, aproveitando ver, de perto, tudo quanto fosse possível daquela cascata belíssima, de que já falamos. Ao pôr do sol, miríades de pássaros esvoaçavam, pipiando, piando, chamando, tristes uns, alegres outros, saudosos outros, numa atoarda sem fim nem harmonia; variavam em cor, em tamanho, em cantorias, assim como em oferta policrômica de extasiar se apresentavam as borboletas, ligeiras umas, pesadas outras, leves e diáfanas ainda outras, tudo numa promiscuidade de sonho, de luzes e sombras, de despedida e languor, como se aquela fosse a última tarde do mundo, o derradeiro respiro de todas as vidas, o máximo anseio da fauna em geral. Animais bravios de quando em quando uivavam ao longe, enquanto preás e outros roedores, como se fossem projéteis vivos, zigzagueavam de um lado para outro, esgueirando-se alguns pelas frestas da pedraria, a olhar com olhares assustadiços e travessos, para fazerem das ervinhas tenras o manjar apetitoso, ervinhas que nasciam por entre os sulcos da rocha, bem ao rés da montanha, onde o aguaceiro se desfazia em espumarada nos bordos da correnteza. Por entre touceiras espiavam coelhos do mato, e ouriços pardos e feios também vinham apreciar a festa da bicharada, em despedida do dia.

A um miado de onça, bem perto, Eliseu descarregou o seu revólver, pondo todo aquele mundo festivo em polvorosa. Eram guinchos, grunhidos, silvos, pios, bater de asas, estrepitosas corridas e correrias. Em pouco, tudo era silêncio na vastidão da mata.

Mas, em pouco, ora um pássaro, ora um roedor qualquer, a barulheira vinha num crescendo, e à medida que outros e outros vinham vindo, também o miado da fera se fez ouvir, razão porque deixamos o fundo do vale, fazendo a escalada. O crepúsculo vinha se acentuando, e enquanto o passaredo ia caindo em silêncio, os animais da noite vinham de tomar a dianteira nos ruídos em geral. Já era de meter receio o que se passava, e não sem necessidade, Eliseu descarregava o seu revólver amiúde. Era quando a quietude inundava por um pouco o ambiente pujante da selva virgem.

A noite estava sem lua, mas estrelas brilhavam no fundo azul-escuro do firmamento. Para cima sim, havia luzes e não ruídos. E a faixa branca da estrada, que cortava a campina lá embaixo, foi num instante devorada. Foi só apanhar o terreno plano, uma vez descida a montanha, para que cada animal procurasse dar de si o máximo.

Quando chegamos à casa da fazenda, um apetite muito grande nos tangia a todos, e por isso o melhor feito foi jantar, imediatamente. Ao término do jantar, do bom jantar daquela noite, ficamos por um pouco a conversar, sem imaginar em coisa alguma que não fosse a paisagística sublime e a bicharada bulhenta. Num repente, e interessadamente todos tomados de angústia, pensamos em Sinhá Marta. Foi uma como sombra de terror, ou coisa assim, que nos assaltou pois ficamos perplexos, suspensos em nossos íntimos, chegando as mulheres a se porem de pé, à espreita, como quem busca ver além dos horizontes ordinários, atingir o supranormal, que ali rondava, sem dúvida.

Eliseu comentou, preventivamente:

— Vamos manter o equilíbrio mental, e ficar ao dispor do que Deus nos enviar, sem medo e nem receio algum. Dado termos pensado todos em Sinhá Marta ao mesmo tempo, é forçadamente, um sinal é que isto constitui...

Antes que terminasse ele as suas palavras ponderadas, Gisa foi tomada de um espírito familiar, havendo dito:

— Que a paz de Jesus seja convosco! Não temeis coisa alguma, que não é para tanto haja o que houver, nascimentos ou mortes. O que se deu foi que Sinhá Marta, tendo abandonado o corpo por um instante, aqui veio e, encontrando em todos simpatia e atrações mediúnicas, fez o círculo de visitas e se foi. Só isso, nem mais um ceítil.

A mais uma pergunta nossa a seu respeito, disse:

— Isso vou pedir-vos, pois achava-se ela muito enfraquecida. Fazei, amanhã, aí pelas cinco horas da madrugada, uma reunião. Talvez tenhamos o que dizer... E seja o que for hajais de enfren-tar, fazei-o com alevantado espírito de admissão aos Supremos Desígnios.

Deixou-nos o espírito, permanecendo a paz; mas uma paz mesclada de dolorosa expectativa. Por mais que nos fosse integral a consciência do dever para com as leis fundamentais, doía na alma sabê-la de partida, além de termos os filhos junto dela. Certo que havia gente de bom crivo e melhor alma por ali, capaz de todos os fazeres necessários; mas, a eles, Sinhá Marta era insubstituível!

Depois, qual a razão daquela exigência, de termos de fazer a sessão às cinco horas da manhã? Não estaria implícito aí, acontecimento fatal ou sua mais próxima expectativa? Ninguém dormiu, portanto, duas horas naquela noite; ela nos foi tão longa o quão agonizante.

Quando o relógio de pêndulo deu cinco horas, estávamos todos ao redor da mesa, religiosamente, à mercê dos guias, de alma contrita e aguardando o pior por vir. O fato de espíritos darem sortidas como aquela, e visitarem pessoas da família ou amigas, caracteriza bem o transe próximo. Ninguém seria capaz de nos tirar isso da mente.

E aquele mesmo guia falou:

— Amigos, volteis para casa... Talvez chegueis a vê-la com vida, ainda. Tudo o que pudemos fazer foi feito, e mais se conseguiria, quisesse Deus assim. Sucede, porém, que recebemos ordem superior em contrário. Um mensageiro das altas esferas trouxe-nos a carta de alforria, enviada àquela alma trabalhadora e afeita às ações nobres. Embora vos seja triste, o ato de separação, deveis sentir-vos alegres, porque é um caso digno de alegria, saber que um ente querido entrega seu destino aos cuidados de enviados do Senhor. Rejubilai-vos, pois que a terra não dá muito dessas criaturas! Cantai glórias espirituais, porque ela vos será fiel e meiga inspiradora nas horas de necessidade! Dai graças ao Céu, vós que tendes já tanto porque fazê-lo, pois um novo advogado estais por ter, a lutar por vós em face dos torvelinhos tentadores do mundo!

Nossas faces estavam banhadas por lágrimas onde se mesclavam a dor, a saudade, o júbilo e angustiosas apreensões. Quantas emoções a um só tempo!

Quando o guia partiu, levantamo-nos para as arrumações necessárias. Os empregados, assim ouviram dizer das últimas de Sinhá Marta, acabrunharam-se em extremo. Dois deles haviam sido pajeados por ela, natos que eram na fazenda e órfãos que ficaram, de pai e mãe, bem cedo. Enfim, morresse Sinhá Marta quando quisesse Deus, deixaria no mundo a envolvê-la um imenso halo de saudades e santos augúrios. Feliz quem assim se despede das obrigações que o senhor lhe confiou!

PAISAGEM TUMULAR

Não há dúvida de que as imagens exteriores são observadas segundo as impressões mais íntimas, segundo o estado de alma. É a alma quem fornece elementos últimos para o cinzel espetaculoso da natureza.

Eu revivia, pela quarta vez, um drama pungentíssimo. Porque, até então, só a morte de meus pais e de minha primeira esposa é que me haviam atirado aos braços de tamanha angústia. Sabia bem do inderrogável desígnio! Mas, como deixar de sentir a dor aguda que a separação exige e impõe? Como partilhar, indiferentemente, de tamanha falta?

Triste era a paisagem que íamos devorando, agourentas as aves esvoaçantes, tumulares os aspectos do Céu, lagrimejantes as estrelas!

Quatro dias de viagem, quatro noites de pousadas em estalagens, quatro torturantes lanços de tempo e caminhadas!

Que contraste entre a vinda e a ida! Dias antes, tudo era ouro e esmeralda, cantos e risos, atenções e motivos de delirantes alegrias. Agora, quanto menor a distância, tanto maior a dolorosa expectativa. Um chumbo parecia estar a comprimir nossos corações. E a prece, o bálsamo das almas, aliviava pouco. De qualquer modo se pensasse, por mais que se fizesse, o ponto de referência era lutoso e a visão interna não podia ser senão umbrosa.

Pela tarde do quinto dia de viagem, avistamos ao longe, de uns vinte quilômetros de distância, a fazenda que se espraiava pelos vales e morros. O binóculo deu tudo quanto pôde, mas não conseguiu nos satisfazer. E entrando por uma baixada, perdemos tudo em matéria de vista possível, até que atingimos um lugar algo um tanto elevado, de onde se conseguiu ver mais e melhor.

Tudo ermo! Tudo quieto! A ninguém se via trabalhando, andando, cavalgando... Alguém, porém, devia nos ter visto; pois um cavaleiro, em pouco, vinha pela estrada em franca disparada. Era Márcio, sem dúvida, o peão mais destro, o mais desembaraçado rapaz da fazenda, que viria a nos trazer o fatal recado.

E trouxe de fato o seu recado, gritante quanto mais não poderia sê-lo. Parou o animal com violência estranha, olhou-nos muito, mas não pôde articular palavra! Emudeceu, deu meia volta ao animal, e seguiu, acompanhando-nos, cabisbaixo e lagrimoso. É que ele também devia bons contados à velhinha! Por vezes sacara, aos cofres cheios daquela alma alvinitente, maternais cuidados, fraternais amparos. Quando da morte de sua mãe, e durante o longo agonizar daquela que lhe dera os dias na carne, quem estivera ali, dia e noite a velar, a rezar, a ministrar remédios e cuidados? Bem merecia, agora, um pouco de quentes lágrimas e devotados pensamentos, a mulher que se fizera, por mais de cinquenta anos, a serva simples e humilde de todos os que viessem a precisar de seus cuidados.

Meus filhos, Isabela e André, também vinham vindo, lá embaixo, na curva, ao nosso encontro. Vinham devagarinho, pensativos e tristes. Atrás deles, mais vagarosa, vinha dona Augusta.

Depois dos cumprimentos, entre lágrimas, consegui dizer ela:

— Foi enterrada faz três horas e pouco... Tinham de ver o enterro que foi!... Gente e flores, mas quantas flores e quanta gente, senhor Cabral!... Eu nem sei até de onde veio gente!...O túmulo virou uma montanha de flores!...

E Márcio explicou:

— Assim fechou ela os olhos, saímos alguns, cavaleiros a avisar todo mundo!... Pelo menos que rezassem por ela... Mas quiseram vir ao enterramento... Tanto melhor... Quem se lembrar de Sinhá Marta, há também de lembrar-se do maior enterro que por aqui se viu desde que por estes rincões tem gente morrido!...

Dona Augusta, em seguida, fez a pergunta esperada:

— Souberam por espírito?...

— Sim... Fomos bem avisados — respondeu-lhe Catarina.

Quando apeamos das viaturas, colonos nos circundavam, cada qual expressando o pesar pela perda, cada um lastimando a partida de quem tanto e tão bem soubera viver.

Dentro em pouco mais, Viçosa e Terêncio chegavam da vila. Vinham combalidos, extenuados, exaustos. Falavam pouco, pois seus semblantes, diziam tudo através do silêncio que curtiam.

Apanhei-me, algumas vezes, a pensar sobre como uma alma simples, uma pessoa humilde, de condição e instrução, tanto conseguira captar as simpatias gerais. Parecia haver mágica,

naquilo tudo, leis desconhecidas determinando aqueles acontecimentos.

Combinamos, então, já que o crepúsculo se iniciava, fazer uma prece no terreiro, às oito e meia em ponto da noite. Todos aquiesceram, com prazer e devoção. E foi coisa de enternecer! De algum modo, como se poderia expor uma coisa assim, uma descida em tão larga escala de tantas luzes celestiais de tantos vultos resplendentes?

Só mais tarde, quando também fui chamado às contas da lei cíclica, é que pude compreender o que servia de alicerce a tantas coisas insignes, a fatos de montantes tão surpreendentes. Aquela mulher simples, criada de todos, alma de escol, muitas vidas havia tido no mundo, sendo que, dentre elas, algumas bem vantajosas em face de faustuosos acontecimentos históricos. Precisava aprender humildade, simplicidade, dedicação às coisas aparentemente pequeninas, razão porque pedira uma encarnação entre as dobras da vida campeira, como serviçal humilde e sem letras quaisquer. Vasculhando seus documentos astrais, nos arquivos do Céu, fomos encontrá-la, entre outros deveres, a servir de esposa e braço forte de algumas personalidades de vulto no campo das ciências e da religião. Chegara a ser a alma de certos corpos estruturais ataviados por nomes imortais. Não era em favor do nada, em vista do acaso, ou por misteriosas razões, que se impunha pela altivez do caráter ou pela elevação de conduta. A simpatia radiante era apenas a vantagem adquirida no curso das vidas e dos esforços superiores.

Eu havia dito um dia, movido porque força não sei, que desejava chorar sobre o seu cadáver, tantas as bondades que lhe devia. Agora, que a tinha num cemitério, esse pensamento ganhava vulto em mim mesmo, projetando-me a ir visitar o seu túmulo, o quanto antes possível.

Sem dizer nada a pessoa alguma, nem mesmo a Catarina, na manhã imediata à do seu enterramento, cavalguei para lá. Estando o cemitério em solidão, reclinei-me e orei a ela, com toda a ternura de que poderia ser viver. Num raptó de espírito, fui suspenso sobre mim mesmo, vendo meu corpo recurvado debaixo de meus pés. Vieram, então, minha mãe, meu pai, e miríades de entidades felizes, sorridentes, ao meu encontro. Nimbado em glória, como me sentia feliz!

— Bem sabemos que não veio na morte buscar ao que é vida em si; mas onde estiver o coração enriquecido de candores imortais, aí estará, também, a bênção do Supremo Espírito. Olhe para a sua direita!

Em ouvindo minha mãe assim dizer, olhei à minha direita, vendo que uma trintena de abrilhantados seres, traziam-na até mim. Sabe Deus o que terei sentido naquela hora! Senti em mim um revolvimento íntimo tão profundo, diria tão completo, que me vi como sendo outra pessoa, e pessoa que a chamava de mãe. Ela se tornara outra, também, apresentando-se como uma senhora muito alta e de cabelos dourados, tez alvíssima, e de quem, aos poucos, muita gente se aproximava para lhe oscular a mão — o célebre “beija-mão”.

Quando as coisas volveram ao natural, minha mãe de novo me falou:

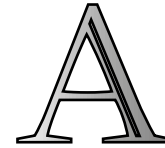
— Vê, filho, como são sábios os caminhos do Senhor?

E fui tangido a voltar ao corpo, tendo ali ficado a meditar por um bom tempo, a perscrutar o que iria pelo caminho de minha história. Ela havia sido minha mãe em vida qualquer, e mulher de largas influências políticas e sociais, sem dúvida alguma. Soube mais tarde, por mim mesmo, que assim de fato o fora. Revendo aquela minha vida, via como sendo minha genitora. E compreendi o quanto uma vida engastada em altos círculos pode projetar o ser para boas ou tristes conjunturas. O que fizemos então, como autoridades, não nos custou prazeres espirituais... Muita fulgurância temporal, mas também, muita indignidade de conduta para com os pequeninos e deserdados da sorte; principalmente, muita falta de respeito pelo dever de autoridade! Mandar é função de imensa responsabilidade...

Ao cabo de hora e meia, muita coisa se havia passado, inclusive o cumprimento da promessa, do melhor, do único modo agora possível. Estava quites para com ela, para comigo e para com Deus — havia chorado sobre o seu túmulo.

E voltei aos que fazeres fazendários.

O CARMA DETERMINA



falta de Sinhá Marta era, nos primeiros tempos, enorme. Mas, ao cabo de meses, a rotina da vida foi igualando fatores, ficando dela, sempre de pé, as marcas de sua bondade e qualidades de caráter.

E assim rolaram dias sobre o tempo. Entre as alegrias caseiras, as sessões de oito em oito dias, e mais os interesses das duas fazendas, em movimento, não havia tempo vago e nem falta de coisas boas em que gastar o quanto houvesse.

No terceiro ano da chegada dos plantadores de arroz, quando a várzea se apresentava como um verde e ondulante mar, outra vez viera-nos à tona, aquelas infelizes e trágicas apreensões. Por esse tempo, Sinhá Marta nos visitava de quando em quando, revelando-se muito mais doce do que amiga de palavreado exigente. Era mesmo do seu feitio, ser assim mais devota do coração do que do cérebro. Instada a falar sobre aqueles pressentimentos vaticinosos, comentou:

— O que está escrito está escrito. Haveria, é certo, possibilidade de desviar o modo de ressarcimento, não porém, o fado em si. Eles não quiseram e nem querem, havendo até quem, por insuficiência de previsão ou cálculo, esteja a rir do que então foi-lhes dito. Julgam-se vítimas de coisas diabólicas, de presas em mãos de agentes espirituais não de Deus. Mas, deixai-os falar... Na hora oportuna, Deus por-lhes-á em mãos os a quem servir, de um ou de outro modo. Dando-se a fazer isso, estará tudo em ordem, tudo reconquistado...

Numa tarde quentíssima de verão, depois de quase uma semana passada sem chuvas, armou-se o tempo da maneira a mais temerosa possível. Nunca aqueles céus se haviam assim tornado escuros, tenebrosos, ameaçadores!

— Temo por aquela gente... — disse a Catarina, referindo-me às dezenas de famílias que viviam no meio do arrozal, esparramadas pela várzea ampla e pródiga.

— Mas não convém que vá por lá agora — respondeu ela, prevendo o que me ia pela alma a dentro, uma quase indômita vontade de avisá-las uma vez mais, mormente agora que era crescido o número de famílias que se dedicava àquela faina.

Silencieiei, portanto, retendo em mim o ímpeto a transbordar.

E quando as nuvens foram desmanchadas pelos trovões, o fenômeno passou, de tempestade vulgar, à altura de tromba d'água amedrontante! Não chovia, pois aquilo já não era mais água desmanchada e sim estrondejante queda de massas líquidas. Não bastando a catarata celeste em curso desapiedado, ainda sobreveio um vendaval de zunir, de arrastar árvores e matar animais!

No terreiro havia de tudo aos trambolhos!

Paus, árvores, animais mortos, terra; e dentro de casa havia pavor nas almas e apreensões assombrosas nas mentes. As crianças choravam, as mulheres tremiam, os homens debruçavam-se doridos sobre os mais agourentos raciocínios.

Pelas seis horas, abrandara a tormenta, vindo uma réstia de sol por entre algumas nuvens azuladas que ainda singravam os espaços. Saindo de casa, ouvia-se o rumor das águas em correrias, carregando tudo quanto podia. Mas, ainda assim, fui à estrebaria e, encilhando o cavalo, galopei até um monte, de onde se via, lá ao longe, a planície.

E qual não foi o meu desapontamento, em vendo tudo aquilo convertido em água, muita água, um mar prateado! Indaguei de mim mesmo, num choque tremendo, onde teriam ido parar as dezenas de famílias ali em habitação.

Galopei ao máximo e vi tudo de perto — nem um pio de ave, nem um relincho de animal, nada de voz humana! A morte e o terror haviam, de conluio, feito por ali sua ronda macabra! Com muito custo é que me lembrei do que haviam dito os bons guias, sobre estarem eles a braços com desígnios cármicos. Também, não foi com facilidade que me alcei até poder sentir que, de qualquer forma, para qualquer efeito, em Deus não há injustiça!

Passando mais um olho pela vastidão líquida, dei tudo por terminado, restando apenas ter que avisar as autoridades.

Fazia a volta do animal, quando ouvi um gemido que vinha do meu lado esquerdo, de uma capoeirazinha que por ali havia. Era uma mulher, toda molhada e com uma criança ao colo, que vinha vindo,

cambaleante, esfarrapada, extremamente pálida, parecendo um cadáver a deambular. Corri para ela e reconheci-a: era a esposa de um dos primeiros plantadores de arroz, aquele de nome Gardino que vinha com o menino ao colo, quase morto.

Ela não podia falar. E seria preciso? Para quê? Não era mais do que evidente a grandiosidade da tragédia sobre todos desencadeada?

Coloquei-os sobre o animal, e, havendo montado também, procurei o quanto antes atingir a casa, ao menos para socorrer o menino, que se bem não estivesse morto ainda, nem por isso deixava de estar à morte!

Uma vez em casa, tudo foi feito e com ligeireza. Panos quentes para envolver o menino, movimentos de membros, bebidas e todos os recursos do momento. Para a mãe, aguardente e palavras de animação. Mas, quem lhe estancaria o pranto tão justo e tão brutalmente provocado? Havia perdido tudo, exceto a própria vida e a do filho.

Quando tudo mais ou menos em ordem, partimos alguns homens, para avisar as autoridades. Ao chegarmos à Vila, vimos então a quanto montava a tromba d'água em seu infernal desempenho. Choros, gritos lancinantes, mortes, misérias, tristezas de todo jaez! Vinham uns, vinham outros, cada qual relatando desgraças, cada um pedindo socorros! O ânimo de todos se fizera um só lamento.

Quando me achei ao Delegado, nada lhe quis dizer, porque ele estava trespassado de tristezas e avassalado de trabalhos. Foi ele que disse:

— O senhor, que tem posses e tem sido um bom homem, ajude a nós todos, como quiser e puder... Afinal está acontecido, e em primeiro lugar estão os vivos, os feridos, as viúvas e as crianças órfãs, etc.

— Estou ao seu dispor, bem assim como tudo o que é meu e lhe possa ser útil, meu bom amigo...

Ele não me deixou terminar:

— Contra gente assim só mesmo os tufões e trombas de água é que podem... Eu conto consigo, com os seus ranchos, com quantos homens me possa emprestar, por alguns dias. Muito obrigado. Vamos ter muito o que fazer...

E a faina reparadora teve início, durando dias e dias, quer procurando cadáveres, quer reconstruindo barracões e casas, quer tratando de gente enferma e gente ferida.

Quando uns trinta e tantos dias se haviam passado, daquela tragédia brutal sobre a região toda desfechada pela lei de causa e efeito, tínhamos cumprido com os nossos deveres. Ismênia, a vítima, e seu filho, ficaram sendo de nossa casa. Aos poucos, os flagelados se foram indo, só restando as amizades e as saudades. Foram centenas os recolhidos, tendo alguns ficado na fazenda, como trabalhadores.

VEREDAS DA VIDA

Com o passar dos dias, crescia a família, cresciam os lucros, aumentavam os serviços de ordem mediúnica, colhiam-se mais graças. Terêncio, o jovem andejante e bom médiun receitista, de muito passou a servir, pois o seu guia era bom conhecedor de ervas e melhor amigo do “sim sim” e do “não não”. Ou receitava para curar, quando sabia disso, ou não afirmava coisa alguma, fazendo ver que de mais alto outras veredas estavam indicadas. Às vezes causava alguma mágoa com a sua franqueza, mas sempre ressaltava o princípio de moral sobre o qual deve deslizar o culto do mediunismo. Da muito usada “piedosa mentira” não era ele amigo, pois a sua maneira de ver, explicou-a um dia:

— Por que encobrir uma morte, despistar um desfecho apenas mentalmente e por horas ou dias, muitas vezes à custa da reputação doutrinária, quando o dever do espírita é vencer o transitório e fazer fincapé no eterno real? A quem não for possível falar o certo, a respeito da imortalidade que da morte decorre, também não convém prolongar as falsas esperanças. Quem governa é Deus e por leis sábias, sendo perenemente oportuno assim exemplificar, por pensamentos, palavras e atos.

E fazia-se intransigente!

Um dia, porque assim o quisesse Deus, e para nós foi bom e motivo de regozijo, Terêncio e Ismênia se casaram. Estava remediada uma lacuna; e o jovem andejo não pensaria mais em nos abandonar. Constituída a nova família, transitava felizmente por sobre os sulcos da vida. O marido era de gênio alegre e a esposa não gostava de tristezas, embora aquela tragédia a tivesse tisonado com um acento de vaga melancolia. O menino ia à escola, e bem evidenciava superior inteligência e amor ao estudo. Era, acima de tudo, muito amável de trato e obediente.

Tínhamos, pois, feito planos para auxiliar nos estudos do rapaziño. A agronomia devia saber-lhe bem, em virtude do meio em que se desenvolvia em corpo e alma, aspirações e inteligência. Nós, os homens, pensávamos assim.

Nas escritas do Céu, porém, rezavam outros destinos. E um dia, quando tudo exteriormente eram rosas e mel, o menino acamou-se sob a pressão de uma febrezinha sem importância.

Tirada uma consulta pelo próprio padrasto, anuncia o guia:

— Não posso ainda afirmar ou negar... Mas creio que de cima mandam em contrário. Todo caso, estamos nós, daqui, aguardando informes seguros da parte daqueles que são de sua região de origem. Ele veio de zona astral superior à nossa, razão porque não podemos sondar à vontade o que lhe está determinado. Deveis saber, que temos por aqui muito mais respeito pela ordem do que aí... E mesmo que tentássemos saltar por sobre tais deveres, que adiantaria? Poderíamos atingir essas moradas superiores sorratamente? Por certo que não!

E permanecemos por dois dias aguardando ordens, em cujo, ínterim, veio o médico e julgou poder debelar a febre, com o seu bom receituário.

Pela manhã do terceiro dia, fizemos outra sessão, recebendo aviso de que o mocinho não ficaria no mundo — estava sendo chamado, pelo Supremo Determinismo, em virtude de haver carência de resgate por parte de outras pessoas.

— Vocês, — mencionou o guia, — constituem um grupo de seres que já viveram em conjunto, num país europeu, e que, por medida de guerra, romperam diques e mataram por afogamento, além de o terem feito, também, por outros modos. Uns mandaram, outros executaram, e assim por diante. Muita gente que morreu na grande enchente, e outras tantas gentes que por aí vivem, tomaram parte nessa hecatombe guerreira. E como sabem, ninguém jamais matará e ficará impune! Um dia, mais tarde ou mais cedo, até pelas mortes de animais inferiores e não daninhos haverão de responder!... Disso não tenham dúvida alguma, porque a Lei nunca falha, nem se pode dizer que tarde, porque apenas dá tempo.

Vinte e poucos dias depois, sob consternação geral, o adolescente fazia o caminho de Sinhá Marta. Naquela mesma noite, fazendo preces em conjunto, comunicando-se a saudosa velhinha disse:

— Ele foi recebido por gente melhor do que nós, por ser melhor do que nós. É de justiça e amor que aqui se vive, para resumir uma infinita questão a termos comuns. Nós todos estivemos presente, e cumprimentamos pela passagem feliz;

mas ele foi levado para melhores rincões do Céu. Rejuble-se a mãe que assim perdeu supostamente a um filho, o mesmo devendo fazer quem como amigo pôde privar por um pouco com tão sublimada companhia. Curvando-nos aos desígnios do Senhor, aprendemos superiormente, e resgatamos faltas cometidas antanho, quando pautamos os atos apenas pelo crivo do mundo! Se duro é sofrer, é porque duro foi o obrigar a isso, a milhares de concidadãos do infinito! Sejamos, pois, prudentes, quer nas horas de paz, quer nas torturantes horas. Demos exemplos de fé no Senhor.

O RESGATE DE ANA

Sem dúvida que o culto da Revelação é manancial de consolo! Na paz comporta-se como jorros de luz; na tormenta faz-se sentir como unguento divinal. Há um quê da doçura indiscernível de Jesus Cristo, no trato decente com as leis do mediunismo. Há uma luz espiritual nessas coisas, que ultrapassa os limites do próprio lampejo máximo das almas superiormente clarividentes! É que, de certo horizonte em diante, as vibrações se tornam tão diferentes do conhecido e sentido no melhor cômputo terrenal, vindo então a reclamar do homem da Terra, e de nós que ainda militamos nos lares inferiores do mundo celestial, expressões de nenhuma significação real. E há quem no mundo vive a pedir provas para tanto e tudo! E há quem pretenda discernir o Céu através das apalpações grosseiras da ectoplasmia, dirigida esta, quando muito, por seres ainda de certo modo bem devedores, e, por isso mesmo, carentes de tais sofríveis manifestações.

Pobres cérebros temporais! Aprendam a sublime lição do Divino Enviado, afirmando que há mais bem-aventurança em crer sem ver... Pelo menos, atentem para esta afirmativa — que uns não podem compreender nem apalpando, nem medindo, nem trituando, enquanto outros, melhor postados na escala hierárquica, podendo ver, sentir e entender de outorga superior, dispensam-vos os reclamos presumidamente científicos! Por que, hão de querer medir aos outros por si, se não podem provar a sua melhora sobre quem quer? Por que, querem limitar ao seu o dever funcional de trabalhadores vindos de mais alto? Contentai-vos com o vosso dever, e deixem aqueles outros, os deveres que por turno lhes competir. Não coloquem pedras de tropeço na vida de servos fiéis, cuja função é alargar os horizontes do saber humano, setor onde obreiros menos taludos, nada poderiam conseguir.

Mas será do mundo, por muito ainda, o errar até por feliz intenção.

Houve um tempo, em minha vida carnal, que sair da carne e trilhar sendas erráticas era como exercitar o ato de jantar ou tomar café. Vinha um agente de plano superior ao terraqueo e dizia:

— Venha comigo.

E assim como, na hora cíclica, a crisálida deixa o invólucro, assim deixava eu o corpo, para topar feliz os patamares da erraticidade.

— Venha e veja! — gritou ao meu ouvido um dia, minha mãe.

Seriam sete da noite e, como um sono tremendo me assolasse por inteiro, eis que larguei o corpo no leito e fui-me como abençoado zéfiro.

— Missão feliz nos está afeta! — disse-me ela, numa parada momentânea.

— Mas este lugar é feio... — balbuciei, sentindo a opressão do meio ambiente.

— E queria salvar aos já salvos?!... — observou ela, de pronto.

— É exato ...

Mais feio se foi tornando o plano, à medida que mais nos fomos por seus terrenos bifurcando. Quando já havia penumbra em sobras, anunciou minha mãe:

— Dezesseis anos faz que aguardo esta oportunidade; e conto por graças do Céu tê-lo em companhia.

Os caminhos se foram tornando cada vez mais pedregosos, e torturantes, assim como mais rude o ambiente em geral. A insatisfação de alma me fazia perder o sentido das palavras que ela proferia, motivo esse que me fez interrompê-la, para o fim de focalizar sítio onde milhares de seres se achavam lavrando a terra, removendo óbices, de modos os mais rústicos e sacrificados.

— Que quer? — respondeu ela — São imensamente devedores... Como poderiam alcançar a paz, o bem estar, as esferas de amor, a permanência na autoridade, partindo do crime? E estão nesta região dolorosa, mas onde há organização social e política estabelecida à base de respeitos mútuos por se haverem capacitado das faltas morais levadas a cabo e arrependido das mesmas. Menos esta consciência de falta e aceitação penitente, e, estariam em lugares imensamente piores. Aqui, como pode ver, há esforços para a ordem e obrigações de trabalho, o que torna menos opressor o tugúrio ambiental. Não estariam inferiormente, num lugar de mais trevas e despóticos mandalhões? E se lhes bastasse a aversão à consciência do delito, para estarem a braços com lamas pútricas e cruéis títeres? Não seria muitíssimo pior?

— Que crimes não de ter cometido?

Entrementes parávamos um pouco a observar o trabalho em condições difícilíssimas daqueles infelizes irmãos, minha mãe esclareceu:

— Tanto faz seja num ou noutro sentido lavrado o crime, desde que alcance intensidade bastante para merecer purgação assim. É a intensidade, que faz variar o ambiente, pois em princípio o crime é um só. Quando disse Jesus, que aquele que infringe uma parte da Lei infringe toda a Lei, o que fez por evidenciar foi isso — que há um todo a se fracionar ao infinito, em todos os sentidos e para todos os efeitos. Assim, portanto, a tonalidade da falta determina o correspondente em purgação. No fundo, errar é sempre errar, e a Justiça Divina não seria menos justa que a dos homens, deixando de considerar artigos e parágrafos.

Dando uns passos sobre o chão pedregoso e árido, apontou com um gesto de cabeça para determinado setor, onde algumas mulheres amontoavam pedras, para limpar o terreno e aproveitá-lo nalgum fim útil, acrescentando:

— Observe aquilo...

Quais escravas jungidas ao peso de martirizantes sujeições, um punhado de mulheres lavava roupas num rio, mas um rio de águas avermelhadas!! Havia montes de roupa por lavar; e elas trabalhavam como se fossem, tangidas por medo horrível. Não havia ali quem mandasse ou policiasse o seu trabalho. Mas elas se mostravam possuídas de um frenesi opressivo, torturante, assim como se fossem temerosas de perigo iminente. Eram precipitadas e assustadiças, as pobres!

Como aquilo era triste de encarar, fiz ver a minha mãe o que sentia:

— Justiça é Justiça... Mas as mulheres causam mais pena... Não acha?...

Pôs-se minha mãe à minha frente, olhou-me bem nos olhos e respondeu:

— Nem há homens e nem há mulheres nos fundamentos, mas sim espíritos e faculdades, liberdades e obrigações, atos e consequências. Então, rapaz, pode ser que uma mulher mate, ou cometa suicídio, ou pratique qualquer outro delito e que, por ser mulher, seja menos responsável? Aí estão suicidas, assassinas e mães que deram cabo de seus mesmos filhos! Qual a distinção que seria de justiça? Convém não deixar que sentimentalismos nos invadam,

alienando de nós a consciência de ser a Suprema Justiça sem mácula. Pois não é certo que para cada ser vivente distribuiu Deus, por natureza, qualidades próprias ou elementos de valor ingênito, para que a ninguém falte o com que vencer? E menos a infelicidade por alienação mental, o que constitui por si atenuante natural, que o ser humano deixa de ser herdeiro de observações da consciência?

— De toda e qualquer forma ou ângulo porque se queira focalizar o assunto, a questão é que somos falíveis, sujeitos a falha. Eu queria saber, de que outro modo poderia ser o plano de evolução idealizado, para que a tais injunções não tivesse que ficar sujeito o ser humano.

— Eu não sei se isso tem cabimento pensar-se, meu filho. O que sabemos é que somos semideuses, que temos em nós as virtudes por despertar, os meios para realizar, a liberdade para o bem e o mal, os ensinamentos revelados, os exemplos de mestres enviados, e, naturalmente, a responsabilidade do que se faz. O que diz seria modificar a fundo o processo de individualização e evolução, e isso caberia a Deus, mais ninguém, determinar e fazer proceder, por intermédio dos seus Cristos. Eu nada lhe posso responder a respeito, sem ser que posso dizer com inteireza de razão, que os erros são feitos ou cometidos à custa de virtudes mal usadas, de atributos mal empregados. As gentes vivem a pedir que Deus se faça Justo, Bom, Piedoso, Misericordioso, esquecendo-se de que tudo isso já é em Deus.

— Gastamos tempo em pedir o que por natureza já é nosso, mas não empregamos tempo em saber e confiar, em despertar e viver, em trabalhar e servir. Um Deus que venha a se fazer Bom ou Justo, por pedidos e particularidades, isso nunca haverá, podemos garanti-lo. Cada qual que estude o que puder em si mesmo, em natureza e qualidades inatas, em possibilidades e obrigações, que é por aí que começa Deus a agir a bem da Sua Criatura.

— O velho problema fica sempre de pé, mamãe.

— Bem, se o espírito começa inconsciente, e evoluindo aos poucos erra e acerta, conquista louros ou trevas, goza a uns e purga a outros, ganhando com isso o acúmulo de experiências que o tornam autoridade e glória; e se Deus, desde o princípio quis assim e assim fez, que lhe posso dizer eu? Bem gostaria de te poder dizer coisa melhor... Mas sabe que fui uma simples mãe de

família, sem outra instrução que a rudimentar.

— Está muito bem, mamãe. A senhora é maravilhosa em bondade. Deus lhe dará sempre oportunidades felizes, porque procura sempre ser fatora da felicidade alheia, sem jamais esquecer que em Deus tudo é completo por si mesmo. Compreendo que para sermos votados a semideuses, contando com virtudes inatas e liberdade de emprego, temos também de ser responsáveis. Vindo a gozar pelos feitos está certo, vindo a sofrer por eles, certo está. Sempre achei que pretender necessite Deus de nossos avisos, para fazer-se Bom ou Justo, constitui crime, e crime de lesa fé! O justo é confiar e lutar sempre pelo melhor possível, que para isso temos natureza e faculdades.

Nesse ínterim, olhando mais detidamente para aquele conjunto de desesperadas duendes das regiões não só umbrosas mas também relativamente organizadas, pareceu-me ver Ana. Senti, então, um tremor horrível varrer-me dos pés à cabeça, várias vezes em apenas segundos! Minha mãe, que percebera isso claramente, em tom profundamente funcional me disse:

— Ou somos soldados do Senhor, ou nada! Não é para efeito de retórica que devemos saber pouco ou muito sobre a Divina Lei!

Caí, pois, numa confusão horrível, não sabendo o que dizer e nem querer. Como fosse perdendo o controle, e descobrindo isso, ela advertiu-me:

— Se quer ficar e auxiliar, levante-se em ânimo, pensando no Senhor e dizendo com firmeza: << Senhor, cumpra-se a Lei. Quero ser acima de contingências inferiores, quero ser um fiel servidor da Justiça Imaculada >>.

— Auxilie-me, por favor!... Auxilie-me!... Quero vencer!...

Pôs-me ela a mão sobre a cabeça, à custa do que fui melhorando aos poucos. Ao estar regularmente refeito, avisou-me:

— Não se esqueça da velha fábula, cujo herói fracassou e recitaram-lhe sobre os escombros: << Na hora do perigo é que se reconhece o herói >>.

— Está bem... Procurarei ser forte...

— Agora vamos ao diretor do Instituto.

E caminhamos uns quinhentos metros mais, depois do que vimos umas entradas por entre rochas escarpadas, umas furnas, que mais não eram.

— Essa gente mora em lapas?!... — indaguei, surpresíssimo.

Olhou-me ela com igual tom de surpresa, para advertir:

— E são as piores habitações?!...

— Pobre Ana!...

— Pobres vítimas do erro, pois com isso se fizeram algozes de seus semelhantes... É de bom alvitre, se quer de fato servir à Causa da Lei, safar-se do plano particular e incrustar-se no universal. O detalhe agora não deve prevalecer de modo algum, pois em face das leis básicas, todos somos como um só, sendo um só, portanto, igual a todos. Deixa Ana e encara o ser universal que carece de amparo legal. Demais, Ana não é melhor que todos os mais que sofrem ou gozam, no infinito. Nós, os mensageiros do Senhor, não queremos saber de particularidades quaisquer; queremos servir com Amor e Justiça.

— Então, por que veio ao encontro de Ana? Não poderia vir outro mensageiro?

— E sabe você de toda a extensão da Justiça Divina?

— Eu não, é claro.

Sem me dar tempo, avançou minha mãe:

— O reencontro de amigos e parentes, ou de vítimas e algozes, também forma no âmbito estratégico da ação judiciária. Tais reencontros forçam eclosões de ânimo e provocam revolvimentos interessantes para efeitos imediatos até. Todo um mundo se desdobra no íntimo das criaturas, fazendo convulsionar recalques e morbidez venenosas, sem o que certas reconquistas não se consolidam.

— Mas sofre-se muito!...

— Bem empregando a dor, nunca se perde com ela... Tal é a Lei. Quem não quiser sofrer que não erre! Não fomos feitos para o sofrimento, e, no dia em que cantarmos menos ladainhas à dor, e fizermos mais pelo amor, então tudo estará bem e de acordo com a Soberana Vontade de Deus, que são as leis básicas, as que regem o todo e a parte, variando do Céu à terra apenas em intensidade.

Entramos ao diretor.

Do contato com o diretor daquele Instituto, tivemos ordem de aguardar desfecho numa sala contígua à secretaria. Depois de alguns minutos, recebemos ordem de entrar de novo na secretaria, pois que Ana estava a caminho.

Eu guardava por fora uma paz, que era um fervilhar por dentro. Mas desejava servir, fazendo por isso um esforço medonho. Enfrentava em mim mesmo uma tremenda luta interna, um choque entre cérebro e coração.

Quando fora se ouviram conversações, pus-me em pé.

— Sente-se, rapaz. Faça de conta que tudo é como se fosse nada, pois aqui estamos representando a Justiça do Pai e não a nós mesmos. Metendo-se assim pessoalmente nas determinações do Senhor, como fazer pura obra de servo fiel?

Sentei-me; mas por dentro estava de pé e trepidante.

As vozes foram se chegando e a porta se abriu. Ana entrou, cabisbaixa, amuada como não sei o que, assim ficando à nossa frente. Milhões de pensamentos, de todas as ordens, passaram-me pela mente nuns poucos segundos, assim me pareceu.

— Ana! — chamou-a minha mãe, em vendo-a tremendamente bifurcada em tristeza contagiante, mortal.

Ela levantou a cabeça num repente. Como que movida por força íntima desconhecida e portadora de santificantes efeitos, permanecendo estática na posição que direi física, foi no entanto se transmutando nas feições, nas expressões fisionômicas, rompendo a seguir num pranto feliz, que parecia não mais querer terminar. Eu, a mando de minha mãe, fui dizer-lhe coisas de fé e confiança própria. Ela, então, pondo-se de pé, caiu-me nos braços e começou a pedir perdão pelo triste feito.

— Quanto vos terei feito sofrer!... Quanto tenho sofrido!... Não se morre e enfrenta-se, o que se faz!...

Como minha mãe me fizesse sinal para calar, assim procedi. Depois de tanto repetir ela aquelas mesmas expressões, enveredou por outros rumos:

— Nossos filhos!... Oh!... Estarão vivos?!...

Minha mãe fez-me sinal para falar; e então lhe respondi:

— Sim, Ana... Estão vivos na carne e são dois jovens fortes e belos. Um está formado em Direito e o outro, que é Isabela, embora não trabalhe é professora. Há ainda mais uns filhos meus, pois casei-me de novo...

Num arranco violento, ela me largou e pôs-se hirta à minha frente, encravando em mim uns olhares de furor. Minha mãe avançou e disse-lhe, com meiguice:

— E queria ver seus filhos sem cuidados maternos, Ana? Pode-se admitir uma mãe que pense de outro modo?

Seu cérebro deve ter concordado, mas seu coração ficou onde estava, entregue à mais pungente lassidão moral. Minha mãe lhe disse das ordens superiores, o que a fez levantar de novo a cabeça triste e em desalinho geral. Recolheu-se ela ao colo de minha mãe, que se havia sentado, permanecendo ali por bons minutos. Ao cabo deles, falou-lhe minha mãe sobre o seu destino, razão porque devia esforçar-se no sentido desejado por Deus.

— Basta de sofrer!... — gemeu ela — Quanto tenho sofrido!... Rolei nas águas por dezenas de anos!... Depois vim parar aqui, mas em lugares piores, no meio de gente ruim e onde por comida tinha raízes e até mesmo lodo sujo!...

— Não, Ana, pois você está a dezesseis anos do desencarne; a impressão é que a faz julgar o tempo tão vasto. Aliás, é sempre assim, pois a noção de tempo é segundo o estado de alma.

Ela encarou minha mãe com vigor e quis negar o que lhe dissera. E ouviu agradável resposta:

— Pois apele para o Senhor, e prometa resgatar o mais que lhe falta em obras, de aplicação socorrista, para que possamos levá-la a seus filhos, dentro em pouco. Em lhes sondando a idade, tomará conta do justo passado.

— Isso é possível?!... — exclamou ela, levantando-se.

— É realizável.

— Que devo fazer? Uma promessa?... Mas onde?...

Virou-se repentinamente para mim e perguntou:

— Meu Deus!... Nossos filhos são órfãos de pai e mãe?!...

Minha mãe tirou-a do torpor horrível, explicando-lhe:

— Cabral não morreu, minha filha... Deixou o corpo no leito.... Quanto a fazer promessas, ou por elas pedir, não é preciso mais que pensar, sentir, desejar e propor-se a executar. Nós fomos enviados para saber o que quer, por já contar a seu favor com bons dotes eivados de purgação e arrependimento sincero. Pela purgação merece sair daqui; e pelo arrependimento merece ressarcir o mais em trabalhos pelo próximo. Queira sinceramente e tudo já tem em mãos.

— Eu quero! — bramiu ela, fremente de alegria.

— Vamos à sala contígua. — disse minha mãe, tomando-a pela mão.

Sáímos de uma sala e passamos para a outra. Embora tudo fosse muito grosseiro e encravado na rocha, havia qualquer coisa de cativante em tudo aquilo. Pruridos de autoridade e sentimento de ordem, não faltavam ali. Naquela sala, uma serventúria nos veio buscar, levando-nos por um túnel, bem escuro, até certo ponto. Estacando ali, avisou-nos:

— Agora começa a clarear, de sorte que podem andar à vontade. Sairão no lado de trás da montanha, de onde fácil lhes será tomar caminho certo.

Minha mãe lhe agradecera os informes, acrescentando, porém, que podia contar com a luz própria se quisesse e fosse necessário.

— Por que não me avisou?... — voltou a serventúria.

— Está escrito na ordem de serviço, que assim tinha de se dar, para efeito de aferimentos outros; quem sabe lá o que lhe está a reservar o mecanismo da Justiça? Em servindo com amor aproveitata-se sempre, não acha?

A corpulenta mulher sorriu, agradecendo e pedindo:

— Pelo que vejo, é serva superior... Quer interceder por mim?...

— Não sou superior... Mas aviso que a verdadeira intercessão é a de ordem interna. Assim como pedir através de obras, assim obterá. A intercessão não é válida sem o concurso do merecimento pessoal, que faria ser o nosso serviço fundamentado na advocacia administrativa, o que não se pode admitir. A intercessão é por influência direta e não por escamoteação judiciária. Se quiser ser atendida, pense em mim frequentemente, que de onde estiver farei por si orações, procurando agir sobre seus mesmos sentimentos, que é o órgão-motriz da criatura. Afora isso, confesso, nada poderei fazer, por não ter cabimento em face da Justiça Suprema.

— Ouço falar tanto em intercessões!... — voltou a serventúria, aflita.

— A Justiça Divina é sem mácula, minha irmã. Os parcialismos são do mundo inferior. Deve conceber que os << sem amigos >> também são emanções do Espírito Total e não podem perder por corrupção de direitos. O que não vemos e entendemos nós, é claro, que somos exteriores, vê e entende Deus, que é cem por cento interior a tudo e todos. Justifique-se perante o sagrado tribunal

interno, que eu prometo tudo fazer por si. Mas, como disse, indiretamente; isto é, influenciando sobre o seu modo de pensar e sentir, para que possa desejar e realizar superiormente, que é de onde vem a salvação.

— Está bem...— consentiu a mulher, mas por consentir, pois revelou-se profundamente decaída em ânimos.

— Considere o seu passado, minha irmã Nice... — falou-lhe minha mãe, com inflexão de voz deveras fraternal.

— Sabe meu nome?...

— E porque está aqui... Teve posses, autoridade e muitas amizades... Comprou a Justiça das mãos daqueles que não foram dignos da investidura superior, pois as funções do mundo são reflexos da Suprema Administração, são experiências para aquilatação de merecimentos. Se o mundo está forro em autoridades que se vendem e se compram, de funcionários que enlameiam o sentido de moral funcional, que se dão a conspurcar o dever pessoal e coletivo, disso temos aqui o testemunho, nos tredos rincões infernais. Ai daquele que é investido de autoridade e a vende ou compra! Pobre de quem afrontar o decoro funcional, por mínimo que aparente ser! Não existe função meramente humana, porque toda ela deriva de superiores desígnios. E quem fraudava a lei à qual se propôs servir, é réu perante Deus!

A mulher caiu em lágrimas; e clamava a Deus perdão. Minha mãe passou-lhe as mãos pela cabeça, acrescentando:

— Trago comigo ordem de lhe falar... Sei que já merece uma melhorzinha... E tudo farei por si, mas de conformidade com os ditames do Senhor. Espere com elevação de sentimentos de dever, trabalhando e pondo amor no ato de servir, que o melhor está no seu encaicho. Até logo... Confie em Deus, confie em si...

Sáímos andando até o fim do corredor ou túnel, que dava para umas serras escarpadas, rochosas cem por cento, onde não se via um ceutil de vegetação, por mais que se procurasse com os olhos. Mas, tinha o seu porquê de bonito, de atraente, por ser imensamente asoberbante a grandiosidade do panorama. A profundidade do vale em frente, por exemplo, fazia vibrar de emoção. Parecia que atraía! Punha o coração em pinotes!

— Fechem os olhos e orem! — determinou minha mãe.

E dando-nos as mãos, sentimos que peregrinávamos pelos caminhos do éter cósmico.

— Abram os olhos! — ordenou ela, dentro em pouco.

Qual não foi meu espanto, em me ver na casa de Eliseu, estando eles em redor da mesa a fazer sessão. Quantidade enorme de seres rodeava a mesa, e silêncio de impressionar a tudo invadia. É que oravam pela abertura dos trabalhos. Como estranhasse o horário, dirigi-me a minha mãe, que me disse, baixinho:

— Foram ordenados assim... Eles já sabem do porquê.

Terminada a prece de abertura, fizeram outra pelos sofredores. E jatos luminosos dirigiram-se aos que se achavam mais afastados; foi, como de costume, um borrifar de saudáveis eflúvios sobre os menos felizes. Houve quem não quisesse aceitar, elementos rebelados ali amarrados; mas a oferta lhes foi enviada, em igualdade de condições. Não aproveitaram porque não quiseram...

E Eliseu pronunciou as palavras que houve por bem e precisas:

— Estamos, ao dispor dos amigos do Espaço, com as bênçãos de Deus!

E que bênçãos! O ambiente brilhava em luzes outras!

Cada médiun foi recebendo seu guia, como era hábito fazermos. E podia-se ver o quanto diferiam, uns de outros, em hierarquia. Ao cabo destas comunicações, minha mãe se valeu de Gisa para falar a Eliseu, dizendo-lhe estar ali Ana e a mim também. Pediu preces e para que a recebessem.

— É desvanecedor para nós, — emendou ele, — poder servir, segundo a Vontade de Deus.

Minha mãe se afastou de Gisa e colocou-lhe Ana bem ao lado. A interpenetração de fluidos foi imediata e Ana começou a falar, com conhecimento de causa, isto é, sabendo onde estava, como e para quê.

Eliseu ouviu-a com atenção e muita simpatia, pelo que se podia ver e sentir, convidando a todos para uma prece que partisse do coração. Caíram pois em si mesmos, esquecendo-se do mundo e das suas coisas. Os espíritos pareciam querer abandonar a seus corpos, transfundiram-se em luzes multicores!

— Graças a Deus! Graças a Deus!... Graças a Deus!... — foi exclamando Ana, num frenesi celestial, estonteada pelo feito.

Minha mãe chegou-se a ela e mandou-lhe que agradecesse a todos, o que ela fez e penhoradamente.

Quando Eliseu lhe perguntara sobre onde estivera até então, ela respondera:

— Podem pensar na corografia dos infernos, nunca lhe atinar com os tons e as particularidades tremendamente horríveis. Quero crer, de imediato, agora que me sinto em estado de Céu, que o pior residia mais nas impressões íntimas, do que nas realidades externas. Talvez seja isso... O pior do inferno é a imensidade impressionante do que nos vai pelo mundo interior, onde o mal exterior excita medonhos pavores íntimos! Os ambientes são pavorosos!... Os habitantes são quase todos hediondos!...

— Veio desses lugares? — quis Eliseu saber.

— Não, pois aos poucos, de acordo com as conquistas ressarcitivas, fui mudando de lugares... Muito tenuemente, mas ía variando de ambientes.

Minha mãe lhe ordenara sair, do que ela os avisara, deixando a seguir o aparelho mediúnico. Em seguida, vovera minha mãe a ocupar Gisa, dizendo dos porquês de nossas dores. Fôramos em vida amantes, causando desgraça e morte entre duas famílias, além de atirar no sofrimento a algumas crianças. A hora de solvência dolorosa tinha de chegar e chegara. Restava agora, e com sobras de júbilo, saber aproveitar do ressarcimento e do conhecimento de causa.

Depois de muitas perguntas e respostas, saiu-se Eliseu com aquela por mim esperada:

— Não seria possível a comunicação de Cabral, irmã Áurea?

— Sim, é possível. Vou retirar-me para que ele venha, pois no caso das comunicações de encarnados o fator simpatia faz-se mais necessário.

E pudemos conversar um pouco, depois do que nos despedimos. A sessão, fora encerrada sob auspícios gerais, havendo regozijo nos dois planos da vida. Digo isso referentemente aos conscientes das sagradas verdades, pois muita gente amarrada veio e assim foi! Enfim, a morte não faz milagres, porque o ser é um e uma é a Lei. No Céu ou na terra, assim como se plantar, assim se colherá.

Eu pensava que Ana viria para minha casa, para ver aos filhos. Minha mãe lhe dissera, porém:

— Um amigo levará Cabral para casa, enquanto eu a levarei comigo; isto é, para a região do merecimento, onde terá que fazer sério aprendizado socorrista. No dia em que possa servir, então será servida. Assim reza a ordem de serviço.

Ana não mudou um ceítil em expressão de semblante, contrariamente ao que eu esperava. Solenemente, pronunciou-se a respeito da ordem superior:

— Curvo-me ao Soberano Poder, consciente de que é Imaculado. Quando for de merecimento e ordem superior, quero ver a meus filhos e conhecer aquela que a bondade do Pai me fez substituir. Saberei merecer, esperar e respeitar.

Minha mãe a osculou na face, acrescentando:

— Quanto teria Jesus meditado, para recitar esta sentença: “Na vossa paciência possuireis as vossas almas” ! E a você, querida amiga de tantos séculos, informo mais o que sei, dizendo que Catarina foi ontem sua vítima, e seus filhos, desta última vida, foram aqueles mesmos que deixou sem pai, por tê-lo seduzido e com ele fugido. Tudo entre vocês está irmanado, na dor e na paz, na culpa e no resgate. Deus sabe o que faz, por leis justas, colocando a uns no regaço de outros, porque a finalidade da vida será em sabedoria e amor.

— Sinto tremenda vontade de orar! Preciso orar! — passou Ana a dizer, entrando a confranger-se toda, a olhar vagamente para o infinito em fora, como a pressentir-se além do tempo e do espaço.

— Pois então ore, que orar jamais fez mal a quem quer — anuiu minha mãe.

Ana cerrou os olhos e começou a mover de leve os lábios. Suas faces se foram banhando e tornando-se lívidas em extremo. Ao cabo de pouco, estava entregue ao mais sublimado de que poderia de si dar ou alcançar. Nós deslizávamos no éter, indo assim até certo ponto, nas fronteiras vibratórias de algum plano errático. E ali havia belezas sem conta! Era um país azulino-claro, onde tudo tressandava beleza, paz e glória!

— Aqui moro eu. — disse minha mãe.

No horizonte foi surgindo uma luz, mescla de todos os tons azulinos, coisa jamais concebível pelo raciocínio carnal. Aquela luz veio vindo, fez-se fabulosamente enorme! Do seu centro, então, dardos de luzes múltiplas começaram a jorrar, invadindo-nos de maneira inenarrável. Aquelas ondas, turbilhonantes e multicores agora, traziam consigo mensagens faladas. Eram palavras do Evangelho, sentenças do Divino Mestre, sussurros santificantes! Depois, tão lentamente como viera, assim mesmo fora se afastando de nós, desaparecendo no infinito.

Quando volvi a mim, estava acordado no corpo e banhava com lágrimas quentes, ferventes, o travesseiro sobre qual dormia. Se foi uma visão do Divino Mestre não sei; mas sei que foi glorioso o momento e inolvidável a advertência.

CONSEQUÊNCIAS SANTIFICANTES

As luzes que a Revelação esparge por sobre as almas, encarnadas e desencarnadas, alcançam montante que ao homem não se fará de pronto aquilatável. Aos encarnados escapa o cômputo por ser o meio ambiente grosseiro e a sua armadura física assaz toldante; ao desencarnado foge-lhe a consciência total, por ser ele, também, na maioria das vezes, cidadão de esfera inferior de vida. Estudando-se o mapa diagramático do planeta, mas do planeta em geral, a começar do centro e a avassalar esferas astrais, verificamos que a Revelação, até hoje, mais serviu aos planos erráticos inferiores do que mesmo ao plano carnal.

Nos planos astrais inferiores é que está o foco de atraso! E é aí que o Consolador opera sua grande função estimuladora de levantamentos em geral, por lançar legiões de seres na senda verdadeira, no caminho do autoencontro.

Em boas bases, tudo se resume em chave simplíssima:

a) Deus, Essência Divina, ponto de partida de tudo e todos, cuja magnificência em glórias e virtudes ultrapassa os limites de concepção de todo e qualquer ser relativo.

b) A chamada Criação, que é Deus Exposto, seja em que forma o for, seres ou coisas, leis e virtudes, poderes e qualidades. Por ser, tudo o que há emanação da Essência Divina, sempre vida será e alcançará singela ou combinadamente, expressões fenomênicas infinitas em projeção e mecanismo.

c) A matéria é Essência Divina, assim exposta por elaboração em autosuficiência. Das profundezas de tudo determina Deus, sendo que a mente e a ciência do homem ainda não podem aquilatar todas as condições, formas, densidades e potenciais, em que na terra e nos infintos mundos e zonas interestelares se manifesta a matéria, em seus poderes e dinamismos.

d) O ser emana da Essência Básica, com todas as características de preposto à personalidade; e lentamente vai aprendendo sobre si mesmo, isto é, sua origem e ligação com o Supremo

Todo, seu natural programa de evolução, seu dever funcional, sua magnificência espiritual. De onde vem, o que é, como é, para o que é. Quando compenetrado de que é da Essência que Deus é, sem perder a consciência individual, torna-se agente direto dela, em poder e glória, assim como se fosse da Divindade a Soberana Vontade. A capacidade em Amor e Ciência atinge cimos indiscerníveis por nós, ainda inferiores.

e) Ambientes de vida, trabalho, progresso lhe são os mundos físicos, os mundos extrafísicos, as zonas eterizadas e divinais. Embora variem ao infinito os tons ou matizes, assim é de afirmar.

f) As leis de meio e recursos são como que infundas. Todo caso, diremos a bom som que não variam as leis em si e sim os tons de capacidade das mesmas leis. Temos prova de que uma mesma lei comporta infinito poder de flexão, podendo servir, por assim dizer, no Céu e na terra. Há quem confunda variação de matizes com troca de leis. As mais fáceis de perscrutar são as de mecanismo ambiental, a de migrações, a de evolução gradativa, a de reencarnação, a de comunicação, a de mediunismo, a de hierarquia e autoridade, a de causa e efeito em geral. Possuem todas, em si mesmas e relacionadamente, um vastíssimo campo de flexão. Cumpre não confundir extensões de leis com diferentes leis. Por fim, no ápice evolutivo, o conhecimento da UNIDADE absorve tudo o mais, num poder de SÍNTESE que resume o ser em PODER e GLÓRIA. Para este estado hierárquico não existe idolatria alguma, nem suposição sequer de separação entre o PAI e o FILHO. A consciência monística é geral e total concebendo às expressões inferiores de leis, meios e recursos, como sendo apenas degraus necessários.

g) Ética e estética sublimam-se ao infinito, e ninguém tem o direito de as menosprezar, nem é desculpável que lhes negue apoio às eclosões, superiorizantes. Aos inferiores cumpre o dever de assimilar da melhor maneira ao que é superior; aos superiores não se perdoa qualquer negligência no ato de as aplicar. Todo aquele que foge ao dever imperioso de assimilar e servir, do melhor modo ao alcance e fitos os olhos nos supremos ideais, será réu de culpa e votado a duras provas! Ser da Divina Essência partícula, significa, apostolado glorioso. Deixar de trabalhar pela eclosão da LUZ INTERNA é o maior crime de que se possa alguém, tornar responsável, por ser a segura interna motivo de desserviço causado à confraria em geral. Triste é o fato de não ter! Mais triste o de não poder dar!

h) Em natureza ou leis comuns, dentro ou fora do ser, por haver sempre um ESTADO BÁSICO a servir de FONTE PERENE, tudo jamais passará de ser como é, extrair à custa de trabalho, elaborar multiformemente, ter e distribuir segundo as leis de necessidade e relações. Assim determina o princípio ordinário de vida, assim concita o Evangelho de Amor e Ciência.

i) Nem os mundos e nem os homens, nem os seres e nem as coisas, foram expostos, ou emanados, extraordinariamente ou especialmente. Isto implica em deveres político-sociais-econômicos à base de fraternidade cem por cento. Mormente em se sabendo da variação hierárquica, razão porque uns podem, e devem pensar mais e melhor do que outros. Implica isto no exercício da lei de grupos e elites, coisa de tremenda significação e responsabilidade, por pesar a LEI DIVINA em tom superior sobre aqueles que têm mais. Nunca deixará de haver variação na ordem universal, seja relativamente ao macro como ao microcosmo; e isto quer dizer que aquele que pode mais, por ter mais conseguido, mais deve também. A superioridade não se patenteia no achatamento e na exploração, ou através de usos extorsivos ocultos ou descobertos, mas sim em prodigalização de benfeitorias.

j) Moral por viver implica nisto — em virtude de Deus, de quem somos emanção, contamos com um Código Divino, que resume a LEI de AMOR ou a SUPREMA FORÇA. O seu culto ou transunto é a DECÊNCIA VIVIDA na lei de relações. Aquele que vive esta DECÊNCIA, em virtude de sua consciência MONÍSTICA, esse faz tudo o que deve em sentido religioso. Porque Deus nos quer amantes e sábios em obras, nunca, porém, fazedores de engodos e bajulações. Ai daquele que entrevar seu TEMPLO INTERNO, por gastar energias em apresentar fulgurância externa! Ninguém amará bem a Deus sem ser à base de Ciência e Amor! Quem serve ao seu próximo honra a Deus que lhe é FUNDAMENTO! Quem abandona ao seu próximo abandona moralmente a Deus! E isto tem feito que muitos cétricos alcancem glórias e que muitos sectaristas chafurdem pelos abismos! Quem quiser entender que entenda: Deus está acima de clerezias e liturgias, sectarismos quaisquer e bajulações em geral, sacramentismos e propinas. Espíritos inferiores usam de recursos inferiores, é certo, e fazendo como podem fazem o devido, mas outra é a situação e a responsabilidade dos que exploram a ignorância dos que desprezam as leis e as oportunidades evolutivas. A um degrau outro sucederá, e o normal é conseguir o melhor sempre que possível, principalmente quando se tratar de obra que presente melhoria coletiva, que tenha repercussão sobre o próximo.

l) Tendo os cleros de todos os tempos feito o possível para anular o culto da Revelação, que nunca lhes abonaria o extorquismo da fé, atiraram com isso as humanidades ao regaço do maior desleixo sobre Deus, os deveres e as consequências das obras, transformando os continentes, os países, as raças, os povos, os homens e as classes, em inimigos entre si. A culpa que vai nos cleros, por isso, é enorme! E ao cultor do Consolador, do Batismo de Espírito Santo, cumpre atentar bem para essa questão, que é a máxima. Os homens são irmãos por natureza, iguais em origem, símiles em plano e equiparáveis em finalidades! Porque varie, de um para outro em evolução, isso não significará jamais motivo de discórdias, e sim razão para mútuas obrigações de auxílio.

m) Por falar em ordens espirituais, lembramos em que infinidade delas se dividem as sociedades, quer as encarnadas, quer as desencarnadas. Ao amigo dos exercícios mediúnicos cumpre discernir, analisar, para que não doutrinem aqueles que devam ser doutrinados. Não basta ser espírito encarnado ou desencarnado; é preciso comportar evolução! A ignorância da VERDADE faz que sejam aceitos como guias criaturas que só podem desguiar.

Isto dito, vamos ao objetivo, que é vos dizer em que condições deixei a carne, vinte e dois anos depois daquela grande visão, daquele estrugir de glórias que coroou o ato de reencontro com Ana.

A vida transcorria suave e bela, emoldurada pelas alvuras espirituais que jorravam dos contatos astrais. Sentia que alguma coisa crescia em mim, tanto quanto mais passavam os dias e infusões mais sérias se iam operando entre o viver chão e as sortidas através das fronteiras da morte. Decrescia o vigor físico e expandia-se o poder psíquico. Enquanto o melancólico entardecer da vida se acentuava lento e paulatinamente, o brilharéu de uma próxima alvorada se fazia vislumbrar de pouco em pouco. Com a alma em saturas evangélicas, de tal modo me impunha ligamentos superiores, que por vezes mal distinguia entre um e outro continente. Aos solapos da decrepitude física, respondia com o vigor da mais pujante tessitura espiritual, que fizera por amearhar em longos anos de trabalho e dedicação aos deveres espirituais.

Não morri, a bem dizer, sequer um segundo! Porque nem sequer necessitei dormir o sono dos mortos, o descanso recomendável dos que o mereçam, é claro, pois há e bem os que o não fazem por

herdar. Ao mando de amigos astrais, despedi-me perfeitamente da querida esposa, dos filhos, dos genros, das noras, dos netos, dos amigos e parti, sem dar conta e nem querer saber do enterramento dos restos, da bendita máquina a qual, daqui envio minha mensagem de gratidão, na pessoa de todos aqueles que a comportam, desejando a usem de conformidade com os Supremos Desígnios.

Três dias, depois de minha largada final, voltei ao regaço familiar terreno e fi-lo curvado, sobre bons lanços de arrependimento ainda, pois nesse íterim, em companhia de inumerável falange de amizades, a par com Ana, revivi toda aquela vida em que tanto havia errado, por abandonar esposa e filhos. Ali estavam sob a capa de esposa e filhos, agora, aqueles a quem tinha custado lágrimas e dores, privações e tristezas! Que vergonha eu sentia!

— E os outros, por onde andarão? — indaguei, por entre quentes e balsâmicas lágrimas, lembrando que mais eram as vítimas de nossos desvios.

— Vossas outras vítimas já vos serviram muito; não é preciso pensar nisso...

Como não penetrasse o enredo a que minha mãe aludia, sem falar, consultei por gesto próprio, ao qual respondeu, com extrema serenidade:

— Terêncio, não serviu e não vive a servir, com a sua mediunidade de receitista e os seus grandes dotes de coração? Aquele Pedrinho amável, embora por vezes peralta, ao qual você deu amparo, e que se tornou enteado de Terêncio, não foi o mesmo filho do marido ultrajado e abandonado? Eis aí como conserta Deus ao que destrói o homem! Bendita lei reencarnacionista, oxalá bem a entendam os homens, por ser a válvula redentora e evolutiva de fato.

Podendo falar, naquela primeira visita de retorno, busquei fazê-lo por Terêncio, minha vítima de outrora. Relatei o visto em tão poucas horas, mas só o belo e gracioso. Concitei ao cumprimento do dever, segundo as diretrizes evangélicas à luz do Espiritismo. Ao deixar o médium, deixei-lhe aquilo que jamais esqueceu durante a vida, e que de mais alto me foi conferido — aumentei-lhe de tal modo o poder de visão psíquica, que o fiz dizer, durante toda a restante vida, ter visto Deus Onipresente! O que recebi isso mesmo dei: uma tremenda Luz Divinal que por mim passou!

E meus dias transcorrem felizes, porque trabalhosos, nesta hora em que a humanidade se vê a braços com o maior cataclismo cíclico de que se pode fazer menção na história planetária. Que os mentores se multipliquem em serviços! Que os missionários encarnados não descansem! E Deus abençoe o labor de todos!

F I M

AOS DESEJOSOS DE SABER

Uma série notável de obras divinistas é a que se segue, motivada ela mesma pelos fatores evolutivos da humanidade. Mais de oitenta mil anos de revelações consecutivas deram informes aos homens de acordo com o seu poder assimilativo; a cada época, a cada civilização, de conformidade com as necessidades. Em nossos dias, século vinte da Era Cristã, medida das mais perfeitas complementares, jorram sobre a humanidade. Cumpre a cada um observar o porquê de tais informes, a significação dos mesmos em matéria de responsabilidade. Ninguém, de relativo senso crítico, diria serem acidentais os livros que assim se chegam. Uma razão transcendente os tem encaminhado às mãos dos homens. Que cada um faça de sua razão o meio de penetração, de perquirição, sondando no mecanismo do Consolador o motivo mecânico, e na entrosagem cíclico-histórica a significação moral que encerram. Novos dias, perscrutam os horizontes da civilização terrícola, situando seus elementos em encruzilhadas dignas de ponderação. Novos dias valem por novas obrigações intelecto-morais e, por isso mesmo, um novo sentido de cultura espiritual-religiosa se faz mister. Tais obras visam um renovo concepcional da parte do homem, seja ele quem for. Uma é a Lei de progresso; e de seus tentáculos a ninguém será dado escapar.

LIVROS INDISPENSÁVEIS

EVANGELHO ETERNO E ORAÇÕES PRODIGIOSAS — É o prometido por Deus no apocalipse Cap. 14, versos 1 a 6.

VERDADES IMORTAIS — Este livro é um roteiro de confidências, feitas por quem poderia fazê-las, e o leitor ao término de sua leitura, saberá como pensar por si mesmo.

UM ATEU ALÉM DO TÚMULO — Qual a consequência do ateísmo vivido e transmitido aos semelhantes?

REENCONTRO NO CÉU — As famílias se desmancham na terra e refazem-se nos planos astrais da erraticidade? Mas como? Sob que condições?

A CAMINHO DO CÉU — O Divinismo é o Cristianismo reposto no lugar? Você conhece alguns detalhes históricos organizados nos planos erráticos e que tiveram em seguida repercussão no plano encarnado? Que sabe você dos trâmites que enviaram a carne Joana D'Arc, João Huss, Wicliff, Lutero, Giordano Bruno, Kardec, etc?

QUE FIZESTE DO BATISMO DO ESPÍRITO SANTO? — Que veio Jesus fazer entre os homens? Que é o Batismo de Espírito Santo? Qual o culto dos Apóstolos? Como se reuniam eles e para quê?

ÀS MARGENS DO MAR MORTO — Você sabe o que significa, para um recém-morto, uma visão retrospectiva? Você conhece alguma coisa do que restava, dos dias de Jesus, da Escola Profética Hebreia, ou Seita dos Nazireus, onde João Batista e o Divino Mestre fizeram seus aprendizados das coisas do mundo, para em seguida darem cumprimento à missão que os trouxe ao mundo dos encarnados?

CONFISSÕES DE UM PADRE MORTO — Que diria um padre, depois de morto, depois de se compenetrar do Cristianismo do Cristo, do Batismo de Espírito Santo, que Roma corrompeu como bem quis e pôde?

CONSIDERAÇÕES DE UM ANJO DA GUARDA — Que lhe diria o seu anjo da guarda, caso lhe pudesse falar franca e diretamente? Não acha que, exceção às particularidades, diria a você o que comentou de outrem?

UM MÉDIUM DE TRANSPORTES — Que consolo, que lenitivo, que bálsamo pode representar para o viajor da carne a faculdade do transporte? Poderia você, apelando aos seus guias, desejando, realizar dessas sortidas pelo mundo espiritual?

CARLITO NO CÉU — Conhece a história comovente de um menino que desencarnou e foi visitado pelo espírito de sua mãe, na sua região-moradia? Sabe que este livro encerra, como nenhum outro, textos bíblicos e elucidações ponderáveis?

ASPECTOS ERRÁTICOS — Que ideias faz do diagrama do planeta? Que sabe do que há no planeta a contar do seu centro até aos confins interestelares?

UM PROFETA DE ISRAEL — Com que faculdades volveria à carne um profeta de Israel?

CONSOLADOR, O UNIFICADOR RELIGIOSO — Este livro talvez não o daremos à publicação; mas se sair, que coisas dirá sobre as Revelações e o Batismo de Espírito Santo, aquelas como preâmbulos e este como epílogo do imenso drama religioso do planeta?

RÉUS DO CALVÁRIO — Narrativa de alguns partícipes da maior tragédia planetário-religiosa.

NAS REGIÕES INFERIORES DO ASTRAL — Como vivem as comunidades do plano espiritual, mas aquelas dos países sombrios?

ROMANCE NO CÉU — Os tresmalhos separam aqueles que se amam. Saibam da história de um casal que, depois de muitos anos de tormenta, de novo se encontram e juntos palmilham as sendas da espiritualidade superior. Como evitar que tão tristes acontecimentos ocorram? Por que atender ao império das trevas quando o fanal do amor ilumina o caminho de todos os seres?

ESCALANDO A GLÓRIA — Você também, leitor, não está galopando célere rumo aos melhores postos da hierarquia espiritual. Sua marcha é lentíssima! Por que não toma medida na experiência daqueles que já viveram mais e podem auxiliá-lo? É certo que a cada qual cumpre o despertar do CÉU INTERIOR; mas quem poderia negar o mérito, o valor de um bom conselho?

VERDADE E NÃO FANATISMO — Não é certo que a grande maioria humana acredita no seu próprio modo de crer, ou recalca do fanatismo, e com isso pensa que está sendo religiosa? Por que, então, não saber da triste história de um homem, que se acreditando ser igual a Deus, Absoluto, veio um dia a se reconhecer apenas partícula e não feliz no cumprimento do dever?